

vida pastoral

A LEI ÁUREA

LEI ÁUREA: MITO OU REALIDADE?

Theresa Santos — p. 2

13 DE MAIO OU 20 DE NOVEMBRO?

Helena Theodoro Lopes — p. 7

IGREJA E ESCRAVIDÃO DO NEGRO NO BRASIL

Das algemas

à Lei Áurea e à Rosa de Ouro (1888)

Fr. Oscar de Figueiredo Lustosa — p. 12

A IMPRENSA E A LEI ÁUREA

Francisco Assis M. Fernandes — p. 20

22º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS (15 de maio de 1988)

Pont. Comissão para as Comunicações Sociais — p. 24

PASTORAL COM OS AIDÉTICOS

Léo Pessini — p. 29

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. José Bortolini — p. 37

MAIO-JUNHO DE 1988

ANO XXIX

140

ep

REVISTA PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL

vida pastoral

revista
para sacerdotes
e agentes de pastoral

Editora
Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos)

Diretor
Pe. Ângelo Sônego

Redator
Pe. José Bortolini

REDAÇÃO
Rua Dr. Pinto Ferraz, 183
04117 São Paulo - SP
Fone: (011) 572-2362

Equipe de redação

Euclides M. Balancin
Pe. Ivo Storniolo
Pe. Manoel C. Quinta
Pe. Zolferino Tonon

ADMINISTRAÇÃO

Via Raposo Tavares, km 18,5
Cx. Postal 8.107 - 01051 SÃO PAULO, SP
Fone: (011) 268-6141 (Horário Comercial)

© By EDIÇÕES PAULINAS — SÃO PAULO

CENTROS DE DIFUSÃO DE "EDIÇÕES PAULINAS"

- | | |
|--|--|
| 66020 Belém, PA
Rua O de Almeida, 545
Tel.: (091) 222-2437 | 90020 Porto Alegre, RS
R. dos Andradas, 1.212 — Tel.: (0512) 21-0422 |
| 30170 Belo Horizonte, MG
Rua Curitiba, 870
Tel.: (031) 224-2832 | 50010 Recife, PE
Rua Frei Caneca, 59 — Loja 1
Tels.: (081) 224-5812 — 224-6609 |
| 70300 Brasília, DF — SCS — Q. 05
Bl. C — Lojas 18/22 — Cx. P. 142.296
Tels.: (061) 225-9595 — 225-9664 | 14015 Ribeirão Preto, SP
Rua S. Sebastião, 621 — Tel.: (016) 634-9203 |
| 13015 Campinas, SP
Rua Barão de Jaguara, 1.163
Tel.: (0192) 31-5866 | 20031 Rio de Janeiro, RJ
R. México, 111-B — Tel.: (021) 240-1303 |
| 79013 Campo Grande, MS
Rua Marechal Rondon, 1.284
Tel.: (067) 382-3251 | 20050 Rio de Janeiro, RJ
R. 7 de Setembro, 81-A — Tel.: (021) 224-3486 |
| 95010 Caxias do Sul, RS
Avenida Júlio de Castilhos, 2.029
Cx. P. 173 — Tel.: (054) 221-8266 | 40110 Salvador, BA
Avenida 7 de Setembro, 680
Tel.: (071) 241-0046 |
| 78030 Cuiabá, MT
Rua Antônio Maria, 180
Tel.: (065) 321-1827 | 65000 São Luís, MA
Travessa Dom Francisco, 12 — Centro
Tel.: (098) 221-5026 |
| 80020 Curitiba, PR
Rua Voluntários da Pátria, 225
Cx. P. 6.128 — Tel.: (041) 224-8550 | 01001 São Paulo, SP
Praça da Sé, 180 — Tel.: (011) 37-9524 |
| 60025 Fortaleza, CE
Rua Major Facundo, 332
Tels.: (085) 226-7544 — 226-7398 | 05550 São Paulo, SP
Via Raposo Tavares, Km 18,5
Cx. P. 8.107 - Tel.: (011) 268-6699 |
| 74000 Goiânia, GO
Rua 6, 201 — Centro
Tel.: (062) 223-6860 | 04010 São Paulo, SP
Rua Domingos de Morais, 660
Tels.: (011) 549-9777 — 549-7628 |
| 88300 Itajaí, SC
Praça Irineu Bornhausen, s/n
Edif. Paroquial — Tel.: (0473) 44-3371 | 01013 São Paulo, SP
Rua 15 de Novembro, 71 — Tel.: (011) 36-4418 |
| 36013 Juiz de Fora, MG
Rua Braz Bernardino, 172
Tel.: (032) 213-2160 | 04013 São Paulo, SP
Rua Azevedo Macedo, 129 — Cx. P. 45.352
Tels.: (011) 572-4199 — 549-8298 |
| 87013 Maringá, PR
Praça Napoleão M. da Silva, 469
Cx. P. 365 — Tel.: (0442) 22-2213 | 05531 São Paulo, SP
Via Raposo Tavares, Km 19
Cx. P. 26.050 — Tel.: (011) 268-1444 |
| 24020 Niterói, RJ
Rua Doutor Borman, 33
Tel.: (021) 718-3995 | 08010 São Paulo, SP
R. José Dias Miranda, 100
São Miguel Paulista |
| | 04743 São Paulo, SP
Rua Manoel Borba, 72
Santo Amaro — Tel.: (011) 521-8277 |
| | 29010 Vitória, ES
Rua Barão de Itapemirim, 216 — Centro
Tel.: (027) 223-1318 |

vida pastoral

REVISTA PARA SACERDOTES
E AGENTES DE PASTORAL

ANO XXIX - NÚMERO 140
MAIO-JUNHO DE 1988

Aos nossos leitores

Repercute nacionalmente o centenário da promulgação da Lei Áurea (1888-1988). O evento, que serviu de enredo para escolas de samba e já produziu um número considerável de artigos e estudos, prolonga agora o tema da Campanha da Fraternidade. Diante do acontecimento, também nós nos perguntamos: "Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?" Indo um pouco além, e penetrando na realidade que nos toca, indagamos: "Cem anos de liberdade, ou cem anos de luta?"

A proposta deste número é muito singela diante da amplitude do tema. Talvez seu valor maior esteja no fato de abrir espaço para reflexão dentro da Igreja que, em relação à escravidão, tem uma dívida moral pesada por não ter discernido em tempo seu papel de fermento transformador na sociedade.

Abrimos este número com **LEI ÁUREA: MITO OU REALIDADE?** **Theresa Santos** nos ajuda a entender que essa Lei não é fruto maduro da consciência da liberdade e dignidade das pessoas, mas resultado de pressões e interesses de todos os tipos. Os negros foram mais iludidos que libertados.

No dia 20 de novembro de 1695 o negro Zumbi dos Palmares foi barbaramente assassinado e mutilado. Sua cabeça ficou exposta no Recife "para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente o julgavam imortal". O martírio de Zumbi é semente e luz para as lutas em vista da organização e libertação dos negros. Por isso, **Heleena Theodoro Lopes** nos pergunta: **13 DE MAIO OU 20 DE NOVEMBRO? Quem revive nas lutas dos negros: a Princesa Isabel ou o Mártir Zumbi?**

Fr. Oscar de Figueiredo Lustosa, historiador, em **IGREJA E ESCRAVIDÃO DO NEGRO NO BRASIL**, nos mostra um quadro realista: a convivência e conveniência da Igreja em relação à escravidão.

Quisemos, também, mostrar a nossos Leitores o papel dos meios de comunicação dentro desse contexto. Em breve artigo, **Francisco Assis M. Fernandes** discorre sobre a **IMPRENSA E A LEI ÁUREA**, pondo às claras os jogos de interesses e as forças do poder.

No dia 15 de maio celebramos o 22.º Dia Mundial das comunicações sociais, com o tema "Comunicações sociais e promoção da solidariedade e da fraternidade entre os homens e os povos". Acharmos útil reproduzir aqui o texto da Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais e a mensagem do Papa, referentes a essa data.

Consideramos oportuno publicar a colaboração do **Pe. Léo Pessini** sobre a **PASTORAL COM OS AIDÉTICOS**. O artigo colhe experiências de trabalho como capelão no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e do Hospital Emílio Ribas (SP).

Os **ROTEIROS HOMILÉTICOS** deste bimestre procuram ajudar os que têm a missão de anunciar responsavelmente a Palavra, a fim de que conscientize, ilumine e esclareça a caminhada do Povo de Deus. Enquanto propostas, são passíveis de críticas, ajustamentos e apoio. Desde já somos gratos a quantos quiserem, por escrito, manifestar o modo como estão recebendo e aproveitando essas propostas.

Pe. José Bortolini

LEI ÁUREA: MITO OU REALIDADE?

Theresa Santos

Por mais de três séculos a escravidão do negro foi praticada em todo o Brasil sem que ninguém questionasse tal fato. A Igreja como instituição argumentava que este fato ajudava o negro a sair da ignorância e do estado animalesco em que vivia e, convertido ao cristianismo, salvava assim sua alma, libertando-se do pecado e penetrando no reino do céu.

Politicamente, a Igreja tinha a mesma posição dos escravocratas, pois de tal situação ela sempre tirava algum proveito e, para justificar esta postura, invocava sempre os preceitos religiosos, a vontade de Deus que criava os ricos e os pobres, os homens livres e os escravos, gerando com isto na consciência de uns e outros a aceitação dos fatos, sem nenhuma revolta ou remorso.

Quando alguma insurreição havia, o homem escravo fugia ou organizava-se em sociedade que era denominada quilombo, e fazia de lá um pólo irradiador dos sentimentos de liberdade.

Hoje, quando o Brasil se prepara para "comemorar" o Centenário da Abolição, muitas interrogações se levantam de uma parte e de outra: A primeira delas bastante impertinente:

- Quem comemora o quê? A sociedade dominante que sempre usufruiu os benefícios dos explorados até os nossos dias; quando o negro ainda continua lutando, cem anos após sua libertação, pelo direito de sua cidadania?
- Afinal, o que foi a Lei Áurea para os negros e o conjunto da sociedade brasileira?
- Quem foi o maior beneficiário com as Leis assinadas para "proteger" o escravo, tais como: a Lei de 1831 que proibia o tráfico negreiro, a Lei do Ventre Livre e a Lei do Sexagenário?
- Qual foi o papel do negro escravo ou liberto no processo da Lei Áurea?

Estas são questões às quais é preciso responder após reflexão e discussão entre as diferentes camadas, pois um país que se pretende democrático, só o será quando for totalmente livre.

1. A Inglaterra e a pressão internacional

O tráfico negreiro já tinha sido abolido por todos os países colonialistas, afora Portugal que resistia às pressões recebidas. Mas em 1810, dependente economicamente da Inglaterra, sente-se obrigado a assinar o tratado da Aliança e Amizade, mas sem nenhuma intenção de cumpri-lo, pois sentindo ameaçados seus interesses, recrudescer o tráfico negreiro. Em 1815 realiza-se o Congresso de Viena, com a participação da Áustria, França, Prússia,

Rússia, Suécia, Espanha e Inglaterra, onde é elaborada a Declaração das Potências, que abolia o tráfico de escravos. Só então Portugal assume esse compromisso.

Desse Congresso foram tiradas as seguintes resoluções:

"Que o comércio conhecido com o nome de tráfico dos negros da África tem sido encarado pelos homens justos e esclarecidos de todas as épocas como repugnante aos princípios de humanidade e de moral universal;

Que as circunstâncias particulares a que este comércio deveu a sua origem e a dificuldade de interromper repentinamente o seu curso, puderam encobrir até certo ponto o que havia de odioso na sua conservação: mas que, enfim, a voz pública se levantou em todos os países civilizados, pedindo que seja suprimido o mais depressa possível;

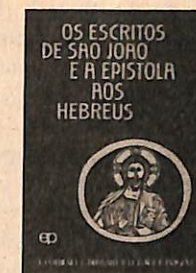
Que depois que o caráter e as particularidades deste comércio têm sido mais bem conhecidos, e os males de toda espécie, que o acompanham, completamente patenteados, muitos dos governos europeus tomaram com efeito a resolução de o fazer cessar, e que sucessivamente todas as potências, que possuem colônias nas diferentes partes do mundo, têm reconhecido, já por atos legislativos, já por tratados e outros compromissos formais, a obrigação e a necessidade de o abolir".

Mas a diplomacia portuguesa, ao contrário dos desejos da Inglaterra, consegue do Congresso que o comércio não fosse declarado desde logo ilícito, e que a fixação do prazo para o seu completo repúdio ficasse a critério de cada nação. Com isso Portugal se protege para continuar com o tráfico negreiro, e a Inglaterra, dois anos depois, começa o *direito de visita e busca*, ou seja, faz busca e apreensão nos barcos mercantes sob bandeira portuguesa, desde que se suspeitasse a existência de escravos.

Quando o Brasil começa seu movimento pela independência, faz tratados diretamente com a Inglaterra, sem entretanto abandonar os vícios portugueses, o que suscita nos ingleses uma grande intransigência no que concerne ao tráfico de escravos, a ponto de reconhecerem o novo império em troca da imediata abolição do comércio negreiro no Brasil. Está claro que, em 1822, após a independência, o império do Brasil continuou o tráfico negreiro sem se preocupar com o compromisso antes assumido, tornando insuportáveis as condições de vida do escravo, e reduzindo consideravelmente sua longevidade. A Inglaterra torna-se implacável ao reclamar o cumprimento do tratado: aprisiona barcos em alto mar; e, ao diminuir a mão-de-obra na lavoura

ep novidades
edições paulinas

OS ESCRITOS DE SÃO JOÃO E A EPÍSTOLA AOS HEBREUS — VV. AA. — Os escritos joaninos (IV evangelho, epístolas e Apocalipse) são estudados a partir da formação, origem, destinatários, autor e teologia. O mesmo acontece com a Epístola aos Hebreus, cuja cristologia é tratada com muita propriedade. Obra destinada particularmente a professores e estudantes de Bíblia. — 368 páginas, Cz\$ 980,00.



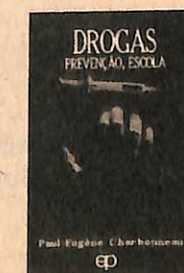
CEBs, PODER, NOVA SOCIEDADE — Adelina Baldissera — O livro enfoca o processo das relações de poder nas CEBs da Igreja Católica do Brasil, na perspectiva da construção da nova sociedade. Essa proposta se insere num contexto mais geral, representado por um movimento de idéias e práticas junto às classes subalternas, por setores e parte da hierarquia católica no Brasil. — 132 páginas, Cz\$ 570,00.

O QUE É AIDS? Manual para agentes de saúde — Este pequeno manual foi escrito para que os agentes de saúde conheçam melhor a AIDS, uma doença mortal para a qual ainda não existe tratamento nem vacina, e que se alastrou pelo mundo inteiro. Livrinho elaborado pela Comissão Médica Cristã com o objetivo de apoiar as igrejas em seus esforços de prevenção contra essa doença. — 32 páginas, Cz\$ 50,00.



REFORMA AGRÁRIA: Necessidade urgente — Marcelo W. Paiva — Analisa sobretudo o aspecto social da reforma agrária. A partir dos dados referentes à realidade brasileira, emerge a urgência da reforma agrária, apresentada não somente como solução da crise social do país, como também da crise populacional nas grandes cidades, do desemprego, da fome e de tantos males que afetam a nação. — 88 pp., Cz\$ 180,00.

DROGAS: Prevenção, escola — Paul-Eugène Charbonneau — A primeira parte deste livro fornece elementos de reflexão capazes de levar os jovens a opções construtivas em suas vidas. A segunda oferece elementos necessários a uma informação rigorosamente objetiva, suficientemente ampla, que se fundamenta sobre os dados indiscutíveis que as ciências oferecem. Livro para jovens e educadores. — 176 pp., Cz\$ 300,00.



brasileira, cria uma dependência econômica que, para poder supri-la, o Brasil aprova em 1831 a Lei Euzébio de Queiroz, extinguindo assim o tráfico negreiro. A partir desse momento, todo negro, desembarcando no Brasil, deveria ser totalmente liberto ou repatriado ao país de origem.

Nada disso aconteceu. Os negros continuavam a ser vendidos com a justificativa do Governo da escassez de recursos (o que é óbvio, pois o legislativo era formado por escravocratas!). Outra alternativa seria não deixar os navios aportarem, devendo então os negros regressar, ou então, deixar todos desembarcar e declará-los livres.

Na realidade, esses homens eram arrematados pelo Governo e vendidos àqueles que eram chamados de "pessoas de inteira probidade", que eram nada mais que senhores de terras residentes na corte. Segundo a Lei esses negros eram livres, e o pagamento por seu trabalho, depositado em juízo.

Nunca se soube de alguma prestação de contas a esses escravos que, posteriormente, eram declarados, através de atestados falsos, como mortos, fugidos ou, então, vendidos para personalidades residentes em locais distantes.

O líder abolicionista Joaquim Nabuco justificava a fraude de que os negros eram vítimas dizendo "que era uma forma de socialismo do estado para beneficiar uma oligarquia consolidada, inteligente e patriótica".

Nove anos após a abolição do tráfico negreiro, dava-se conta ainda de trinta mil negros contrabandeados, e os depósitos de venda funcionavam livremente no Rio de Janeiro. A Inglaterra não dá tréguas aos navios negreiros, ataca-os em águas e portos brasileiros; apesar disso, em 1849, aportam cinquenta e quatro mil escravos; em 1850 vinte e três mil e em 1855, dezoito mil só em Pernambuco. Como podemos constatar, a Lei de 1831, apesar de todas as pressões internacionais, só passa a ser cumprida vinte e quatro anos depois.

2. O negro e a Guerra do Paraguai

Crescem o número de fugas e a formação de quilombos; em consequência disso discute-se cada vez

mais a emancipação dos escravos apesar da resistência dos latifundiários a qualquer avanço. Entretanto, estoura a Guerra do Paraguai, e o Brasil necessita de soldados. O negro, até então indispensável na lavoura, passa a compor as linhas de frente do exército brasileiro, pois o Governo lhe acenava a carta de alforria para incentivá-lo a partir para a luta, beneficiando também a senhores que ambicionavam títulos de nobreza e demais benesses do Governo. Outros se utilizavam do negro para furtar-se a si próprios e a seus filhos do serviço militar, e ainda obtinham as graças do imperador, oferecendo escravos para lutar pelo país.

Por outro lado, muitos escravos preferiam a luta nos campos de batalha que a morte por mau trato nas lavouras do senhor. Eles seguiam nos pelotões de frente para, com seus corpos, protegerem os poucos soldados brancos e senhores que porventura aí estivessem. Foi uma guerra genocida onde o negro brasileiro era estupidamente assassinado para defender um país que só o tratava como animal, sem nenhum respeito devido aos humanos.

Terminada a guerra, muitos senhores tentaram recapturar os sobreviventes, e pela primeira vez houve um movimento de apoio e simpatia pelos negros que haviam combatido. O governo procurou garantir a liberdade prometida no início da guerra, ficando assente que um voluntário da Pátria não deveria voltar a ser escravo.

Cresce a partir daí o contingente de negros libertos, e a campanha pela emancipação recrudescer; grêmios, clubes, associações abolicionistas são organizados.

Luiz Gama, advogado negro, filho de um português e de uma negra escrava, vendida pelo próprio pai, na luta pela sua raça organiza campanhas jurídicas pela emancipação do escravo. Na luta, Luiz Gama disse: "Todo escravo que assassina seu senhor pratica um ato de legítima defesa".

Luiz Gama é uma ameaça aos proprietários de escravos, e a apreensão deles dá impulso à luta e renova o entusiasmo dos abolicionistas.

3. As Leis e os escravos

Lei do Sexagenário: Com a criação da Lei do Sexagenário, todos os escravos acima de sessenta anos são imediatamente libertos. Essa Lei, na realidade, só beneficiava os senhores de escravos e não os negros, porque frente ao regime de trabalho, o tempo de vida era muito curto, e os negros que conseguiam sobreviver acima de quarenta anos estavam estropeados ou imprestáveis para qualquer tarefa.

Levas e levar de velhos e aleijados eram abandonadas, transformando-se em mendigos morrendo à míngua, pois não recebiam qualquer auxílio dos poderes públicos.

Fundo de Emancipação: Com o fim do tráfico negreiro, era necessária a preservação dos escravos existentes. Diminuiu o uso de açoites, e o escravo passou a ter direito de alforria quando depositasse o valor de sua compra. Proibiu-se a venda separada de escravos casados e filhos com menos de quinze anos. Todas essas medidas, embora fossem constantemente burladas, eram de qualquer forma um grande ganho para os escravos.

Ao mesmo tempo, o Governo procura formas de proteger e indenizar os senhores, e institui o Fundo de Emancipação: mediante indenização, os senhores podiam emancipar seus escravos.

A escolha destes para serem libertos era da competência de seu proprietário, que se aproveitava disto para libertar o escravo com menos de sessenta anos, mas inapto para o trabalho, seja por razões de saúde ou rebeldia; era também fonte para ressarcimento de gastos, visto que o preço pago pelo Fundo de Emancipação estava acima do mercado e servia até para "libertar" escravos já mortos.

Por outro lado, quando o proprietário de escravo libertava um negro em condições para trabalhar, segundo a lei que regia o Fundo de Emancipação, este mesmo senhor tinha o direito de contratar seu ex-escravo pelo prazo de cinco anos, e se este fugisse, seria preso por vadiagem, e trabalharia gratuitamente para o Governo.

Quando, em maio de 1871, se coloca em discussão a Lei do Ventre Livre, o direito de propriedade foi o argumento mais usado pelos escravocratas, como se os negros fossem coisas e não homens. Torres Homem, político negro, se insurge contra os senhores de escravos e afirma: "É uma monstruosa violação do direito natural. A maioria dos escravos brasileiros descendia de escravos introduzidos no país por um tráfico não só desumano como criminoso. Nada pois mais justo que se tomassem medidas para acabar com a escravidão".

Finalmente, a 28 de setembro de 1871 foi promulgada a Lei do Ventre Livre.

Lei do Ventre Livre: "Artigo 1º: Todos os nascidos de ventre escravo no Brasil serão considerados livres da data da presente Lei em diante".

"Artigo 2º: Os senhores de escravos ficam obrigados a libertar os mesmos escravos toda vez que estes, pela sua alforria, derem uma quantia igual àquela por que foram comprados, doados ou havidos por qualquer título".

ATELIER "LE VITRAIL" avant garde na arte sacra



- criadores do vitral inquebrável na textura dos vidros belgas
- desde 1973 com cerca de 10.000 m² instalados
- padrão técnico e artístico de nível internacional (exportamos)
- arte e sensibilidade a preços altamente competitivos

NOVO!! SENSACIONAL!!! BLOCLITE® — uma resposta às suas preces



- elemento vazado vitralizado
- inquebrável
- os vidros fundidos têm a transparência do cristal
- qualquer combinação de cores
- dispensa caixilhos
- qualquer pedreiro instala
- dezenas de modelos em cerâmica ou concreto
- despachamos qualquer quantidade para toda a América do Sul
- sem compromisso executamos qualquer projeto dentro do seu orçamento
- Solicite mais informações e catálogos da nossa linha BLOCLITE® e vitrais
- visite nosso show-room e fábrica em prédios próprios em Itu



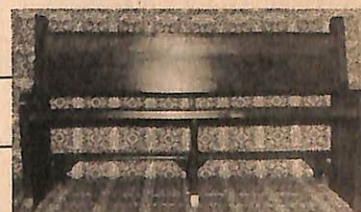
Praça Padre Miguel, 93
CEP 13300 ITU, SP
Tel.: (011) 482-2077
Qualquer horário

BANCOS PARA IGREJAS

ALTARES, GENUFLEXÓRIOS PARA IGREJAS,
CAPELAS, SANTUÁRIO

- Imbuia maciça • Diversos modelos
- Maquinário e pessoal especializado

- Melhores preços — 3 pagamentos sem acréscimo
- Solicite orçamentos sem compromisso



FARIMÓVEIS IND. COM. LTDA.

R. Das Antas, 144 — ANDIRÁ — PR
CEP 86380 — Fone (0437) 33-2225 (com Sirleny)

Na realidade, a Lei do Ventre Livre era uma concessão política aos abolicionistas que, nessa época, viviam em efervescência; os escravos, como com as outras Leis, pouco se beneficiaram delas.

Ora, os senhores continuavam na posse do menor até a idade de vinte e um anos, e o trabalho dessa criança não diferia do trabalho dos escravos, sendo este o período em que o escravo era economicamente mais rentável.

A alienação do menor aos oito anos era outra saída para o senhor de escravo que percebia uma indenização no valor de seiscentos mil réis, praticamente o preço de um escravo adulto.

Era na realidade um estado de *servidão* temporária, além de que os maus tratos em excesso, proibidos para a criança ou mãe, eram uma forma de preservar e estimular o crescimento da mão-de-obra escrava.

Por outro lado, no decorrer do tempo, idades de crianças eram aumentadas, como forma de burlar a Lei, para que fossem vendidas como nascidas antes de 1871.

4. Lei Áurea? Liberdade?

Mas o Brasil continuava a ser um país que vivia da mão-de-obra escrava. Era praticamente a mancha que maculava a América, e os protestos internacionais se faziam sentir cada vez mais fortes na luta pela abolição total da escravatura.

Por outro lado, a supressão do tráfico de escravos — que aconteceu na realidade em 1855 — tinha sido um duro golpe para os escravocratas, cientes de que, mais cedo ou mais tarde, a servidão seria abolida.

A dependência econômica do Brasil em relação à Europa e aos Estados Unidos após a Guerra de Secessão, e a abolição do trabalho escravo, pressionavam violentamente o Governo brasileiro, e o advento da revolução industrial, que não comportava trabalho escravo, não só empobrecia a oligarquia brasileira como indicava o fim do trabalho escravo.

Outro fator importante para o término da escravatura no Brasil foi a revolta dos negros aqui chegados, que se insurgiram contra sua condição de escravo. Foi então fundada a República Livre de Palmares, única democracia que de fato aconteceu no Brasil, durante sessenta e cinco anos, resistindo a toda e qualquer tentativa de destruição.

No decorrer dos séculos, quilombos foram explodindo em todos os cantos do país. Insurreições pipocavam com as revoltas dos chamados malês na Bahia, que aconteceram sucessivamente de 1805 a 1835; a revolta de Manuel Balaio, sendo em dado momento impossível para os senhores de escravos conter a rebeldia negra, o que os leva a proceder desesperados à venda dos que ainda permaneciam nas senzalas e que, por atos, pudessem influir no comportamento dos escravos.

As províncias começam a extinguir o trabalho escravo independente de qualquer postura do poder central: Ceará, Rio Grande do Sul, Taubaté, Santos, e por outro lado, as fugas de escravos que se intensificam. Assim chegamos às vésperas do 13 de maio com uma população livre que de dois milhões em 1822, passa a catorze milhões em 1887; a população escrava, que em 1872 era de um milhão e meio, cai em 1887 para cerca de setecentos mil. No Rio de Janeiro, o número de escravos, que era cerca de cem mil em 1864, cai para pouco mais de sete mil em 1887. Em São Paulo existiam somente seiscentos escravos.

Como podemos ver, não foi a Lei Áurea quem libertou os negros; aliás, eles não viram essa liberdade cem anos depois, assim como o conjunto da população brasileira que continua no regime de semi-escravidão, pois um povo sem terra não pode ser livre. Mas a luta, a revolta dos negros em busca da liberdade e as implicações políticas e econômicas obrigaram, a 13 de maio de 1888, a declarar extinta a escravidão no Brasil.

O que se coloca hoje é saber se cada um de nós, negros e não negros, temos que continuar a luta em busca da verdadeira liberdade e emancipação do povo brasileiro. ■

13 DE MAIO OU 20 DE NOVEMBRO?

Helena Theodoro Lopes

Muitas têm sido as reflexões sobre *13 de maio* e inúmeras as indagações sobre *20 de novembro*. Pesquisadores, estudiosos e militantes têm dito que 13 de maio deverá servir apenas como marco de avaliação e reflexão sobre o que significou para a massa negra o término do trabalho escravo e a sua colocação em outro tipo de ordenação social, outro universo de trabalho, competitivo e selvagem, no qual todos os privilégios foram conferidos a outro tipo de trabalhador, importado, branco, já que a partir daí passou-se a caracterizar o negro, o escravo, como ocioso, incapaz, sem tradição familiar, portanto, sem condições para se engajar eficientemente no trabalho livre. Vamos analisar aqui as causas de tal posicionamento e o significado de 20 de novembro para os negros brasileiros.

1. Idéias dominantes de 1865 a 1888

Em 1865 o Brasil era uma anomalia política nas Américas, já que os hispano-americanos lutaram para se livrar completamente da coroa espanhola e os brasileiros tinham marchado para a Independência sob a égide de um Bragança. Era, também, uma anomalia econômica e social, já que nossa economia era essencialmente agrária, tolerando a escravidão, apesar do fim do tráfico em 1850.

Até 1865 a base da filosofia e da política dominantes no país era uma justaposição de idéias importadas da França. Era o chamado ecletismo que, segundo Skidmore, conquistou os mais influentes pensadores do século XIX no Brasil.¹

O clima na política era de conciliação partidária, havendo dois partidos — o Liberal e o Conservador — sendo que em dado momento os políticos não viam claramente a diferença ideológica entre eles.

O Império era centralizador, apesar de D. Pedro II ser mais liberal e aberto em questões sociais do que a maioria da velha elite política. Seu papel fora justificado por juristas constitucionais pragmáticos e por filósofos ecléticos.

A literatura se caracterizou pelo Romantismo, com pensamento e obras grandemente influenciadas pela Europa, num culto à natureza, que bem revelam o romantismo europeu. O índio tornou-se o símbolo das aspirações nacionais brasileiras.

Como afirma Antonio Candido,² um tradicionalismo jesuíta, apoiado numa economia agrária e numa ideologia "romântica", marca o Brasil de 1865. Essa tradição foi transformada pelo liberalismo político, que gerou a forma híbrida da monarquia liberal brasileira.

A Guerra do Paraguai vai mudar o sentimento

nacional, estimulando a elite brasileira a reexaminar o conceito de nação. O positivismo invadiu a Escola Militar do Rio, difundido pelo oficial-professor Benjamin Constant, adquirindo força e se alastrando por todo o Brasil.

Foi neste clima que surgiu o movimento abolicionista. A oposição à escravidão custou muito a tornar-se força política decisiva no país. Algumas vozes haviam se levantado desde o início do século, sendo José Bonifácio a que em 1825 apresentou uma proposta para a abolição. A Guerra do Paraguai deu oportunidade para uma primeira medida nesta direção, já que o imperador decretou em 1866 que os escravos em serviço militar receberiam alforria prévia e incondicional.

Após a guerra, o governo enfrentou o problema dos escravos, apesar de não haver nenhum movimento abolicionista organizado. Tavares Bastos, escritor liberal, pede uma abolição gradual, assim como o Partido Liberal.

2. O Abolicionismo

O primeiro passo legal para a abolição foi dado pelo Visconde do Rio Branco que, em 1871, conduziu até à aprovação a Lei do Ventre Livre, que declarava livres todas as crianças daí por diante nascidas de mães escravas. Essa lei, no entanto, não mudou muita coisa, já que o senhor podia recusar o pagamento da indenização do governo quando a criança atingia oito anos, tendo ainda a opção de mantê-la, embora nascida livre, até a idade de vinte e um anos. Mantinha-se, assim, uma escravidão de fato.

Em 1879 a questão é debatida no Parlamento, por iniciativa de Jerônimo Sodré. Neste mesmo ano chega à Câmara como deputado por Pernambuco Joaquim Nabuco, que logo se tornaria o líder do movimento abolicionista em formação. Em 1883 os abolicionistas fazem uma campanha nacional. Em 1884 as províncias do Ceará e do Amazonas libertam todos os seus escravos. Em 1885, o Parlamento aprovou a Lei do Sexagenário, que declarava livres todos os escravos entre sessenta e setenta e cinco anos, embora fossem obrigados a dar mais três anos de trabalho a seus ex-senhores. Em 1887, a escravidão estava moral e politicamente minada: escravos fugiam de seus senhores, o exército recusava-se a caçá-los, e os juízes ignoravam as reclamações dos proprietários.

Em função dos acontecimentos, chegou-se à lei emancipadora, de 13 de maio de 1888, oriunda de um gabinete conservador, liderado por fazendeiros que haviam lutado antes pela preservação da escla-



CASA DEL VECCHIO
COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.

ÓRGÃOS NACIONAIS E IMPORTADOS

VIOLOES — GUITARRAS

AMPLIFICADORES E FANFARRAS

Rua Aurora, 185 — Fone: PBX 221-0099 — Caixa Postal 611
São Paulo — SP.

vidão. Tal fato se deve à compreensão que tiveram, de que a transformação da mão-de-obra escrava em assalariada seria inevitável, podendo até ser benéfica: os trabalhadores livres seriam menos onerosos do que os escravos, e mais eficientes. Além disso, o fato da elite fazendeira comandar o processo final da abolição a deixaria no controle do governo, de forma a impedir a ascensão de abolicionistas empenhados em fazer a reforma agrária, que seria o reflexo natural desse processo.

Por sua vez, os abolicionistas aceitavam as teorias racistas provenientes da América do Norte e da Europa, tendo por alvo um Brasil mais branco. Joaquim Nabuco, por exemplo, dizia que, se vivesse no século XVI, ter-se-ia oposto à vinda de negros para o Brasil com o mesmo empenho que se opunha agora à vinda de trabalhadores chineses. Lamentava, inclusive, a não permanência dos holandeses no país, por volta do século XVII.

A questão "raça" raramente era discutida pelos abolicionistas, que, preocupados com o "fator étnico", partilhavam da crença geral de que a sociedade brasileira não tinha preconceito racial. Afirmava Nabuco em O Abolicionismo: "A escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor, falando coletivamente, nem criou entre as duas raças, o ódio recíproco que existe naturalmente entre opressores e oprimidos".³

A maioria dos abolicionistas previu um processo evolucionista, com o elemento branco triunfando gradativamente. Prepararam-se para acelerar este processo, promovendo a imigração de europeus. Nesse ponto, Joaquim Nabuco foi profundamente claro ao explicar, em 1883, que os abolicionistas queriam do Brasil um país "onde, atraída pela franqueza das nossas instituições e pela liberalidade do nosso regime, a imigração européia traga sem cessar para os trópicos uma corrente de sangue caucásico vivaz, enérgico e sadio, que possamos absorver sem perigo..."

Para entendermos tal posicionamento é preciso que entendamos o pensamento europeu, já que nós intelectuais se nutriam das fontes européias.

3. O pensamento europeu no Brasil

Os abolicionistas se pautavam pelo liberalismo europeu do séc. XIX. A fé européia se justificava pela prosperidade econômica do continente. No Brasil, entretanto, o liberalismo era resultado de tendências intelectuais. Os brasileiros aplicaram novas idéias liberais numa sociedade criada por seus avós.

Quanto mais as potências européias cresciam e consolidavam sua dominação sobre novas partes do mundo, mais seus pensadores buscavam explicações para tal sucesso, oferecendo razões "científicas" para isto. Armou-se um raciocínio segundo o qual os europeus do Norte tinham sucesso por causa da hereditariedade e do meio físico favoráveis, sendo assim raças "superiores" e gozando de clima "ideal". Logo, pode-se concluir que raças mais escuras ou climas tropicais não seriam capazes de produzir civilizações evoluídas. África e América Latina foram consideradas por alguns escritos como sem capacidade de processo civilizatório. Nomes como Henry Thomas Buckle e Arthur de Gobineau, conhecidos em todo o mundo, corroboravam tais idéias. Não é de estranhar que os intelectuais brasileiros tenham lido Buckle e Gobineau e aceito essa visão pessimista de Brasil.

O determinismo racial foi endossado politicamente na América do Norte, onde a separação das raças "superior" e "inferior" era institucionalizada. O Brasil era há muito tempo uma sociedade multirracial para poder fazer uma segregação. O tal equilíbrio racial levava a uma miscigenação que atingia as famílias mais tradicionais. Tais fatos, no entanto, não impediam que os pensadores sociais se inquietassem com a mistura racial, já que o Brasil era a maior colônia do Novo Mundo e a única em que a proporção de negros era superior a 50%.

Silvio Romero demonstra, em seus textos, a inconsistência da justaposição dos costumes brasileiros e das teorias européias. Reconheceu, no fim do Império, que o país era um produto da miscigenação. No entanto, após a abolição, em 1906, declarou-se a favor de Gobineau, acreditando que os povos louros do Norte da Europa eram superiores aos outros homens. Apresenta sua fórmula para melhorar o Brasil: aumentar o influxo de alemães, que deveriam ser distribuídos e disseminados pelo país. Em 1912 endossou uma versão extrema da teoria da degenerescência do mulato.

Nina Rodrigues vai realizar o primeiro estudo etnográfico sério e respeitável do afro-brasileiro, tornando-se o principal doutrinador racista brasileiro, embora fosse mulato. Explicava Nina Rodrigues que a inferioridade do africano havia sido estabelecida fora de qualquer dúvida científica. Em livro de 1894 situou que a responsabilidade penal das "raças inferiores" não podia ser tratada como igual à das "raças brancas civilizadas", já que as características raciais inatas afetavam o comportamento social. Produziu, desta forma, uma justificação teórica perfeita e acabada da impossibilidade de considerar um ex-escravo capaz de comportamento "civilizado". Indo mais fundo, eliminou qualquer possível direito do ex-escravo, afirmando: "A civilização ariana está representada no Brasil por uma fraca minoria da raça branca a quem ficou o encargo de defendê-la,

não só contra os atos anti-sociais — os crimes — dos seus próprios representantes, como ainda contra os atos anti-sociais das raças inferiores, sejam estes verdadeiros crimes no conceito dessas raças, seja, ao contrário, manifestações do conflito, da luta pela existência entre a civilização superior da raça branca e os esboços de civilização das raças conquistadas ou submetidas".⁴

4. 13 de maio e a realidade social brasileira

A extinção da escravatura, como pudemos constatar, não criou novos espaços para o ex-escravo, atendendo muito mais aos interesses dos senhores. Desta forma, a mudança do regime de trabalho foi a principal preocupação dos abolicionistas, sem se cogitar no aproveitamento do negro como trabalhador livre. Em função das idéias dominantes no país, foi adotada a teoria do embranquecimento, que privilegiou os imigrantes, que tinham duas funções: substituição do trabalho escravo e aprimoramento racial da população. O que poderia advir de tal situação? Os negros ficaram indefesos, deformados pela opressão escravista, estigmatizados como incorrigíveis malandros, viciados, enfim, um perigo para a moralidade pública. Constata-se, então, que os negros foram libertados, mas seu aproveitamento no mesmo sistema de trabalho nunca foi cogitado. Desta forma, os senhores ficaram livres da res-

MICROFONES DE LAPELA DUPLO SISTEMA DE SOM COMPLETO PARA IGREJAS E SALÕES PAROQUIAIS COM DOIS ANOS E MEIO DE GARANTIA TOTAL

- * Coluna de som revestida com lã de vidro que ajuda a absorver o eco e alto-falantes com suspensão acústica e Tuite com 90 Vats de potência
- * Megafones para procissão
- * Ventiladores Novelle e Trom

ATENDEMOS EM TODO O BRASIL

Celestino Garcia Ferraz de Almeida

Rua Santa Rita, Quadra 7, n.º 60
Tel.: (0142) 22-6462
17060 BAURU, SP

Rua Santo Antônio, Quadra 12, n.º 05
Tel.: (0142) 22-6667
17060 BAURU, SP

TEMOS DE TUDO ligue (011) 491 8063

A MAKPEL, ampliando suas atividades, vem oferecer uma nova opção de prestação de serviços para PARÓQUIAS, COLÉGIOS, ASSOCIAÇÕES, ENTIDADES RELIGIOSAS, EMPRESAS E COMÉRCIO EM GERAL, pela melhor oferta do mercado:

MATERIAIS DE PAPELARIA, ESCRITÓRIO E COMPUTAÇÃO, MÓVEIS, MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO, MÍMEÓGRAFOS E SERVIÇOS GRÁFICOS.
APARELHOS ELETRO-ELETRÔNICOS E UTILIDADES DOMÉSTICAS.

CAMISETAS E BRINDES PROMOCIONAIS.

Consulte nossos preços sem compromisso.

MAKPEL Central de Vendas e Representações Ltda.

Rua Tereza Maria Luizetto 184 - Centro
Caixa Postal 205 - 06750 TABOÃO DA SERRA - SP-FONE: (011) 491.8063
ou Secretária Eletrônica 24 horas por dia (011) 268.2990

DESPACHAMOS PARA
TODO O BRASIL
E EXTERIOR

ponsabilidade de manutenção e segurança dos libertados, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição, assumissem o encargo de prepará-los para o novo regime da organização da vida e do trabalho. O escravo recebeu a liberdade, sendo **senhor de si mesmo, mas sem o mínimo de condições materiais e morais para participar dos quadros de uma sociedade de economia competitiva.**

Desde então, a liberdade para os negros se reduziria à possibilidade de se deslocar de uma fazenda para outra, ou de pegar um trem, com a passagem gratuita, para um lugar qualquer, onde nada os esperava.

Eis o que nos legou o 13 de maio: desemprego, subemprego, moradias em péssimas condições nas favelas e cortiços, luta pela sobrevivência, falta de participação no processo de crescimento e desenvolvimento do país.

5. 20 de novembro — Consciência e participação

Enquanto houve escravidão em nosso país, os escravos se revoltaram e lutaram. Tais revoltas, entretanto, não tiveram direito à história, sendo mal conhecidas ou tratadas como episódios marginais do processo histórico brasileiro.

A marginalização das revoltas escravas se deve a múltiplos e variados interesses históricos, dentre os quais destacamos a preservação dos mitos habilmente elaborados e hoje solidamente arraigados do caráter pacífico do processo escravista e da legitimidade do sistema escravista brasileiro.

As revoltas escravas constituíram, segundo Nina Rodrigues, não casos de protesto social, mas fenômenos de criminalidade multitudinária, ou, na melhor das hipóteses, de regressão tribal. A tese teve acolhida imediata e legitimou a repressão às revoltas escravas, tendo conferido aos amos um papel historicamente progressista, como quando se proclama que com o esmagamento de Palmares se eliminou a "maior ameaça à civilização do futuro povo brasileiro". Quando o contrário é que é verdade: o mal proveio precisamente da impotência dos escravos para destruírem um sistema econômico e social que bloqueava a evolução histórica.

Arthur Ramos afirmou que o objetivo dos rebeldes consistia apenas em preservar sua herança africana, sem enxergar o conteúdo revolucionário das revoltas escravas.

A revolta de Palmares ocupa um lugar único em nossa história. **Não foi apenas a primeira, mas, também, a de maior envergadura.** No decurso de quase um século, os escravos da então capitania de Pernambuco resistiram às investidas das expedições continuamente enviadas por uma das maiores potências coloniais do mundo. Os melhores chefes militares da época **marcharam contra Palmares, que assumiu importância comparável à expulsão dos holandeses.** Na história das Américas, só perde em importância para a revolta escrava do Haiti.

20 de novembro representa a luta de Zumbi e dos palmarinos pela liberdade de ser e de se organizar politicamente. O Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, em Alagoas, começou a se fixar, segundo os historiadores, em 1630. Durante quase cem anos ameaçou, principalmente a economia canavieira, que era totalmente dependente do braço escravo.

Palmares se caracterizou pela capacidade de resistência e a vontade de viver livremente dos quilombolas. Através de Palmares pudemos sentir a liberdade como o meio pelo qual o ser social participa dos destinos da comunidade a que pertence, constituindo a sua própria existência.

Palmares experimentou a pluricultura, enquanto o país lidava com a monocultura. O exercício da autoridade caracterizava-se pela existência de um chefe em cada mocambo, que se reunia em ocasião de guerra, para deliberar, conjuntamente, na casa do Conselho do Macaco, sob as ordens de Zumbi.

O latifúndio e a propriedade privada não existiam, pautando-se os quilombos num novo tipo de relação de produção, sedimentada na economia familiar, cujo excedente era dado ao Estado. Segundo os historiadores, os quilombos, e especialmente Palmares, representaram a possibilidade de mudança social, estruturada em uma nova sociedade, que se pautava na convivência justa e equânime. Decorridos tantos anos, o ideal libertário de Zumbi dos Palmares é fonte motivadora dos afro-brasileiros

que buscam se organizar para enfrentar as dominações que, apesar do 13 de maio de 1888, continuam a existir.

Entendemos, assim, que a abolição foi somente um primeiro passo em direção à emancipação do povo brasileiro. O arbítrio, a ignorância, a violência, a miséria, os preconceitos que a sociedade escravista criou, ainda pesam sobre nós.

20 de novembro, entendido como o Dia Nacional da Consciência Negra, é a demonstração máxi-

ma do ideal de busca de resgate da memória de Zumbi, e de sustentação da luta pela liberdade, numa sociedade que se quer livre de pressões, aberta ao diálogo e fraterna. ■

1. Thomas E. Skidmore, *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, Paz e Terra, Rio, 1976.
2. Antonio Candido, *O método crítico de Silvio Romero*, São Paulo, 1963, 2ª ed., pp. 134-135.
3. Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*, pp. 22-23.
4. Nina Rodrigues, *As raças humanas*, p. 219.

ep reedições
edições paulinas

- * **A SAGRADA COMUNHÃO E O CULTO EUCARÍSTICO FORA DA MISSA**, 5ª ed., 136 pp., Cz\$ 650,00.
- * **CULTO EUCARÍSTICO FORA DA MISSA**, Valter Maurício Goedert, 2ª ed., 80 pp., Cz\$ 150,00.
- * **PASTORAL DA PENITÊNCIA**, Documentos da CNBB — 6, 6ª ed., 56 pp., Cz\$ 85,00.
- * **AMAR**, David M. Turolto, 2ª ed., 160 pp., Cz\$ 390,00.
- * **A VERDADE SOBRE OS BEBÊS**, Maria-Cláudia Monchaux, 8ª ed., 88 pp., Cz\$ 320,00.
- * **A VERDADE SOBRE O AMOR**, Maria Cláudia Monchaux, 9ª ed., 96 pp., Cz\$ 320,00.
- * **AIDS, prevenção, escola**, Paul-Eugène Charbonneau, 72 pp., Cz\$ 160,00.
- * **OS DEZ MANDAMENTOS DA ORAÇÃO**, Pe. Roberto DeGrandis, 11ª ed., 64 pp., Cz\$ 150,00.
- * **IMITAÇÃO DE CRISTO**, 20ª ed., 528 pp., Cz\$ 290,00.
- * **SALMOS LATINO-AMERICANOS**, VV. AA., 2ª ed., 112 pp., Cz\$ 220,00.
- * **A COMUNICAÇÃO DO POVO**, CELADEC, 2ª ed., 32 pp., Cz\$ 90,00.
- * **COMO FUNCIONA A SOCIEDADE?**, CELADEC, 8ª ed., 32 pp., Cz\$ 50,00.
- * **JORNALISMO POPULAR**, CELADEC, 3ª ed., 64 pp., Cz\$ 140,00.
- * **UMA MULHER NO MEU CAMINHO**, Pe. Virgílio, 4ª ed., 80 pp., Cz\$ 180,00.
- * **NOSSA SENHORA DE CASA EM CASA**, Pe. Isac Lorena, 10ª ed., 120 pp., Cz\$ 220,00.
- * **DEUS QUER O SOFRIMENTO?**, Pe. Mário Zuchetto, 2ª ed., 64 pp., Cz\$ 150,00.
- * **MENINAS E RAPAZES**, Carlos Durán, 5ª ed., 104 pp., Cz\$ 190,00.
- * **UM GRITO DE LUZ**, Carlos A. Schmitt, 4ª ed., 136 pp., Cz\$ 250,00.
- * **CAMINHANDO PARA DEUS**, Um pensamento de Sta. Teresinha para cada dia do ano, 7ª ed., 408 pp., Cz\$ 290,00.
- * **AVE EM CONCERTO**, Mirna Pinsky, 3ª ed., 16 pp., Cz\$ 230,00.

F.A.S.U. FUNDAÇÃO ARTÍSTICA DE SINOS UBERABA

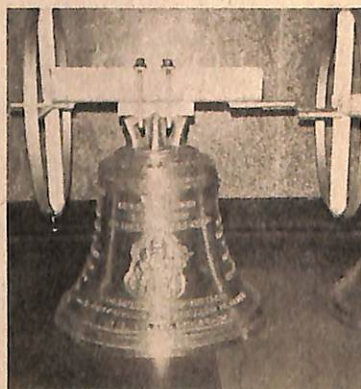
REFUNDAÇÃO DE SINOS — FUSÃO NO SISTEMA ARTESANAL
REFORMA DE CAMPANÁRIOS

Nossos sinos:

- 1 — São 100% brasileiros;
- 2 — Têm notas musicais exatas;
- 3 — Têm os menores preços do Brasil.

Solicite orçamento a:

José D. Silva
Rua Barão da Ponte Alta, 101-F
Bairro Abadia — Caixa Postal, 127
38100 UBERABA, MG — Fones: (034) 333-9130 / 333-9435



IGREJA E ESCRAVIDÃO DO NEGRO NO BRASIL

Das algemas à Lei Áurea e à Rosa de Ouro (1888)

Fr. Oscar de Figueiredo Lustosa

Em todo o decurso do período colonial foi implantada e cultivada no Brasil a escravidão, sem maiores problemas morais, sem transtornos e convulsões para a consciência social da comunidade eclesial daquela época. O Brasil-Colônia, constituído de uma população católica na sua totalidade, não sentia sobressaltos com o estatuto de vida do negro escravo, importado da África ou aqui nascido, desprotegido dentro do quadro da organização social então vigente.

Em nível de contestação ou questionamento, não se via ninguém levantar a voz para enfrentar a injustiça do "sistema escravista" no Brasil. Somente os negros é que assumiram, desde o século XVII, posições de protesto, resistência e luta contra a situação de opressão em que viviam. Da parte dos católicos, em geral, eram tentados e aplicados paliativos, não esquemas de solução, porque a Igreja se contentou em limitar as suas palavras, normas e medidas, ao terreno do *tratamento* que era dispensado aos escravos. Mesmo na *pastoral*, isto é, na preocupação concreta pelos interesses espirituais do negro, a comunidade eclesial caminhou com solicitude, dosada, porém, de cautela estratégica, quando na prática temia que viessem suas medidas a entrar em rota de colisão com as exigências dos senhores de escravos ou com os interesses socioeconômicos de uma aristocracia em formação.

Não se pode pôr em dúvida que, falando de maneira geral, o pessoal da Igreja (hierarquia, religiosos, leigos) procurou "suavizar" o ritmo de existência e de tarefas, constringedor e às vezes insuportável, de muito negro escravo. Mas essa linha de comportamento, sempre *individual* e não *coletivo* e *organizado*, foi desenvolvida em duas direções: primeiramente, em relação ao próprio problema da *escravidão*. Não se visava abordar e rever a *escravidão-instituição jurídico-social*, mas simplesmente ajudar o escravo em uma conjuntura determinada, cujas penas e sofrimentos podiam ser minorados, e cuja salvação eterna devia ser assegurada, até mesmo em vista e em compensação do que padecia; em segundo lugar, em relação com a própria Igreja Católica que, durante a fase colonial, nunca *articulou* nenhum movimento ou coisa semelhante em busca de uma solução para o escravismo.

Em consequência de sua profunda união com a Monarquia, legitimava a política oficial, favorá-

vel ao *status quo*. Em razão de suas ligações com os senhores de engenho, ficava a Igreja de pés e mãos atados para qualquer tipo de ação conjunta contra o estatuto socioeconômico do negro escravo no Brasil.

1. A penosa caminhada para a abolição

No processo colonial brasileiro, a Igreja contraiu uma dívida bem pesada no terreno das omissões, quando revelou pouco interesse na criação de espaços de liberdade para os negros e quando não reagiu à altura contra a lenta formação de um "imaginário social", discriminatório que infelizmente os católicos ajudaram a criar e a desenvolver, no qual o negro viu esvaziar-se e diluir-se a sua identidade étnico-cultural.

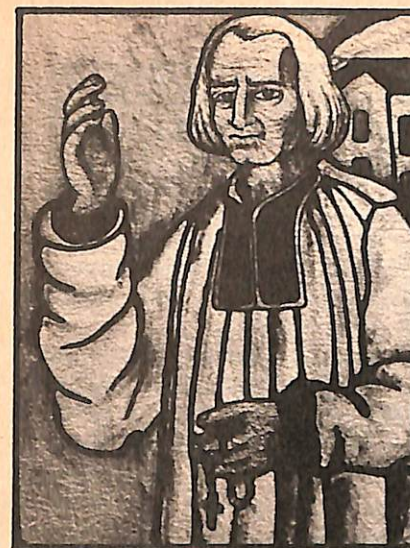
No período imperial, a partir da Independência (1822), quando se esboça um novo estilo na vida político-social do país, quando a situação econômica aponta para novos rumos, a Igreja terá acaso condições de resgatar a dívida contraída para com o negro, em quase trezentos anos de cativeiro do povo africano no Brasil? É preciso ver onde se coloca a Igreja no Brasil do século XIX, tendo em vista os movimentos emancipacionistas que têm uma marcha gradual e acidentada, a partir das tentativas de contenção e supressão do tráfico negreiro.

É por aí que se inicia a conscientização progressiva contra o regime da escravidão negra em território brasileiro.

Apesar de todas as pressões externas, sobretudo da Inglaterra, contra a compra e importação de negros escravos da África, a extinção de semelhante comércio só ocorrerá, gradativamente, com os diversos esforços legais e medidas correspondentes, até chegar a Lei de 4 de setembro de 1850.

Nessa primeira etapa de combate à escravidão, tentando estancar uma das fontes de abastecimento para o trabalho escravo, a Igreja não conseguiu praticamente condições de atuar, embora se saiba que clérigos e leigos católicos — como vozes isoladas — participassem dos debates e projetos a respeito da necessidade da supressão do comércio de escravos negros.

Joaquim Nabuco comenta, com propriedade, como a consecução e execução da Lei contra o tráfico de escravos foram seguidas de "um período de



Paróquia de S. Antonio
Pe. Waltencir
Pirapetinga - MG



Paróquia do Bem Aventurado José de Anchieta
Pe. Balbino
Aracaju - SE



Paróquia S. Luiz Gonzaga
Pe. Edmundo
São Paulo - SP

Vitrais Veneza

APRESENTA

Os vitrais mais lindos da paróquia

É ver para crer:

Vidros translúcidos, inquebráveis, cores divinas, várias texturas e desenhos exclusivos. Temos ainda serralheria própria, referências de inúmeras obras em todo o Brasil e um sagrado compromisso: o de fazer sempre o melhor.

Orçamentos sem compromisso!

—RIO DE JANEIRO—
(021) 235-1348
R. Dias da Rocha, 20 - cj. 1002
Copacabana - Cep 22051

—SÃO PAULO—
(011) 919-9349
R. Pedro Côrte Real, 109
Parque São Rafael - Cep 08300



Paróquia de S. Antonio
Pe. Camilo
Rio de Janeiro - RJ



Paróquia N. S. do Rosário
Santuário de Santa Teresinha
Cônego Teófilo Taubaté - SP

cansaço ou de satisfação pela obra realizada, em todo caso de indiferença absoluta pela sorte da população escrava?"¹

Em 1871 vem uma segunda fase com a Lei nº 2.040, de 28 de setembro, chamada *Lei do Ventre Livre*, libertando desde o berço, mas de fato depois dos vinte e um anos de idade, os filhos de escrava por nascer. Tratava-se de medida de abolição a médio e longo prazo, se fosse aplicada com lisura pelos senhores de escravos. Estes, no entanto, tentavam, em grande parte, escapar à lei, sobretudo negaceando o registro dos *ingênuos*. É o que confirma a *circular* do Padre Silvério Gomes Pimenta, quando faz um apelo aos párocos da diocese de Mariana (MG) a fim de que o clero se constitua "em certo modo Velador e guarda da liberdade, da felicidade e dos direitos dos que nascerão escravos, se a lei, imitando a bondade do Salvador do mundo, não houvesse de uma vez rasgado os títulos de futura escravidão?"²

A Igreja se empenhava na luta pela emancipação dos nascituros contra "a ignorância e a ambição de alguns senhores, como infelizmente vem acontecendo em vários lugares". Esse testemunho, dado seis anos depois da promulgação da *Lei do Ventre Livre*, mostra as dificuldades e resistência que os católicos, donos de escravos, faziam, contrapondo-se às medidas legais que apenas parcialmente aliviavam o regime de cativo do negro. O mesmo documento apela, a pedido do governo, para os préstimos funcionais do clero no sentido de esclarecer o povo da importância e das consequências, no caso, da aplicação das normas legais.

Na década de 1870 a 1880, a Igreja não ajuda apenas nos serviços cartoriais, vigiando para que as crianças nascidas de escravos sejam registradas nas paróquias e assim possam ter a sua liberdade futura garantida, conforme a Lei de 1871. Mas entra nas campanhas para a abolição gradativa dos cativos, quer concitando padres e frades a conceder manumissões, como incentivando a criação de sociedades para a redenção dos escravos. A motivação parece evidente ao arcebispo da Bahia, Dom Luiz Antônio dos Santos, quando escreve: "Está felizmente na consciência do povo brasileiro que a escravidão,

além de cruel injustiça praticada com tantos irmãos nossos, remidos como nós pelo sangue do Redentor divino, é grande mal para o Império, é a nódoa que mancha o pavilhão brasileiro entre os demais das nações civilizadas. Não sabemos se nas libertações a lei vai levando vantagem à iniciativa particular; mas é certo que nas festas de família as lágrimas dos convivas orvalham sempre um documento de liberdade. É a consciência pública, confessando que a escravidão nos incomoda."³

Mas ainda há um pedaço a caminhar para que a consciência social dos católicos supere a linguagem romântica da caridade, para atingir os níveis de uma visão crítica e objetiva do problema da escravidão que a justiça reclama.

2. A Igreja na fase terminal da escravidão

Concretamente, é a partir de 1880 que o movimento abolicionista toma corpo e dimensões nacionais no Brasil. É bom, no entanto, lembrar que o sistema escravista se torna, socioeconomicamente, cada vez mais inviável. A escravidão, como instituição, cairá de podre no primeiro empurrão político e popular. Com isso não queremos subestimar nem desmerecer as campanhas que então se fizeram pela emancipação dos negros escravos.

Na realidade, escravos existiam dispersos, por todas as regiões do país. A densidade da população negra variava de acordo com a necessidade de mão-de-obra nas províncias. Mas os grandes bolsões da chaga escravista estavam localizados no triângulo do sul: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. São precisamente os latifundiários, sobretudo os grandes fazendeiros de café dessas zonas, que levantam as últimas barricadas de uma resistência inglória ao movimento abolicionista.

A comunidade eclesial no Brasil parece despertar da inércia, no último quartel de século XIX, para entrar no combate à escravidão, doença desumana que Perdigão Malheiro chamou, com exatidão de "cancro social".

A presença, pregação e ação de católicos na campanha abolicionista não chamam a atenção dos historiadores. Perdem-se no meio do movimento po-

pular mais amplo, tanto por causa da dispersão de seus esforços e de sua falta de unidade, como em razão de sua pouca consistência e de uma tradição pouco clara e pouco afirmativa em defesa de um regime social de liberdade.

O peso de semelhante tradição emperrava o funcionamento da engrenagem eclesiástica que, através da marcha pesada dos quadros institucionais, não facilitava a expansão da força profética de padres e leigos católicos contrários ao regime injusto da escravidão. A figura de Dom João Antônio dos Santos (Diamantina, MG), impressionantemente fiel na luta pela defesa dos direitos do negro, emerge, desde a década de 1840, como uma voz que clama no deserto.

Só com o tempo e com a premência das reivindicações populares é que o pessoal da Igreja começa a sair do estado de simples espectador e a falar da escravidão com a linguagem mais direta da justiça, deixando de lado o tom e teor *paternalistas*, presentes nas determinações e diretrizes das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707) e nos escritos de sacerdotes sobre a situação dos negros escravos e o comportamento de seus senhores.

Depois de 1885, quase todos os bispos brasileiros, lançam *cartas pastorais* contra o sistema escravista, e afinam os seus ensinamentos com a onda dos movimentos emancipacionistas de escravos. Como exemplo típico do desvelo episcopal do Pastor e dos apegos de muito padre a seus escravos, leia-se este apelo do bispo de Olinda-PE, o paulista de Taubaté, Dom José Pereira da Silva Barros que, não havendo conseguido em 1887 levar ao papa Leão XIII a boa-nova de que o clero olindense não possuía mais escravos, se lamentava em 1888: "Sim: fomos privados dessa alegria porque entre nós há sacerdotes que então possuíam e ainda hoje possuem escravos! Para esses não tivemos ainda uma palavra amarga, nem teremos no futuro, mas de novo apelamos aqui, rogando, instando e pedindo que pou-

pem ao clero olindense a vergonha de ter em seu seio sacerdotes que esperam do poder secular a ordem legal de deixar ir redimido esse resto de escravos, que aguardam o dia do livramento. Nós apelamos aqui também para todo o clero que não possui escravos, e os convidamos para reunirem aos nossos os seus esforços, para proclamarmos a *libertação do clero da escravidão dos escravos* e livrarmos esta diocese da humilhação que a espera, se algum padre conservar algum escravizado no dia em que o poder público cobrir-se de glória pela decretação da extinção da escravidão em nossa pátria!"⁴

A angústia do bispo e a relutância de uma parte do clero mostram que a escravidão colonial lançou raízes profundas e as bases de um esquema social no qual o negro brasileiro seria travado em suas aspirações sadias e despojado de seus direitos fundamentais. Os setenta anos de política social do Império vieram reforçar a imagem negativa que se formava do negro, apenas tentando amenizar a realidade do processo marginalizador da pessoa do escravo com a invenção pouco realista de uma pretendida "democracia racial".

No mesmo sentido, a prática pastoral da Igreja, tentando conduzir as elites de uma sociedade cristã, como ocorreu no caso do Brasil-Império, pouco cuidou de chamar a atenção e de esclarecer o povo sobre o papel, o lugar, o valor da pessoa do negro na organização social. Em nível de mentalidade, a comunidade eclesial, no seu conjunto, tem uma parcela de responsabilidade na criação da "mitologia social discriminatória". Os preconceitos que transparecem nos estereótipos, na linguagem, no comportamento da grande maioria de brasileiros em relação ao negro, podem ser em certa escala atribuídos ao nível elementar de consciência crítica dos cristãos, sobretudo dos religiosos e dos padres, no processo de formação dos quadros da sociedade nacional.

MICHELANGELO
QUADROS SACROS EM AZULEJOS
 QUADROS P/ FACHADAS DE IGREJAS,
 COLÉGIOS, CAPELAS, ALTARES E VIA SACRA
 RESTAURAÇÃO DE QUADROS A ÓLEO



ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO:
 RUA CRISTÓFORO MANTEGAZZA, 226 - CEP 04178
 V. DAS MERCÊS - SAÚDE - SÃO PAULO - S.P.
 TELS.: ATELIER 215-0448 - RES.: 946-1297

MIMEÓGRAFOS **E** **OFFSET**
(REX-ROTARY e GESTETNER) **(REX-ROTARY e outras marcas)**

Rex-Rotary 450



- Gravador eletrônico de stencil • Tinta e stencil • Produtos químicos para offset
- Gravadora eletrostática de chapa • Gui-lhotina de mesa • Duplicador a álcool

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

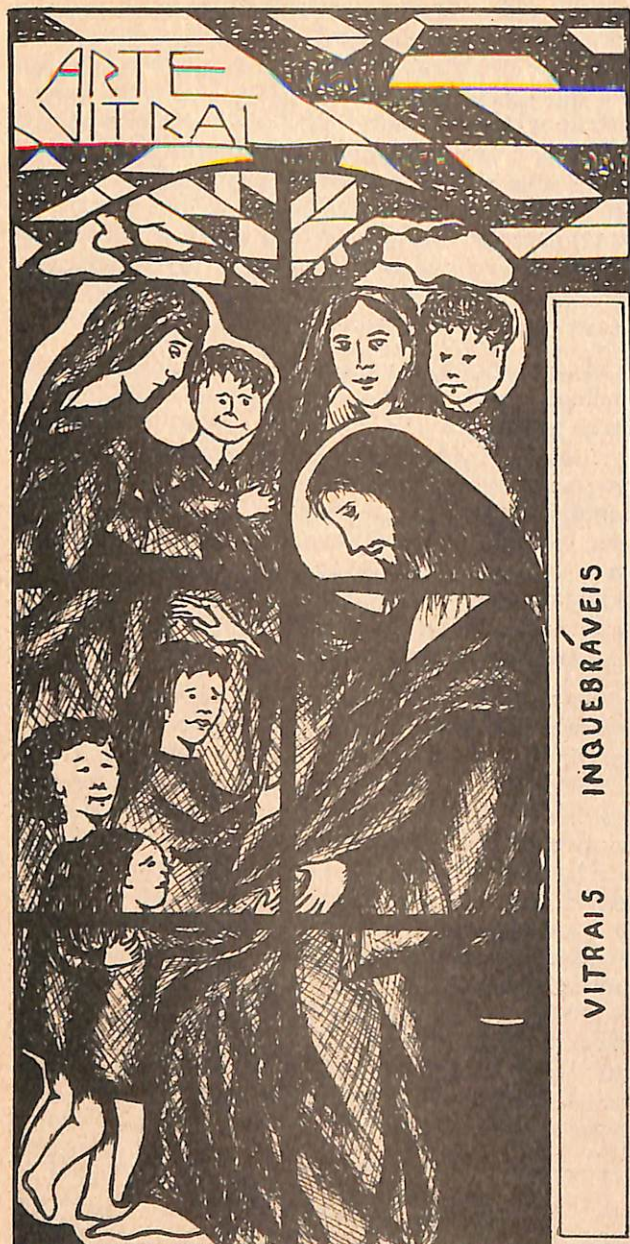
COMPRA E VENDA DE MÁQUINAS NOVAS E USADAS

DUPLIC MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO LTDA.
 Rua Monsenhor Passalacqua, 158
 01323 SÃO PAULO, SP

Rex-Rotary 1502S



(011) **288-3666**

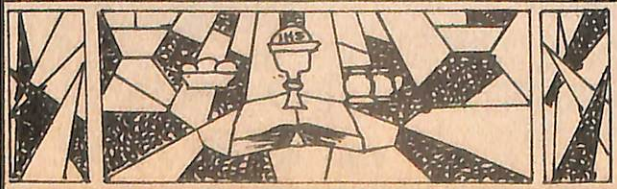


VITRAIS INQUEBRÁVEIS

VITRAIS ARTÍSTICOS EM TODOS OS ESTILOS

- CHUMBADOS
- COLADOS E CIMENTADOS
- FABRICAMOS TAMBÉM VITRAIS DE FIBERGLASS

PROJETOS E ORÇAMENTOS S/COMPROMISSOS
ARTE VITRAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA
RUA: NOVA LIMA - 40- JARDIM AEROPORTO
37550 POUSO ALEGRE - M.G.
FONE (035) 421-6992



3. A Lei Áurea (1888) e as seqüelas sociais da abolição

A 13 de maio de 1888 a princesa Isabel assinou a Lei pela qual estava legalmente supressa a escravidão no Brasil. Os festejos comemorativos do gesto humanista e cristão do governo ocorreram por toda parte. Ao lado desse clima de euforia e reforçando-o, a Igreja participava oficialmente das solenidades, sobretudo com a atitude benevolente do papa Leão XIII, agraciando com a Rosa de Ouro³ a Princesa Isabel por haver transformado em lei o projeto de libertação dos cativos negros do Brasil.

Tal gesto compensava um pouco o atraso com que chegara a carta do Pontífice Romano que fora pedida em favor do movimento abolicionista, a fim de engrossar as ondas de pressão externa com que era bombardeado o governo brasileiro.

Seria ilusão pensar que tudo estava resolvido na questão do negro com a simples alforria legal. Mesmo antes de promulgado o regime legal da libertação do negro escravo no Brasil, muitos se preocupavam com as seqüelas sociais do sistema, motivados naturalmente por razões diferentes. Vale a pena ressaltar a preocupação do pessoal da Igreja com os negros libertos e *ingênuos*, após a abolição. Muitos católicos viam com apreensão o futuro dos negros, doravante legalmente livres. As posições principais desses últimos podem ser configuradas em três pontos:

a. *Raiz histórica do problema do menor desamparado.* Desde a vigência da *Lei do Ventre Livre* (1871), que aliás frustrou as boas intenções de seus promotores com uma aplicação quase nula, surgiu o interesse pelas crianças, filhos livres de mães escravas.

Era urgente tomar medidas concretas em favor da educação e da profissionalização dessas levas de futuros trabalhadores ou possíveis marginais. Entre outros que trataram seriamente do assunto, projeta-se a figura do bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. Toma providências para a fundação de um *Instituto Agrícola*, "em benefício da educação profissional de menores desamparados, principalmente ingênuos". Face à precária e pouco feliz execução da Lei n.º 2.040 de 28 de setembro de 1871, diz o bispo que "a sorte de um grande número destes (ingênuos) é miseranda e digna de toda a compaixão, como se sabe". E ajunta, citando um ilustrado jornalista da corte: "A nova geração de ingênuos... começa a ser elemento de inquietação social, por surgir das fezes à tona sob a denominação de *menores vagabundos*."⁶

Com a libertação de 13 de maio de 1888, a questão dos menores se avolumou em todos os sentidos.

b. *O desemprego dos ex-escravos.* A abolição do negro escravo provocou situações penosas e complexas. Uma delas era o não-aproveitamento da mão-de-obra dos antigos cativos. Fazendeiros, economistas, comerciantes não podiam deixar de ficar embaraçados com o problema novo da suplência da força de trabalho que fora reduzida com a libertação dos escravos.

Também a Igreja, por motivos diferentes, prevalentemente de fundo ético, se volta para a proteção do negro liberto que nada possui, não tem qualificação profissional e fica entregue à própria sorte para a sua sustentação e para a manutenção da família.

Não é sem um toque de paternalismo amoroso que o arcebispo da Bahia aborda a questão, com o realismo de quem não se deixa fascinar com as miragens envolventes dos momentos festivos: "Por maior que seja, porém, o regozijo geral, corre-nos o sagrado dever... de mesmo por entre as festas e as flores, agora mesmo no fervor de todo o entusiasmo de que vos achais possuídos, dar-vos o aviso salutar de que, se bem que esteja vencida a parte mais afanosa da jornada, apenas tendes andado meio caminho dela. Para com nossos irmãos que acabam de respirar o ar embalsamado da liberdade corre-nos novo dever, com o qual não menos nos devemos preocupar, de que com esse de que acabamos de nos desempenhar. Este dever é ainda a caridade que nos impõe. Este dever é o amparo desses infelizes, para que libertados dos rigores da escravidão não caiam vítimas da ociosidade, da miséria, da fome, da nudez, da prostituição, do crime, enfim. Agora nova luta, nova cruzada. Pelo muito que já trabalharam, pelo pouco ou nada que receberam, eles são credores de todos os nossos desvelos."⁷

E, descendo concretamente ao assunto, lembra o Pastor: "Esqueçamos por momentos os colonos que ainda hão de vir (os imigrantes), e voltemo-nos para os infelizes, que também precisam de trabalho para acudir às necessidades da vida".

c. *Escravidão e proletariado.* À primeira vista parece não haver relações entre o regime de escravidão, reinante no Brasil até 1888, e a lenta emergência do proletariado com o aparecimento das indústrias. Mas, em 1900, um líder católico em Recife-PE, alertava a Igreja sobre os estragos e avarias que a escravidão causara na formação do proletariado. No Primeiro Congresso Católico Brasileiro (Salvador, 1900), Carlos Alberto de Menezes assinala a escravidão como uma das causas relevantes da difícil situação do operariado que começava a consti-

tuir-se no Brasil, ainda nos primeiros passos da Questão Social em nosso país.

No esquema mental da época, o fator *moral* era considerado de suma importância para explicar o desdobramento conflitual dos problemas dos trabalhadores. É nessa perspectiva que o engenheiro Carlos Alberto de Menezes analisa o *nexo* existente entre escravidão e proletariado: "Um dos maiores males que a escravidão produziu no Brasil, mal que ficou e perdura como triste herança, foi o rebaixamento geral dos espíritos e dos costumes de todo o nosso proletariado... Ora, todos nós recordamos da situação que a escravidão tinha criado para suas vítimas: a ausência absoluta do sentimento de respeito de si e de sua dignidade de homens, a aniquilação da idéia de família, que o escravo não podia formar... a ignorância arvorada em condição de existência... nenhuma idéia de conforto, nenhuma preocupação do futuro, nenhuma aspiração moral. Eu estou certo de não exagerar a pintura desse quadro, por mais carregadas que sejam as cores. Eis o meio em que se formou e de onde saiu em grande parte o nosso proletariado. Doze anos de liberdade, doze anos de extinção desse flagelo, já produziram os primeiros frutos."⁸

Era a confissão pura e simples de mais uma consequência funesta e sutilmente deletéria que a escravidão deixara como legado à sociedade brasileira.

A Igreja em peso que, desde a Colônia, sempre esteve comprometida com a elaboração de todo o tecido da organização social do Brasil, com o objetivo de formar uma nação cristã, não pode fechar os ouvidos aos clamores que se levantam em razão das falhas que sobrevieram ao longo dessa elaboração.

Longe de isentar-se, a comunidade eclesial do Brasil toma consciência de que é preciso recompor os tecidos sociais rompidos, dentro das exigências da justiça e do respeito aos valores humanos.

Não será a primeira vez nem a última que ela faz com humildade seu exame de consciência, verifica os aspectos positivos e negativos dos seus trabalhos pastorais em favor das minorias desprotegi-

ESTRUTURAS METÁLICAS PARA IGREJAS



TELHAS:

- Amianto
- Alumínio
- Aço Galvanizado

Estrutura Metálica em Módulos
Pré-Pintados e Parafusados
Modelos: Arco, Duas Águas ou conforme
necessidade

Colocação 20 Dias

Solicite ao nosso Depart. de Engenharia
Estudo e Orçamento (sem compromisso) a:

ETO ENGENHARIA LTDA.

AV. PEDRO II, 3.724 - TEL.: (031) 462-9330 - BELO HORIZONTE/MG

das, e retoma esperançosa sua caminhada para a libertação dos marginalizados.

A Campanha da Fraternidade deste ano se enquadrou perfeitamente nesse esquema cristão, colocando a situação social do negro como eixo de reflexão quaresmal e traçando os projetos e programas de ação para que o negro venha a ocupar, ao lado de seus irmãos, o lugar e a função que lhe competem, em igualdade de direitos com todos os outros membros da comunidade. ■

1. Joaquim Nabuco, *O abolicionismo*, Vozes, Petrópolis, MEC-INL, 4ª ed., 1977, p. 58.

2. Pe. Silvério Gomes Pimenta, "Circular", Mariana, 17 de fevereiro de 1877 (volante impresso).

3. D. Luiz Antônio dos Santos, "Carta Pastoral", Bahia, Tipografia de João Gonçalves Tourinho, 1887, pp. 10-11.

4. D. José Pereira da Silva Barros, "Carta do Bispo de Olinda ao Clero sobre a festa do Jubileu Episcopal do S. P. Leão XIII", Pernambuco, Tipografia do Comércio, 1888, p. 13.

5. Rosas de Ouro que o Papa benze solenemente no 4º Domingo da Quaresma. Em um estojo precioso, eram enviadas a princesas católicas que se distinguiam por algum gesto de caridade. O costume parece datar de Leão IX (1054).

6. Diocese de São Paulo, "Caixa Auxiliadora da Redenção dos Cativos e Instituto Agrícola", São Paulo, Tipografia Jorge Seckler, 1887, p. 8.

7. Carta Pastoral do Exmo. Revmo. Sr. D. Antônio Luiz dos Santos, anunciando a promulgação da Lei de 13 de maio de 1888, Bahia, Tipografia de João Gonçalves Tourinho, 1888.

8. Em "Primeiro Congresso Católico Brasileiro. Atas e Documentos", São Paulo, Tipografia Paupério e Cia., 1900, pp. 126-127.

O DOMINGO

— CELEBRAÇÕES ESPECIAIS —

- * Missa de Nossa Senhora
- * Missa dos Enfermos
- * Missa do Sagrado Coração de Jesus
- * Missa do Padroeiro
- * Missa de Ação de Graças
- * Celebração do Batismo
- * Missa da Confirmação
- * Celebração da Reconciliação
- * Missa de Primeira Eucaristia
- * Missa de Casamento
- * Celebração da Formatura (Missa)
- * Celebração do Matrimônio sem Missa
- * Celebração de Bodas (Missa)
- * Vigília Exequial
- * Celebração da Esperança

Preço de cada centena: Cz\$ 280,00.

PEDIDOS: ADMINISTRAÇÃO DE "O DOMINGO"

Via Raposo Tavares, km 18,555 — Caixa Postal 8.107 — 05550 SÃO PAULO, SP
Fone: (011) 268-6141 (Horário comercial).

O LIVRO DA COMUNIDADE RURAL

TRABALHADORES RURAIS ANIMADOS PELA FÉ

Equipe de Pastoral de Bambamarca
Adriana Zuchetto



TRABALHADORES RURAIS ANIMADOS PELA FÉ — Equipe de Pastoral de Bambamarca e Adriana Zuchetto. É o resultado de um grande mutirão realizado por inúmeras comunidades de agricultores que escolheram os temas das 15 unidades da obra, e à luz da Palavra de Deus partilharam sua fé, suas lutas diárias, suas esperanças e seu compromisso libertador. Seguindo o método ver, julgar, agir, avaliar e celebrar, e partindo dos fatos mais simples da vida dos trabalhadores rurais, numa constante interação fé-vida, o livro vai sugerindo uma progressiva caminhada, que leva a assumir o compromisso cristão. Com um linguajar simples, constitui-se num roteiro dinâmico, próprio para Agentes de Pastoral, para encontros de comunidade, reuniões de grupos, mantendo-se aberto para outras situações como roteiro de aulas e diálogo familiar. — 624 pp.

A IMPRENSA E A LEI ÁUREA

Francisco Assis M. Fernandes

Se analisarmos a comunicação como uma força que dinamiza a vida das pessoas e das sociedades, é de se supor que tenha desempenhado uma função importante nos acontecimentos que culminaram com a "Lei Áurea". Como meio de difusão de idéias, a imprensa escrita foi qualificada de "máquina de ensinar", graças ao seu enorme poder de influência sobre a opinião pública.

1. O drama da escravidão

Basta abrirmos as páginas de nossa história para depararmos com o vergonhoso drama da escravidão. Era desumano e atentatório ao patrimônio moral. Além de tudo, estava em contradição com o sentimento religioso de nossa gente. Tudo isso representa um "passivo social", um débito que jamais será totalmente reparado.

A opinião pública nacional só começou a tomar posição a respeito da escravidão após os movimentos que resultaram nos quilombos, sobretudo aquele de Palmares, sob a liderança do destemido Zumbi, no final do século XVIII. Os meios de comunicação eram incipientes. Mas com a vinda da Família Real, o Brasil passou a usufruir da imprensa escrita. De fato, no dia 13 de maio de 1808, D. João decretava a implantação oficial da tipografia no país. Ainda em 1808 circulava o primeiro jornal, dirigido por Frei Tibúrcio: "Gazeta do Rio de Janeiro". O "Correio Brasiliense" era editado em Londres e distribuído no Brasil por Hipólito José da Costa, no mesmo período.

2. A imprensa e os movimentos abolicionistas

No Segundo Império, a eficácia da prática jornalística é dada, principalmente, pelo "reconhecimento social do jornal". O próprio Machado de Assis escrevia no jornal "Espelho", em outubro de 1859: "Houve uma coisa que fez tremer as democracias, mais do que os movimentos populares: foi o jornal" (grifo nosso).

Durante o período que antecedeu à "Lei Áurea", os movimentos abolicionistas encontram espaços em muitos jornais e "pasquins" (uma espécie de folheto agressivo, batalhador). Para Werneck Sodré, essa forma de jornalismo era a que traduzia, com fidelidade, o que a época tinha de melhor, de mais expressivo, de mais popular. Deste modo, o papel da imprensa, na divulgação dos ideais abolicionistas, é de fundamental importância. Por isso mesmo, sofreu represálias. Os exploradores negreiros recorriam a todos os meios para assegurar o tráfico. Em plena vigência da Lei Euzébio de Queiroz, che-

gavam a "comprar os jornais" e subvencionar aqueles que os apoiavam.

Um fato que repercutiu intensamente na imprensa escrita foi a "Lei do Ventre Livre", de 1871. Estabelecia que "todos os filhos de mulher-escrava seriam daí por diante considerados de condição livre". A imprensa passou a centrar suas críticas, narrando episódios que comoviam a opinião pública. Aderbal Jurema escreveu sobre o sadismo das filhas de senhores que torturavam as escravas obrigando-as a meter os pés em água fervendo; e aquele acontecido no engenho Republicano (Pernambuco), quando foram vistas, na cozinha da casa-grande, negras com grandes feridas nas faces. Interrogadas, responderam: "Foi tição de fogo que a *sinhá* botou na cara da gente, quando estava com raiva". A isso acrescentem-se outros sofrimentos inenarráveis como estupro em negras virgens ainda crianças, adúlteros forçados pelos senhores, castrações, emparedamentos vivos etc.

Os movimentos fortaleciam-se por todas as províncias. No Ceará, a folha "A Fraternidade" oferecia espaços para as opiniões favoráveis. Um nome que aparecia era o de Francisco José do Nascimento, o jangadeiro da abolição. Por seu denodo, sua luta, foi chamado de "Dragão do Mar". Graças à sua bravura, a província cearense decreta a libertação dos escravos no dia 25 de março de 1884. Esse acontecimento levou Gustavo Barroso a escrever: "Terra do Sol, que se transforma em Terra da Luz e da Liberdade".

No Rio de Janeiro, o jornal "Abolicionista" era o órgão oficial da Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Joaquim Nabuco iniciou uma grande época de combate pela redenção dos cativos.

Em São Paulo, destacou-se um grande jornalista negro: Luiz Gama, que no jornal "Paiz" batia-se e reclamava providências do governo sobre o modo como estava sendo feita a classificação dos escravos que deviam ser libertados.

3. As duas impressas: abolicionista e escravocrata

Escritores e jornalistas estavam divididos em duas frentes de batalha: de um lado, a "imprensa abolicionista" que se posicionava em defesa da libertação dos escravos. De outro, a "imprensa escravocrata", que defendia os interesses dos senhores e dos fazendeiros, tendo à frente o jornal "Novidades", editado por Alcindo Guanabara.

Neste estado de coisas, o poder de influência da imprensa escrita era relevante, fazendo com que a

opinião pública se definisse. Grandes discussões e controvérsias eram desencadeadas pelos jornais. Naquela fase histórica, o que se fazia era precisamente discutir, pôr em dúvida, analisar, combater.

Os republicanos escreviam para combater a pretensão sacralidade das instituições: da monarquia, da escravidão, do latifúndio. Nessa linha se integravam os melhores jornais e os melhores jornalistas.

Na batalha pela abolição, basta citar a "Gazeta da Tarde", de Ferreira de Meneses, e a "Gazeta de Notícias", de José do Patrocínio. Uma figura que merece destaque, na preparação do terreno para a "Lei Áurea", é a de Joaquim Serra. Na sua incansável luta pela libertação dos escravos, foi "obrigado" a deixar a "Folha Nova", por exigência dos escravocratas. Joaquim Serra, considerado o criador da "imprensa política", combateu por dez anos, dia e noite, até a vitória final de 13 de maio de 1888.

Entre os jornalistas do Segundo Império, também merece ênfase o nome de Aureliano Tavares Bastos. Ele possuía o "espírito universal", na expressão de Alceu Amoroso Lima. Antes de chegar às colunas do "Diário do Rio de Janeiro", passara pelo "Correio Mercantil". Bastos não apenas combatia a escravidão, mas insistia na necessidade de ser desenvolvida a imigração estrangeira, de modo que o trabalho do escravo fosse gradualmente substituído pelo trabalho livre.

Esses líderes da imprensa escrita: Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Mariano e muitos outros, entusiasmavam as multidões que viam na escravatura o grande "pecado do Brasil". Para eles, manter tal situação, quando já se tinha uma "consciência abolicionista", era uma tarefa quase insustentável.

Grandes jornais da época, como "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, o "Diário de Pernambuco", de Recife, o "Correio Paulistano" e a "Província de São Paulo", da Capital Bandeirante, desempenharam importante papel junto à opinião pública, como instrumentos de transmissão de idéias que versavam sobre os passos da abolição, embora em muitas edições tenham trazido anúncios de escravos fugitivos.

4. As reações à "Lei Áurea"

Com a proclamação da "Lei Áurea", no dia 13 de maio de 1888, através de apenas dois artigos: "Artigo 1º: É declarada extinta a escravidão no Brasil. Artigo 2º: Revogam-se as disposições em contrário", a imprensa escrita também se posiciona.

O jornal "Província de São Paulo", hoje "O Estado de São Paulo", publicou um editorial alusivo à abolição. Mas no dia seguinte, voltou à carga, com sua opinião, concluindo: "A Pátria sem escravos ainda não é a Pátria livre." Deixava entrever seus postulados republicanos. No entanto, os espíritos mais sagazes percebiam o reduzido alcance de seus efeitos. Seu teor ético, porém, empolgava todo o Brasil.

Benedito Florência, no seu entusiasmo, escrevia acerca da raça negra: "Martirizada ontem pela tirania das leis, perseguida hoje pela impiedade so-



FINALMENTE EM VÍDEO



Filme longa-metragem sobre a Igreja no Brasil e sua opção pelos pobres e marginalizados. Considerado o melhor filme do Terceiro Mundo no Festival de Cinema de Mannheim (Alemanha Ocidental)

80 minutos de duração.
Em vídeo ou filme 16 mm.
Temos fita K-7 com a trilha sonora original do filme.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 88 "Ouvi o clamor deste povo"

- Audiovisuais: "AXÊ"
"ZUMBI: RAIZ DA LIBERDADE"
- Disco: "NEGROS AFRICAMOS"
- Filme/Vídeo: "MISSA DOS QUILOMBOS"
- Fitas K-7: Fitas com dramatizações sobre a realidade do povo negro. Ideal para debates e celebrações.

VERBO FILMES

Rua Verbo Divino, 993 - Santo Amaro
04719 São Paulo SP Brasil
Telefones (011) 548-5744 - 247-4490

cial, não obstante caminha ativa, cheia de esperança, em busca do sagrado ideal de sua emancipação."

Os jornais abolicionistas noticiaram, com destaque, o gesto do papa Leão XIII, que ofereceu à Princesa Isabel a *Rosa de Ouro*, como prêmio pelo seu ato de tão relevante benemerência em favor dos habitantes negros do Brasil.

As reações à "Lei Áurea" provinham da imprensa rotulada de "conservadora", que se opunha à libertação dos escravos. Justificava-a pelo fato de que sem mão-de-obra poderia haver um colapso na produção agrícola, especialmente no Nordeste e no Rio de Janeiro. Em São Paulo, com o início das imigrações, o escravo era paulatinamente substituído pelos colonos que aqui aportavam da Europa.

No processo decisório da abolição, a imprensa escrita cumpriu seu papel. Tanto nos antecedentes da "Lei Áurea", quanto depois, quando se constata que a estrutura escravista não tinha sido extinta com a proclamação da própria Lei.

5. Conclusão

São passados cem anos da "Lei Áurea". A liberdade dos negros foi implantada, nos primeiros tempos, platonicamente. Na realidade, até hoje o estereótipo continua no "consciente coletivo" explicitado, muitas vezes, no tratamento, na linguagem, nas comparações, nas piadas, nas referências.

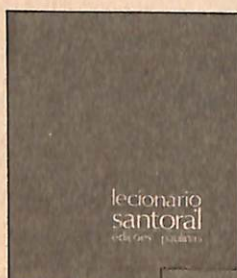
Todo estereótipo implica um julgamento de va-

lor. Não nos esqueçamos de que esses valores são ambivalentes, dependendo das circunstâncias. São fatos muito bem percebidos pelos negros, que não raramente, sentem-se mais feridos por certos elogios do que por fortes críticas. O exemplo mais gritante é a "apologia" da força física do negro, insinuando a idéia de que ele só serve para trabalhos pesados. Também a "apologia" sexual da negra/mulata subentendendo uma opinião pejorativa de sua moralidade.

Bernardo Guimarães oferece um elenco de estereótipos, em sua obra *A escrava Isaura* (1875). Autores famosos como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Manoel Antônio de Almeida, incluíram o personagem negro em seus romances. Aluizio de Azevedo, em *O Mulato*, demonstra muito bem que, no final do século XIX, o preconceito racial tomara a forma de um preconceito de cor, ou mais precisamente, se disfarçava sob a cor.

Estamos comemorando o I Centenário da abolição. Neste momento histórico, mais do que nunca se acentua o mito da "democracia racial" entre os diversos segmentos da sociedade civil. Oxalá toda essa euforia de reparação das injustiças e da exploração não se restrinja apenas à literatura romântica ou às crônicas de jornais! Mas conte com a efetiva participação de todos os brasileiros no sentido de que seja implementada uma autêntica "abolição" social, onde a igualdade, a fraternidade, a solidariedade se fundamente da raça, da cor e dos credos religiosos ou políticos. ■

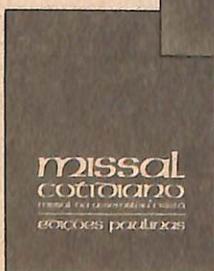
ep reedições
edições paulinas



LECIONÁRIO SANTORAL O Lecionário para as missas dos Santos contém duas partes: o comum dos Santos e o próprio dos Santos. Por sua variedade e flexibilidade, o livro enriquece a formação bíblica das comunidades. — 6.^a ed., 416 páginas, Cz\$ 1.100,00.



LITURGIA DAS HORAS — Saltério — Neste volume se encontra definitivamente toda a Liturgia das Horas, exceção feita apenas para as Leituras Bíblicas e Patrísticas, com seus responsórios correspondentes. — 4.^a ed., 1976 páginas. Encadernado: Cz\$ 2.200,00. Zíper: Cz\$ 2.800,00.



MISSAL COTIDIANO — Missal da Assembléia Cristã — Traz os textos bíblicos (anos pares e ímpares), comentários, orações, antífonas, ordinário da missa e formulários comuns. — 3.^a ed., 1918 páginas. Encadernado: Cz\$ 2.900,00. Zíper: Cz\$ 3.600,00.

Enriqueça sua discoteca com os lançamentos comep



MARIA PEREGRINA COM O POVO

O novo LP *Maria peregrina com o povo* traz 11 canções acessíveis e de caráter popular. Predomina o ritmo brasileiro do samba-canção, da marcha-rancho, balada e outros numa grande variedade de instrumentos acústicos e eletrônicos. Os arranjos e regência são dos maestros Eduardo Assad e Luiz Antônio Karam, com vocal de: Anakira, Edmir, Jorge, Djalma Lúcio, Márcia e Tânia Lemke. O disco *Maria peregrina com o povo* vai dinamizar a liturgia, os encontros e reuniões de grupo. Esse LP não pode faltar na sua comunidade.



JESUS AMIGO

O LP *Jesus amigo* é ótimo para animar, dar vida aos encontros, à catequese e particularmente à celebração eucarística das crianças. Ele apresenta 20 canções alegres, festivas, elaboradas num ritmo infantil. A amizade é o tema central. As crianças são motivadas a se abrirem para Jesus e os irmãos. Existe em cada canção a dimensão comunitária com o intuito de levar os pequenos a cultivar o senso de participação.

PE. ZEZINHO - Pra ver a paz acontecer



- Pra ver a paz acontecer
- Mataram mais um irmão
- Natal na periferia
- Valores
- A verdade é bem maior
- Por amor ao teu amor
- Somos todos burgueses
- Igual a Bartimeu
- Rimas
- Negritude

Estas são as músicas do novo LP do pe. Zezinho.



DESIDERATA

"Você é filho do universo, irmão das estrelas e árvores, você merece estar aqui." *Desiderata* é uma obra-prima em que Cid Moreira carrega de emoção sua interpretação nos 13 poemas que fazem parte do disco. *Desiderata* é também o nome da primeira faixa do LP. Trata-se de um poema encontrado na igreja de Saint Paul, em Baltimore, em 1692, e é um momento muito envolvente e de rara beleza do disco.

À venda nas Edições Paulinas e nas lojas de sua cidade.

22º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS (15 de maio de 1988)

Pont. Comissão para as Comunicações Sociais

Tema: "Comunicações sociais e promoção da solidariedade e da fraternidade entre os homens e os povos".

I. INTRODUÇÃO AO TEMA

Neste ano, o Dia Mundial convida cada um de nós a considerar as exigências e as possibilidades que oferecem as medidas para promover a fraternidade e a solidariedade humanas. Para a Igreja, este duplo empenho concreto encontra a sua fonte e a sua plenitude na e graças à mensagem evangélica da Boa-nova. A celebração do dia anual sugere, uma vez mais, sensibilizar os fiéis e a opinião pública sobre a importância da tarefa comunicativa aos olhos da Igreja e sobre o fato de que a Igreja toma a sério as suas tarefas comunicativas.

A. As implicações do tema

O tema deste ano nos põe uma questão central: "O que podemos fazer para promover a fraternidade e a solidariedade através dos média?" Esta questão compreende diversos aspectos:

- como contribuir para que a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão, os meios audiovisuais, as redes de comunicação informatizadas sirvam à fraternidade e à solidariedade no nosso mundo;
- como fazer de maneira que o testemunho da Igreja e a vida eclesial de fraternidade e de solidariedade evangélicas sejam percebidos e comunicados publicamente pelos média;
- como realizar uma partilha de solidariedade fraterna a nível de apostolado das comunicações sociais, graças a uma ajuda mútua em vista da formação profissional, do financiamento, da criação de programas, da circulação das informações eclesiais;
- como recolher as urgências de solidariedade e de fraternidade que a atualidade e os serviços de informação nos propõem, e valorizá-los a nível de engajamento das comunidades cristãs;
- como viver a fraternidade da comunhão eclesial graças a uma colaboração mais intensa entre as Igrejas em vista de um testemunho ecumênico comum no seio dos média;
- como manifestar juntos a solidariedade de todos aqueles que crêem em Deus, a serviço da fra-

ternidade humana, por meio de uma participação comum nas permutas do diálogo público dos média;

- como realizar comunicativamente a fraternidade em cada domínio da experiência humana:
 - entre as pessoas, os jovens, os adultos, as pessoas idosas,
 - entre as comunidades, os movimentos,
 - entre os tipos de sociedade,
 - entre as culturas,
 - entre as categorias profissionais,
 - entre as raças,
 - entre os sistemas políticos.

B. Algumas pistas de aplicação

O tema anual é uma ocasião para centrar os esforços em vista de valorizar o Dia Mundial, utilizando os espaços reservados à Igreja dentro das diferentes redes, estilos e tipos de comunicação social (solicitando uma disponibilidade particular). Seria bom, por exemplo que se pudessem:

- tomar contato com os responsáveis de cadeias e organismos de comunicação em vista de uma campanha de fraternidade e de solidariedade pelos média;
- examinar com eles — segundo as situações e os lugares — quais são as questões mais urgentes que se devem enfrentar no domínio da fraternidade e da solidariedade;
- considerar com os profissionais a possibilidade de concretizar a dimensão de fraternidade solidária nos diversos níveis das comunicações: entre outros, na
 - informação,
 - publicidade,
 - programas de formação,
 - diálogo de opinião,
 - espetáculos;
- propor, por parte dos comunicadores cristãos e dos centros eclesiais de comunicações: seqüências, programas, documentários, desenhos animados, áudio-video cassetes, curtas-metragens, editoriais, artigos de fundo, participações em espetáculos, que ilustrem o senso especificamente cristão e eclesial da solidariedade e da fraternidade;
- promover, por parte dos responsáveis eclesiais, uma indagação dos informadores sobre a manei-

ra com a qual se vive a fraternidade e a solidariedade na Igreja.

- sugerir, por parte dos pastores e das comunidades, pelos média: objetivos práticos — para cada região — de fraternidade e de solidariedade, particularmente aqueles que a Igreja considera como prioritários. Alguns domínios das relações humanas são especialmente importantes a este respeito:
 - a justiça,
 - a liberdade,
 - a dignidade das pessoas e das comunidades,
 - a paz,
 - a igualdade,
 - a ética de vida,
 - o diálogo...

O escopo de realizar a fraternidade implica também o apelo a superar os obstáculos à solidariedade, tais como:

- o racismo,
 - os diferentes fanatismos,
 - os nacionalismos,
 - as intolerâncias corporativas,
 - o abuso de poder,
 - a militarização,
 - os desequilíbrios de concentração financeira.
- (Cf. A mensagem do Papa para o Dia Mundial de 1988, abaixo).

C. Alguns aspectos importantes da celebração anual

O Dia Mundial é uma ocasião privilegiada para suscitar ou renovar o interesse pela iniciativa da Igreja para os média. É, portanto, essencial ter presente e desenvolver os vínculos entre o Povo de Deus e os comunicadores. Este é um aspecto fundamental da solidariedade nas nossas sociedades contemporâneas.

"Nenhuma solidariedade hoje sem os média" e "nenhum média plenamente humano sem solidariedade", tal é a dimensão particular do tema deste ano. A solidariedade dos comunicadores com o Povo de Deus depende da acolhida que as instituições e as comunidades ou movimentos lhes oferecerão. Este dia poderá sublinhar a valorização do papel dos comunicadores católicos em meio à comunhão eclesial, e a escuta por parte dos fiéis e pastores dos problemas vividos pelos comunicadores para cumprirem sua missão.

Algumas iniciativas são possíveis neste plano:

- solicitar os comunicadores católicos a colaborar

ativa e criativamente para a celebração do Dia Mundial em seus três momentos principais:

- o momento eclesial e litúrgico da celebração eucarística,
- o momento de contato entre os pastores e o mundo dos profissionais,
- o momento de permuta entre os comunicadores e o Povo de Deus;
- convidar os comunicadores nas paróquias, movimentos, comunidades religiosas, seminários, escolas católicas, para ilustrar o vínculo entre solidariedade humana e participação de todos na tarefa de comunicação pelos diversos média;
- animar os grupos de jovens na Igreja a reunirem material audiovisual sobre experiências de fraternidade e de solidariedade, e ajudá-los a coordenar a sua produção graças à assistência profissional de padres, religiosos(as), ou leigos engajados no apostolado eclesial dos média;
- suscitar a generosidade dos fiéis em vista de uma ajuda eficaz aos iniciadores da comunicação nos países menos favorecidos, especialmente graças a uma coleta de solidariedade a serviço das empresas de apostolado de comunicação eclesial nestas regiões.

Estas poucas indicações têm por escopo encorajar o espírito de iniciativa de cada um na Igreja. Muitas outras atividades são possíveis e até desejáveis.

A nossa Comissão seria particularmente feliz em receber um relatório sobre o que foi realizado em cada região para valorizar o apelo à fraternidade e à solidariedade através dos média, por ocasião da celebração do 22º Dia Mundial das comunicações sociais.

II. MENSAGEM DO PAPA

Irmãos e irmãs, queridos amigos informadores e comunicadores,

1. Se a gente pudesse um dia dizer em verdade que "comunicar" se refere a "fraternizar", que "comunicação" significa "solidariedade" humana, não seria isto o mais belo dos resultados para as "comunicações de massa"? É sobre este tema que eu gostaria de propor-vos refletir neste 22º Dia Mundial das comunicações sociais.

Falando de fraternidade, eu penso no sentido forte deste termo. É o Cristo, de fato, "primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8,29), que nos faz descobrir em toda pessoa humana, amiga ou mesmo

Os Paulinos, atuando na Igreja com os Meios de Comunicação Social, distribuem gratuitamente a revista VIDA PASTORAL a todas as paróquias e entidades religiosas do Brasil. Pedidos avulsos de Agentes de Pastoral são atendidos em qualquer período do ano, terminando em dezembro do mesmo ano. Para continuar recebendo a Revista, basta que os Agentes de Pastoral escrevam à Administração de VIDA PASTORAL, solicitando a renovação da assinatura. Aceitamos contribuição para as despesas do correio.

inimiga, um irmão ou uma irmã. Vindo “não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (cf. Jo 3,17), o Cristo chama todos os homens à unidade. O Espírito de amor que ele doa ao mundo é também um Espírito de unidade: São Paulo nos mostra o mesmo Espírito que concede dons diversos, que atua nos membros diversos do mesmo Corpo: existe “diversidade de dons (...) mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos” (1Cor 12,4-6).

2. Se eu evoco logo de início o fundamento espiritual da fraternidade e da solidariedade, é porque este senso cristão não é estranho à realidade humana primária que encobre estes termos. A Igreja não considera a fraternidade e a solidariedade como valores que lhes seriam reservados. Pelo contrário, nós nos lembramos sempre da maneira como Jesus louvou o bom samaritano que reconheceu um irmão no homem ferido, melhor que o padre e o levita (cf. Lc 10,29-37). Do mesmo modo, o apóstolo Paulo convida a não desprezar os dons do outro, mas a se alegrar pela obra do Espírito em cada um dos nossos irmãos (cf. 1Cor 12,14-30).

A fraternidade e a solidariedade são fundamentais e urgentes: elas deveriam marcar hoje os povos e as culturas. A descoberta, na alegria, das suas relações felizes, não é a mais bela “festa” oferecida pelas comunicações de massa, o seu “espetáculo” de maior sucesso, no melhor sentido destes termos?

Ainda que hoje as comunicações de massa conheçam um desenvolvimento vertiginoso, os vínculos que elas tecem entre povos e culturas representam o que elas trazem de mais precioso. Mas eu sei que vós mesmos, os comunicadores, tendes consciência dos efeitos perversos que arriscam desnaturar estas relações entre os povos e as culturas. A exaltação de si, o desprezo ou a rejeição daqueles que são diferentes, podem agravar as tensões ou as divisões. Tais atitudes engendram a violência, desviam e destroem a verdadeira comunicação, tornam impossível toda relação fraterna.

3. Para que possam existir uma fraternidade e uma solidariedade humanas, e com maior razão, para que a sua dimensão cristã se aprofunde, é neces-

sário reconhecer os valores elementares que as sustentam. Permite-me recordar aqui alguns deles: o respeito do outro, o senso do diálogo, a justiça, a ética sã da vida pessoal e comunitária, a liberdade, a igualdade, a paz na unidade, a promoção de dignidade da pessoa humana, a capacidade de participação e de partilha. A fraternidade e a solidariedade superam todo espírito de clã, de corporação, todo nacionalismo, todo racismo, todo abuso de poder, todo fanatismo individual, cultural ou religioso.

Compete aos agentes da comunicação de massa utilizar as técnicas e os meios à sua disposição, conservando sempre uma consciência clara destes valores primários. Eu sugeriria aqui somente algumas aplicações:

- as agências de informação e a imprensa em seu conjunto manifestem o seu respeito pelo outro com uma informação completa e equilibrada;
- quanto mais a possibilidade de permuta recíproca é oferecida a todos, tanto melhor a difusão radiofônica da palavra atinge a sua finalidade;
- os mídias que são a expressão de grupos particulares contribuem para reforçar a justiça no momento em que eles fazem ouvir a voz daqueles que dele são privados;
- os programas de televisão concernem a quase todos os aspectos da vida, e as redes são aptas a inúmeras interconexões: quando se considera a sua influência, a exigência ética se impõe ainda mais a seus responsáveis, para que eles ofereçam às pessoas e às comunidades imagens que favoreçam a compenetração das culturas, sem intolerância e sem violência, a serviço da unidade;
- as possibilidades de comunicações pessoais por telefone, a sua extensão ao teletexto, a sua difusão cada vez mais vasta pelos satélites, tudo isto sugere uma preocupação pela igualdade entre as pessoas, facilitando o acesso a estes meios ao maior número possível, para permitir verdadeiras permutas;
- a informação concerne cada vez mais às atividades econômicas ou culturais, os bancos de da-

dos integram uma quantidade de informações diversas inimagináveis até agora: sabe-se que a sua utilização pode trazer consigo toda sorte de pressões ou de violências sobre a vida privada ou coletiva; assim como uma gestão sábia destes meios se torna uma verdadeira condição da paz;

- conceber os “espetáculos” que difundem os diversos suportes audiovisuais, isto implica o respeito das consciências dos seus inúmeros “espectadores”;
- a comunicação publicitária desperta ou reúne desejos, mas ela cria também necessidades: aqueles que a comandam ou a concebem devem lembrar-se das pessoas mais desfavorecidas, para quem os bens propostos permanecem inacessíveis.

Qualquer que seja o seu modo de intervenção, é necessário que os comunicadores observem um código de honra, que eles tenham o cuidado por uma partilha da verdade do homem, e que eles contribuam para uma nova ordem mundial da informação e da comunicação.

4. Na rede sempre mais densa e mais ativa das comunicações sociais através do mundo, a Igreja deseja simplesmente, como “perita em humanidade”, recordar sem cessar os valores que fazem a grandeza do homem. Mas ela tem também a convicção de que eles não podem ser assimilados e postos em prática concretamente se se esquece a vida espiritual do homem. Para os cristãos, a Revelação de Deus em Cristo é uma luz sobre o próprio homem. A fé na mensagem da salvação constitui a mais intensa das motivações a serviço do homem. Os dons do Espírito Santo engajam para servir o homem na solidariedade fraterna.

Pode ser que a gente se interroge: não somos demasiado confiantes abrindo tais perspectivas? As tendências que se delineiam no domínio da comu-

nicação de massa nos autorizam a nutrir tais esperanças?

Aos corações perturbados pelos riscos das novas tecnologias da comunicação, eu responderia: “Não temais”. Longe de ignorar a realidade na qual nós vivemos, leiamo-la mais profundamente. Discernamos, à luz da fé, os sinais dos tempos autênticos. A Igreja, que se preocupa pelo homem, conhece a aspiração profunda do gênero humano pela fraternidade e pela solidariedade — aspiração muitas vezes negada, desfigurada, mas indestrutível porque forjada no coração do homem pelo mesmo Deus que criou nele a exigência da comunicação e as capacidades de desenvolvê-la em escala planetária.

5. Nas vésperas do terceiro milênio, a Igreja recorda ao homem que a fraternidade e a solidariedade não podem ser somente condições de sobrevivência; elas são traços de sua vocação que o exercício da comunicação social lhe permite realizar livremente.

Permite-me, portanto, dizer-vos a todos, especialmente neste Ano Mariano: “Não temais”. Não ficou a própria Maria assustada diante de um anúncio que era, no entanto, o sinal de salvação oferecido à humanidade inteira? “Feliz a que acreditou”, como o testemunha Isabel (Lc 1,45). É graças à sua fé que a Virgem Maria acolhe o desígnio de Deus, que ela entra no mistério da comunhão trinitária e, tornando-se Mãe do Cristo, inaugura na história uma fraternidade nova.

Bem-aventurados aqueles que acreditam, aqueles que a fé liberta do temor, que ela abre à esperança, que ela leva a construir um mundo onde, na fraternidade e na solidariedade, exista ainda lugar para uma comunicação da alegria!

Animado por esta profunda alegria pelos dons da comunicação recebidos em vista da edificação de todos, nesta fraternidade solidária, eu invoco sobre cada um de vós a Bênção do Altíssimo. ■

VIDROARTE

- MOSAICOS ARTÍSTICOS
- VITRAIS ARTÍSTICOS CHUMBADOS — COLADOS
- RESTAURAÇÕES DE VITRAIS ANTIGOS
- VIDROS COLORIDOS

IMPORTADOS E FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Longos anos dedicados à ARTE SACRA, com centenas de obras em todo o Brasil e exterior

Rua Raposo Tavares, 725 (Pilarzinho)
Cx. Postal 3351 — 80000 CURITIBA — PR
Telefones: (041) 234-5513 e 222-9760

Sarasa

— QUADROS EM AZULEJOS



PAINÉIS PARA FACHADAS DE IGREJAS, ALTARES, VIA-SACRA, ETC., EM AZULEJOS POLICROMADOS.

A AÇÃO DO TEMPO EM NADA AFETA O SEU DESENHO E COLORIDO. VITRAIS INQUEBRÁVEIS COM TÉCNICA PRÓPRIA. EXECUTAMOS QUALQUER DESENHO.

CATALOGADOS NOS PRINCIPAIS DICIONÁRIOS DE ARTES PLÁSTICAS DO BRASIL.

ENDEREÇO: VIA ANCHIETA 1075 - TELEFONE 63-2109
C. E. P. 04247 - IPIRANGA - SÃO PAULO - S. P.



● boletim semanal em português

● boletim quinzenal em inglês

● prestação de serviços jornalísticos

● programas e boletins radiofônicos

A Agência Ecumênica de Notícias, fundada em março de 1986, é uma entidade voltada para a realidade informativa da maioria da população brasileira. Tem um caráter ecumênico, profissional e suprapartidário. É formada por entidades que publicam jornais, revistas, boletins e outros meios de comunicação.

As informações coletadas e publicadas pela AGEN representam uma alternativa permanente para quem deseja estar sempre informado sobre o cotidiano das Igrejas, direitos humanos, movimentos sociais, economia, América Latina e Terceiro Mundo. São informações exclusivas, recolhidas por uma rede própria de correspondentes e colaboradores.

Avenida Ipiranga, 1267, 14º andar, CEP 01039,
São Paulo, SP, Brasil, Endereço telegráfico:
Ecumênica, Telefone: (011) 229 6734
Telex: 11.25824 AECN-BR



**PREÇO DA ASSINATURA ANUAL DO
BOLETIM DA AGEN**

Individual	Entidade
Brasil Cz\$ 2.000,00	Cz\$ 2.500,00
América Latina US\$ 35	
Outros países US\$ 50	

SIM. Quero receber regularmente o boletim semanal da Agência Ecumênica de Notícias. Para isto, estou fazendo uma assinatura anual, a partir do mês de _____ de _____

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____ Cidade _____ Estado _____
País _____ Telefone _____ Nº do cheque ou vale postal _____
Assinatura _____ Data _____



PASTORAL COM OS AIDÉTICOS

Léo Pessini

Uma experiência

Sábado à tarde, num grande hospital. O telefone toca. Na voz de quem chama percebo emoção, agitação e temor. Um pedido: paciente com AIDS, em fase terminal, quer conversar com o padre!

Deixo tudo e me apresso a atender o chamado. Chego ao local e me deparo com uma pessoa humana totalmente desfigurada, passando por uma terrível crise. Médicos e enfermeiros, a seu lado, fazem o possível. Ao me apresentar, ele quis logo conversar. Voz tênue, respiração ofegante, no olhar um grito de súplica. Socorro! Suas primeiras palavras: "Padre, eu estou morrendo. Gostaria de estar em paz e que o senhor dissesse aos meus familiares o quanto os amei e que ofereço a minha morte para que eles permaneçam sempre unidos."

Comovido, disse-lhe que estaria com ele como irmão, para ajudá-lo a enfrentar esse momento de crise numa perspectiva de fé, na certeza de que o Cristo está conosco, dando-nos muita esperança e certeza da vida eterna.

Padre, disse-me ele, soluçando entre lágrimas, tudo foi errado na minha vida. Tenho salvação?

Senti que este era um momento sagrado. Ele falou... chorou... contou muito sobre sua vida. Fui lembrando-lhe o Cristo que veio ao encontro dos pecadores e não dos justos, do seu amor para com os doentes e marginalizados, do seu perdão a tantos. Seus olhos reluziam, como que readquirindo nova vida.

Padre, insistiu ele, quero receber tudo para poder morrer em paz. O diálogo foi crescendo em profundidade, dei-lhe a absolvição, a unção dos enfermos. Disse-lhe que ele não estava caminhando fraco para um abismo ou túnel sem saída, mas que estava indo para o encontro de Deus, que é Pai amoroso, que o aguardava de braços abertos.

Convidei-o a agradecer o dom da vida e colocá-la nas mãos de Deus. Ele me agradece comovido. Continuo: A., agora que você está sentindo-se em paz, não gostaria de receber a comunhão?

— A hóstia, padre? Eu mereço isto?

Sim, Deus o ama, eu disse. Ele fecha os olhos, escorrem-lhe lágrimas e soluça, soluça de alegria, de gratidão por ainda perceber que Deus está com ele quando tantos o abandonaram e esqueceram. Rezamos juntos o Pai-nosso, agradei a Deus pela vida de A. e disse que nunca mais o esqueceria. Toda vez que fosse chamado a estar com alguém prestes a morrer, me lembraria dele, de sua coragem, humildade e fé reconciliada com Deus.

Ao despedir-me, prometi minhas orações e disse que esperava, um dia, ver-nos novamente no céu.

E A., no final da tarde, disse adeus, na esperança de viver eternamente.

Era sábado, véspera do Domingo da Ressurreição...

São em situações dramáticas como esta, vividas por dezenas, centenas de pacientes aidéticos, que somos convidados a sermos de ajuda. É tentando dar uma resposta a essa realidade que este texto discorre sobre os seguintes aspectos da questão pastoral ligada aos aidéticos: religião e espiritualidade; contexto psicossocial; significado e esperança; um Deus de amor e, finalmente, algumas dicas pastorais.

1. Religião e espiritualidade

É bom que distingamos entre o que é religião organizada e espiritualidade. Essa distinção nos ajuda, porque muitas pessoas, especialmente aquelas dos grupos do alto risco, afetadas pela AIDS, foram em muitos casos feridas ou rejeitadas pela religião organizada. Muitas organizações religiosas, por exemplo, discriminam membros homossexuais. Líderes religiosos, em seus sermões, condenam a homossexualidade, e muitos fundamentalistas, bem como algumas seitas, falam da AIDS como exemplo de vingança divina contra os homossexuais.

Desnecessário seria dizer que muitos membros da comunidade gay vêm a religião organizada, bem como seus valores, como irrelevantes e agressivos. Muitos aidéticos também têm experiências negativas com a religião organizada. Como resultado, quando essas pessoas sentem necessidades religiosas ou espirituais, podem não reconhecê-las, ou então simplesmente reprimi-las ou rejeitá-las por considerá-las agressivas e irrelevantes.

O termo "espiritual" se refere àqueles aspectos da experiência humana que transcendem a própria experiência imediata e são relacionais. A dimensão espiritual da experiência humana está ligada às questões de significado, esperança, liberdade, identidade, auto-estima, amor, imagem de Deus, perdão e reconciliação. A espiritualidade é, portanto, determinada pelo modo como as pessoas estruturam seu relacionamento com Deus (ou lidam com a ausência de Deus), o mundo, os outros e elas próprias.

A religião organizada, por outro lado, pode ser descrita como o relacionamento humano com o sagrado. A religião organizada tentou abarcar a experiência humana subjetiva do sagrado num determinado credo em particular (verdades fundamentais), culto (uma forma de adoração, oração e práticas religiosas) e comunidade (autoridade, lei e participação). Como tal, a religião é uma resposta hu-

mana, e está sujeita à corrupção e distorção, especialmente porque, na religião, pode-se tentar justificar a si mesmo e aos próprios preconceitos, ao apropriar-se do poder do sagrado. Santidade e interesse pessoal misturam-se numa religião organizada. No seu aspecto mais autêntico, a religião vai ao encontro do desejo humano de comunhão com Deus; no seu aspecto mais degradante, pode alienar a pessoa daquilo que é mais profundamente humano: a liberdade para amar.

Como a religião organizada é uma criação humana, cada religião, e sua maneira própria de abraçar a resposta humana do sagrado, existe para servir espiritualmente seus membros. O sábado foi feito para a pessoa e não a pessoa para o sábado (Mc 2,27), disse Jesus aos líderes da religião judaica. Os elementos que constituem determinada religião organizada existem para alimentar o autêntico crescimento espiritual de seus membros. Jesus disse aos escribas e fariseus que qualquer que seja a legislação religiosa, práticas que verdadeiramente promovam esse crescimento devem ser respeitadas e seguidas, mas o que o impede deve ser desafiado e contestado.

Na minha experiência, aidéticos que pertencem a determinada religião organizada encontraram elementos — tais como o apoio do pastor, comunidade, oração e sacramentos — que contribuíram grandemente para seu crescimento espiritual. No trato com a doença, encontrei também pessoas que tive-

ram de lutar e explorar mais suas visões autodestrutivas de ensinamentos morais religiosos (tais como: a AIDS é um julgamento de Deus da depravação moral), porque bloquearam seu autêntico progresso espiritual e afetaram seriamente sua saúde física e psicológica.

Levar em conta essa distinção entre espiritualidade e religião é benéfico, uma vez que tem ajudado muitas pessoas com AIDS a se libertarem no sentido de reconhecer e abordar uma dimensão de suas vidas que é central para sua saúde e bem-estar.

2. Contexto psicossocial

Para que possamos compreender as necessidades espirituais que a AIDS levanta, precisamos saber dos efeitos psicossociais da doença.

Psicologicamente, o diagnóstico de AIDS normalmente gera um grau elevadíssimo de ansiedade nas pessoas. Os aidéticos vivem na incerteza: a incerteza de morrer antes que seja encontrada a cura, a incerteza de que morrerão se não for descoberta a cura, e a incerteza de como uma ou mais das infecções oportunistas poderão levá-los à morte. Receber um diagnóstico de uma doença mortal caracterizada por tais incertezas cria, sem dúvida alto nível de ansiedade.

Algumas pessoas com AIDS revelaram que o diagnóstico inicial deixou-as em tal estado de choque que lembram pouco ou quase nada das primeiras semanas após o conhecimento do diagnóstico.

Ampliando essa incerteza e ansiedade que a acompanha, sobrevém a síndrome dos altos e baixos. Os pacientes experimentam períodos de estado de saúde razoável, quando podem levar avante uma vida normal ou quase normal, e dispõem de recursos para enfrentar a realidade. Tais períodos serão seguidos por uma crise inesperada e aguda com o processo de debilitação que resulta da própria infecção, testes médicos, medicamentos e procedimentos hospitalares. Consequentemente, um dos mais elevados índices de ansiedade que um ser humano pode experimentar é gerado na pessoa portadora de AIDS.

Além da ansiedade produzida pela própria doença, os aidéticos precisam enfrentar as imagens sociais negativas associadas à doença, caso pertençam a grupos de risco socialmente marginalizados ou não. Devido à ignorância generalizada e medo ligado à transmissão da AIDS, as pessoas são estigmatizadas como ameaças de saúde pública, leprosos do mundo de hoje: algumas organizações de pais querem vê-los longe da escola, autoridades públicas desejam que passem por quarentena. Como a AIDS pode ser sexualmente transmitida, os que a contraem são considerados promíscuos, pecadores, hansenianos morais, punidos por Deus com a doença. Além disso, uma vez que a mais alta porcentagem de pessoas portadoras de AIDS nos EUA são gays ou homens bissexuais, a doença foi chamada de praga de gay, mesmo sabendo-se que 26% dos casos registrados envolvem heterossexuais, e que essa porcentagem está crescendo. Finalmente, como a AIDS pode também ser transmitida pelo uso de drogas através de seringas contaminadas, a doença foi associada com o consumo de tóxicos.

Ser diagnosticado como portador de AIDS significa entrar num grupo socialmente estigmatizado, com toda a alienação e isolamento que tal ingresso produz. Esse grupo inclui pacientes gays, bissexuais ou viciado em drogas. Além dos sentimentos de isolamento e alienação, os pacientes são vistos com suspeita a respeito de sua condição. Lutando contra essas imagens sociais negativas, não importando como contraiu AIDS, o doente vive um alto grau de alienação e experimenta sentimentos de isolamen-

to e ostracismo, precisamente no momento em que mais precisa de apoio e sentido de pertença.

Contudo, gays ou homens bissexuais, por vezes, são forçados e enfrentar uma série de experiências traumáticas e reveladoras de sua condição com famílias e colegas de trabalho. Como resultado de terem revelado sua realidade sexual por causa da AIDS, muitos foram rejeitados pelos familiares e amigos, perderam o emprego etc.

Confrontados com esses efeitos sociais e psicossociais da doença, os aidéticos têm pela frente o desafio de trabalhar a dimensão espiritual num nível muito mais profundo do que tem sido vivido anteriormente. Eles enfrentam questões de sentido da vida, identidade pessoal e valor, imagem de Deus e necessidade de perdão e reconciliação num contexto novo e aterrorizante. Eles sentem profunda necessidade de significado e esperança.

3. Significado e esperança

As pessoas dão sentido e esperança à vida quando possuem identidade e auto-estima através de relacionamentos pessoais e profissionais, pela aceitação e respeito que receberam de tais relacionamentos, pela satisfação pessoal e material do exercício de suas profissões, pelo seu estado de saúde e bem-estar físico e, quem sabe, pela sua experiência de Deus ou participação na religião organizada.

Quando um ou todos esses aspectos da vida passam por mudança, ou são ameaçados, ou perdidos, experimentamos um colapso parcial ou total de significado e esperança. Enfrentando debilitação física, ansiedade, alienação e rejeição possível ou real, os aidéticos freqüentemente sentem a necessidade de estabelecer o senso de que sua vida ainda tem sentido, direção e valor, que eles têm futuro, em termos de qualidade de vida e relacionamento. Isto significa, muitas vezes, redescobrir a esperança e uma razão para viver.

Muito próxima da necessidade de significado e esperança está a necessidade de se ter identidade e auto-estima. Quando as pessoas perdem seu trabalho, são rejeitadas pela família ou amigos, ou tornam-se dependentes dos outros para satisfazer suas



Luz e cor em todas as igrejas do Brasil!

CONRADO - VITRAIS E CRISTAIS LTDA.

Conrado Sorgenicht Filho

Nossos tradicionais e legítimos vitrais de vidro e chumbo iluminam e decoram mais de 600 igrejas desde 1888. Mais duas belas igrejas em São Paulo atestam e confirmam nosso renome como artistas máximos dos vitrais autênticos no Brasil: Igreja de São Judas Tadeu — a tradicional — no Bairro do Jabaquara (Av. Jabaquara), e a nova Igreja Matriz de N. Sra. de Nazaré (Jardim Arpoador), que acabamos de ornamentar com nossos vitrais.

Convidamos nossos amigos a visitá-las e certificarem-se de que somos realmente "uma casa tradicional, mas sempre na vanguarda".

Telefone-nos para **(011) 287-3733**, e teremos prazer em acompanhá-lo nessas visitas.

Ainda criamos uma seção de vitrais econômicos, visando servir às igrejas de poucos recursos, para que todas possam ter seus vitrais, pois uma igreja sem vitrais é como um dia sem sol.

Especialistas em restaurações

Chame nosso representante pelo telefone **(011) 287-3733**

Para correspondência: Av. Paulista, 1.195, 18º andar, apto. 186 Cerqueira César, 01311 São Paulo, SP.



ARTESANATO COSTA

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO!

**IMAGENS — CRUCIFIXOS
PRESÉPIOS — MENINO JESUS**

FONES: 562-8713 e 562-8850

Rua Domenico Palma, 168
CEP 04652 — Cidade Ademar
SÃO PAULO — SP

SUBSÍDIOS

para o Mês da Bíblia '88

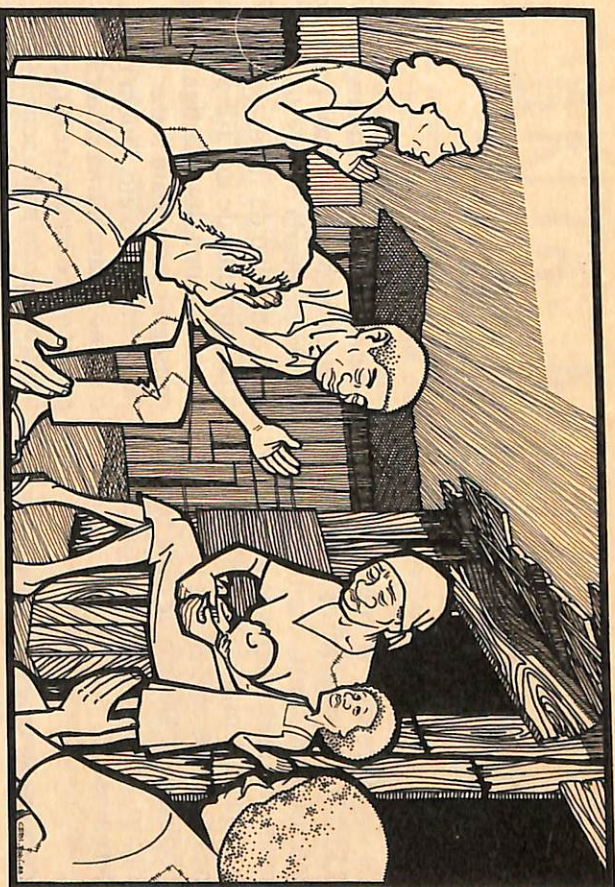
1. *Salmos, a oração do povo que luta. Trata-se do "texto-base" para o Mês da Bíblia. Este livrinho oferece conteúdo e dinâmicas para o estudo dos Salmos. Apresenta o estudo e a reflexão em quatro capítulos. Capítulo primeiro: O povo de Deus suplica. Capítulo segundo: O povo de Deus agradece. Capítulo terceiro: O povo de Deus confia. Capítulo quarto: O povo de Deus celebra. Este texto é destinado aos grupos que já possuem certa prática no estudo da Bíblia, ou que já celebram o Mês da Bíblia há alguns anos.*

2. *Vida viva (Os Salmos para escolas e grupos de jovens). É um texto de estudo e reflexão destinado a grupos iniciantes, jovens, colégios, escolas paroquiais, catequese e escolas dominicais (veja a coluna ao lado). Tem objetivo ecumênico. As atividades e dinâmicas são próprias para jovens e iniciantes, oferecendo muito espaço para a criatividade dos grupos.*

3. *Círculos Bíblicos. Também neste ano o folheto Bíblia-Cente publica para se fazer quatro roteiros de círculos bíblicos ligados ao tema do Mês da Bíblia: "Salmos, a oração do povo que luta". Podem ser adquiridos separadamente. Peça-os desde já.*

4. *Cartaz. O cartaz tem quatro desenhos sobre o assunto dos quatro capítulos do "texto-base": Salmos, a oração do povo que luta. Estamos continuando a proposta feita no ano passado, com base na "fotolinguagem". As avaliações demonstram sua validade. No verso do cartaz há sugestões de como utilizá-lo.*

5. *Discos. O disco da Missa da Bíblia*



VIDA VIVA

Os Salmos para escolas e grupos de jovens

Entre os subsídios para o Mês da Bíblia deste ano está a introdução ao estudo dos Salmos para grupos de catequizandos, alunos de Escolas Dominicais, colégios e escolas, dentro de uma perspectiva ecumênica.

O subsídio apresenta 4 encontros, cada vez tratando de determinado salmo, seguido de muitas atividades para fazer o salmo chegar à vida concreta dos jovens.

O 1º encontro trata de um salmo de louvor (Sl 33); o 2º encontro fala sobre a presença de Deus (Sl 139); o 3º sobre a grandeza do homem (Sl 8) e o 4º sobre a cidade.

As atividades são muitas:

- Rescrever os salmos para o dia de hoje ou criar novos salmos.
- Descobrir, na música brasileira, os nossos "salmos".
- Construir pequenos instrumentos musicais para acompanhar os salmos.
- Expressão corporal que acompanha a oração dos salmos.
- Jogos, murais, desenhos, debates, pesquisas.

O subsídio é de grande riqueza para pôr os jovens em contato com os salmos de um modo criativo e atraente. Depois de ter trabalhado com o subsídio VIDA VIVA, certamente os salmos terão outro sa-

AValiação

do Mês da Bíblia '87

Certamente você está curioso e quer saber algo sobre como os grupos trabalharam no Mês da Bíblia de 1987.

Sua curiosidade é muito justa. Vamos lá! Muitas pessoas tomaram a sério o desejo de seguir Elias, Moisés, Jesus... e trabalharam pra valer. Criaram grupos novos, participaram ativamente de cursos, círculos bíblicos, maratonas, gincanas. Fizaram muitas coisas para ajudar vivas, crianças abandonadas, pagaram o dízimo para que as paróquias pudessem desenvolver melhor suas obras. Houve até um grupo do interior do Estado do Espírito Santo que mandou uma viva a Belo Horizonte para conhecer o Serviço de Animação Bíblica e explicar a equipe como a comunidade de Guacuí trabalhou durante o Mês da Bíblia sobre o tema "Elias, homem de Deus, homem do povo". Dona Lécia, na entrevista que teve com a secretária do SAB, disse que através do estudo dos textos do profeta Elias a comunidade aprendeu a ler toda a Bíblia. Contou também que um dos participantes dos círculos bíblicos, o seu Manoel, disse que "A Bíblia é como rapadura, feia e dura, mas só conhece seu sabor aquele que aprende a comê-la".

O SAB recebeu 572 cartas respondendo às avaliações. E aqui vai uma breve exposição de dados para você ficar por dentro. Porém o SAB gostaria de ter recebido muito mais avaliações, pois assim teríamos mais condições de conhecer a realidade dos grupos.

Cartas: 572, vindas de 7.914 pessoas que participaram ativamente do Mês da Bíblia. 40% acharam fácil o estudo do livrinho; 30% mais ou menos; 10% difícil. 80% disseram que o livrinho ajudou a entender o relato de Elias; 20% ajudou pouco. 95% dos que usaram o cartaz (fotolinguagem) gostaram muito. 40% não usaram o cartaz porque não chegaram a conhecê-lo. 30% usaram os discos da Missa e Hinos da Bíblia, e gostaram muito.

necessidades físicas mais básicas, entram em crise de autodepreciação e descrença. Elas precisam ver, para além de sua debilitação corporal, desfiguramento, perdas psicológicas e sociais por que passam, a inacreditável força de dignidade, valor e riquezas interiores.

Pelo processo difícil de restabelecer o significado de sua própria vida, esperança, identidade e auto-estima, outra necessidade torna-se manifesta no aidético: a necessidade de aceitação incondicional e amor.

Quando a pessoa é confrontada com os efeitos que caracterizam uma doença mortal, especialmente com os efeitos que marcam a AIDS, a necessidade de relacionamento é aguçada, e persiste nas atitudes e comportamentos que parecem ser destinados a alienar precisamente aqueles que mais compreendem e cuidam dela.

Os doentes e moribundos podem tornar-se irascíveis, hostis, deprimidos e até irracionais à medida que a independência física, emocional e social e controle diminuem; regressão e estágios de adolescência ou comportamento de criança e mecanismos de enfrentar a situação podem acontecer.

O aidético necessita de aceitação consistente e incondicional, além do amor, especialmente durante os períodos de atitudes e comportamentos negativos. Todos os interessados deveriam tentar estabelecer e manter um relacionamento compreensivo e compassivo, independentemente da hostilidade, reatância, exigências ou comportamento agressivo manifesto. Agir dessa forma não significa deixar-se manipular por tal comportamento, e sim procurar entender a pessoa que está atrás de tal comportamento, e acolhê-la de maneira carinhosa e consistente.

4. Um Deus de amor

O modelo para essa aceitação incondicional e amor é o Deus bíblico, o Deus que nos aceita e nos ama como somos, que nos liberta da escravidão pessoal, social e religiosa. Um Deus que apaga o pecado, que nos dá a integridade, justiça, paz e o poder de amar, e que nos guia na escuridão do sofrimen-

to e morte para a claridão das promessas da imortalidade. Infelizmente, criou-se uma imagem de um Deus austero e juiz que mais rejeita que acolhe. Há necessidade de descobrir a imagem de Deus que é amor.

A descoberta de um Deus de amor e acolhedor é impedida pela visão de ser a AIDS uma punição divina ou uma forma não saudável de culpa religiosa. Em muitos gays, essa culpa religiosa é uma homofobia internalizada, um medo irracional de tendência para o mesmo sexo que tem sido expresso na rejeição e discriminação contra os homossexuais.

Os aidéticos experimentam por vezes um sentimento de culpa saudável a respeito de aspectos particulares da vida, ao se darem conta de que desvalorizaram o corpo e causaram danos a si próprios ao reduzir pessoas à mera condição de objetos, ou então, fugindo do autoconhecimento e auto-estima, simplesmente desconsideraram sua vida espiritual. Quando essas descobertas aparecem com o sentimento de culpa, essas pessoas necessitam assumir responsavelmente tais comportamentos e atitudes. Em outras palavras, elas necessitam de perdão e reconciliação com Deus, com elas próprias e com aqueles que feriram. Quando os aidéticos confrontam essa culpa, podem novamente experimentar liberdade, auto-aceitação e um sentido de inteireza que não pode ser destruído pelos efeitos físicos ou psicossociais da doença.

Viver com uma doença mortífera leva as pessoas a aprofundar a vida no presente. A pessoa aprende a viver cada dia a seu tempo. O remorso do passado e a ansiedade a respeito do futuro não somente criam estresse, mas também comprometem o sistema imunológico, além de afastar a pessoa do amor e qualidade de vida que ainda podem ser experimentados no presente.

Finalmente, os aidéticos frequentemente necessitam de diálogo a respeito do espiritual. Precisam sentir-se livres para falar de suas necessidades espirituais, sem enfrentar resistência ou falta de compreensão. Ouvir as necessidades e descobertas da pessoa e, se necessário, colocá-la em contato com sua comunidade religiosa (padre ou pastor) é mui-

MÓVEIS UNIÃO — HARTMANN & HARTMANN

Bancos — Altares — Púlpitos e Esculturas para Igrejas (Diversos modelos)

* Fabricados em imbuia maciça * 90% sem emendas * Esmerado acabamento * Transporte próprio

Não aceitamos adiantamento — Financiamento a longo prazo

Os nossos vendedores são nossos próprios funcionários. Solicite catálogo, visita e orçamento sem compromisso.

ATENDEMOS QUALQUER QUANTIA EM TERRITÓRIO NACIONAL

Fábrica
Cachoeira Salto Doner
89124 BENEDITO NOVO, SC

ESCRITÓRIO DE VENDAS
Fábrica 2 — Cx. P. 1.785
R. Bogotá 007 (Morangueirinha)
87040 MARINGÁ, PR
Tel.: (0442) 23-6883



BÍBLIA '88

SUPLEMENTO INFORMATIVO DE BÍBLIA—GENTE Nº 4

REZAR OS SALMOS HOJE... SIM, MAS COMO?

Para entender a Bíblia, é preciso entender e rezar os Salmos. Sobre tudo porque a Bíblia é para ser vivida e rezada. Os Salmos são o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento. O "texto-base" do Mês da Bíblia de 1988 apresenta e explica 7 salmos, para a caminhada de nossas comunidades. O Mês da Bíblia pretende ser continuação e vivência da Campanha da Fraternidade: os Salmos são "o clamor deste povo". Com os Salmos o povo de Deus expressava sua luta de cada dia e a luta de séculos. Com os Salmos o povo das minorias procura falar com Deus, suplicar, agradecer, exprimir confiança e celebrar, rezando e cantando. Os cultos afro-brasileiros sempre deram o exemplo de valorização da mensagem libertadora da Bíblia, tão presente nos Salmos e na alma do povo.

Os salmos são o retrato da vida do povo. São como um álbum bem variado, onde tem fotografias de todos os tamanhos. Pois tudo pode tornar-se assunto da nossa conversa com Deus: a vida, a natureza e os fatos, as alegrias e as tristezas, a luta e a caminhada, tudo! Vale a pena você ler os salmos e procurar reencontrar neles as coisas da vida que você vive. Isto o ajudará a perceber como a vida pode tornar-se alimento para a nossa prece.

O jeito de rezar de um é diferente do outro. Cada um se expressa conforme a experiência que tem de Deus, de si mesmo e da vida. Os salmos expressam o jeito de rezar do povo hebreu. Foram escritos em hebraico. Nem sempre é fácil traduzi-

los para o português, como não é fácil traduzir para outra língua certas preces que nós fazemos. Outro dia, um pedreiro rezou assim: "Senhor Deus, neste em Belém. Mostra que és brasileiro, e vem ajudar a gente!" Um jovem rezou assim: "Ó Deus, minha mãe morreu, meu pai deu no pé e me deixou na mão. Por isso, enchi a cara! Mas estou arrependido. Tem piedade de mim!" Estas preces tão simples têm sentido escondido que só um brasileiro entende plenamente. Quanto mais alguém viver no Brasil, tanto melhor compreenderá todo o sentido de tais preces. O mesmo vale para os salmos. Quanto mais você os rezar, tanto melhor compreenderá todo o seu sentido!

**Os
SALMOS**
são a
oração
do povo
(veja na
página 3)

**O povo canta
os Salmos
(página 2)**



**SUBSÍDIOS PARA
O MÊS DA BÍBLIA
1988 (página 4)**

Salmo 37,7 diz assim: "Descansa no Senhor e espera nele!" Outros traduzem diferente: "Silencia perante Javé e nele confia". Outros ainda: "Em silêncio abandona-te ao Senhor e põe tua esperança nele". E ainda: "Cala-te diante do Senhor e espera por ele!" Quatro traduções diferentes da mesma frase. As quatro são corretas, mas nenhuma delas consegue traduzir para a nossa língua todo o sentido que está escondido naquela prece. "*Descansa no Senhor*"; isto é, deixe que a calma da paz de Deus entre em você; procure pacificar-se por dentro. "*Espera nele*"; isto é, agüente firme diante dele, não vá embora, nem desanime. A palavra hebraica é a mesma que se usava para indicar a atitude da mulher em dores de parto. A mulher deve agüentar firme, mesmo se contorcendo em dores. Do contrário, a vida nova não poderá nascer. Assim somos nós diante de Deus: aos poucos, ele vai tomando a ini-

ciativa, e nós temos que ir silenciando. Assim somos nós rezando os salmos: agüente firme, não desista, para que possa brotar vida nova em você!

A melhor chave de leitura para entender os salmos é a vida que a gente vive. Aprofundando a vida à luz de Deus dentro da comunidade e dentro da vida do povo, você atinge a fonte de onde, no passado, brotaram os salmos. Lá está escondida a chave que abre a porta principal, a porta da frente. Pode ser que alguma janela ou porta lateral continue fechada. Ou seja, pode ser que algum texto ou expressão mais difícil continue incompreensível para nós. Não importa. A luz que entra pela porta da frente é suficiente para iluminar a sala toda.

**Reze a vida
palmo a palmo.
Anime a luta
salmo a salmo.**

Frei Carlos Mesters



MARISTELA MAFEI



CEBs: GENTE QUE SE FAZ GENTE NA IGREJA — Pe. Mas-similiano Leorato — O livro pretende ser útil a todos os animadores de CEBs. O trabalho é fruto da colaboração e esforço de muitas pessoas. Recolhe grande quantidade de elementos, idéias, experiências e considerações referentes às CEBs. Apresenta etapas possíveis na implantação das CEBs e as exigências na formação de líderes. — 256 páginas, Cz\$ 420,00.

RAÍZES DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA — Pablo Richard (Org.) — O livro possui cinco partes: I. Teologia na época da cristandade colonial; II. Teologia na época da neocristandade; III. Teologia na literatura latino-americana; IV. A atividade teológica dos pobres; V. Tentativa de teologia protestante. Objetivo da obra é reconstruir o significado histórico da teologia da América Latina. — 464 páginas, Cz\$ 1.000,00.



ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE — Paul-Eugène Charbonneau — O Autor procura ajudar adolescentes e jovens a fazer opções em matéria de comportamento sexual. Auxilia-os a preparar o amor que só é amor verdadeiro se for vivido ultrapassando a si mesmo, na liberdade compreendida no sentido profundo, na mais intransigente lucidez. Livro para adolescentes, jovens e educadores em geral. — 120 páginas, Cz\$ 230,00.



TERRA: FERRAMENTA DA VIDA — Diocese de Santarém — A equipe de Catequese Rural dessa Diocese se propôs fazer uma leitura da questão agrária a partir da Bíblia, a fim de esclarecer e organizar o povo da roça. A primeira parte do livrinho é uma leitura da realidade e dos sistemas sociais; a segunda procura iluminar essa realidade com aquilo que a Bíblia traz sobre o tema. — 72 páginas, Cz\$ 120,00.



CULTO É VIDA — Diocese de Santarém — A equipe de Catequese Rural dessa Diocese preparou este opúsculo para ajudar as comunidades rurais e das periferias a celebrarem o Culto Dominical. É um cursinho sobre o Culto, que é vida, parte do nosso dia-a-dia, do nosso trabalho, da nossa luta pela transformação da sociedade injusta em que vivemos. Livrinho para animadores de comunidades. — 20 páginas, Cz\$ 55,00.



é o mesmo do ano passado: "Palavra que liberta". Também estão à disposição os discos compactos sobre "Hinos da Bíblia" n.º 1, n.º 2, n.º 3. Neste ano apresentamos como novidade um LP com 12 salmos cantados seguindo uma linguagem interpretativa e ritmos de diversas regiões do Brasil. O LP destina-se não só a paróquias, colégios e grupos, mas também às famílias para momentos de mediação e paz.

6. **Audivisual com o título Os Sal-mos da vida e a vida dos Salmos.** Propõe o estudo, reflexão e oração dos Salmos. É o n.º 2 da coleção: "BÍBLIA NA VIDA". Segue a metodologia do n.º 1: "Elías, homem de Deus, homem do povo", ajudando a ler, refletir e rezar a Bíblia em comunidade.

7. **Programas radiofônicos.** Serão fornecidos textos ("script") de 26 programas a serem veiculados em rádio. O tema é o do Mês da Bíblia: Salmos, a oração do povo que luta. Duração de 3 minutos.

8. **Jornal "BÍBLIA '88".** Não esqueça que este é mais um subsídio para preparar o Mês da Bíblia. É de distribuição gratuita. Leia e passe para outros.

Você encontrará esses subsídios em qualquer uma das livrarias de EDIÇÕES PAULINAS. Por correio, faça seu pedido a EDIÇÕES PAULINAS — Rua Azevedo Macedo, 129 — Caixa Postal 45.352 — 04013 São Paulo, SP — Tel.: (011) 572-4199.

que de Jerusalém (SI 122). O 3.º encontro vê a súplica e o agradecimento num plano individual (salmos 6 e 23) e num plano comunitário (salmos 58 e 90).

bor e ajudarão a ouvir e interpretar "o clamor do povo", expresso tanto nos salmos como no nosso dia-a-dia.

Inês Broshuis

SUGESTÃO: Neste ano a equipe do Serviço de Animação Bíblica (SAB) propõe às paróquias e colégios que não percam a possibilidade que lhes é oferecida de montar uma *feira de livros bíblicos* durante o Mês da Bíblia. Dê a seu amigo a oportunidade de comprar a Bíblia, ou um livro de comentários e reflexões bíblicas. Experimente!

Ir. Rosana Pulga

PUBLICAÇÕES DE EDIÇÕES PAULINAS Para Círculos Bíblicos e Comunidades

SALMOS E CÂNTICOS: A ORAÇÃO DO POVO DE DEUS — Tradução fiel e poética de todos os Salmos, bem como dos Cânticos bíblicos usados na liturgia. Notas explicativas e atualização cristã para cada salmo. Apêndice de 50 páginas sobre os gêneros literários dos Salmos. Verdadeiro manual de oração cristã e sólida instrução bíblica. Livro aconselhado para quem quiser aprofundar o "texto-base" do Mês da Bíblia de 1988. Formato: 11,5 x 18 cm. 584 páginas.

NOVO TESTAMENTO - Edição Pastoral — Tradução clara e simples. Breve introdução a cada livro. Títulos e subtítulos que esclarecem o texto. Notas de caráter pastoral, formando um comentário contínuo. Mapas que ajudam a compreender melhor a mensagem. Formato: 13,5 x 19 cm. 464 páginas.

MAPAS DA BÍBLIA — Série de 13 mapas sobre os grandes períodos da História bíblica. A 4 cores, plastificados e embalados em tubo. Acompanha a série o livrinho "Guia de leitura aos mapas da Bíblia", para ajudar na explicação de cada mapa. Formato de cada mapa: 72 x 102 cm.

Editora: PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO (Paulinos) — **Diretor e Redator-chefe:** Antônio C. D'Elboux — **Coordenação:** José Bortolini — **Redação:** SAB — Serviço de Animação Bíblica — **Endereço:** BÍBLIA-GENTE — Via Raposo Tavares, km 18,5 — Caixa Postal 8.107 — Telefone (011) 268-6141 — 01051 São Paulo, SP.

to importante para ela superar o medo de sentir-se isolada no nível mais profundo do seu ser.

Pacientes que pertencem a determinada religião organizada freqüentemente expressaram a necessidade de rituais e práticas de sua religião, apoio do pastor, oração com membros da comunidade ou leitura de textos bíblicos, e sacramentos. Essas práticas providenciam conforto, criam continuidade com o passado e ajudam significativamente a diminuir os sentimentos de ansiedade, isolamento e alienação, proporcionando uma experiência de comunidade.

Ritos e práticas religiosas não somente ajudam os aidéticos a enfrentar os efeitos de sua doença, mas também contribuem muito para seu crescimento espiritual.

Uma resposta compreensiva e apropriada às necessidades do aidético ajuda à saúde e bem-estar global, uma vez que o nível espiritual é o fundamento para a integração dos outros níveis. Mesmo que o resultado final seja a morte, deve-se dar uma resposta às necessidades espirituais da pessoa, ajudá-la a buscar qualidade e sentido na vida: enfrentar a morte dignamente proporcionará essa integração.

5. A Pastoral junto aos aidéticos

Pastoral junto às vítimas da AIDS deve começar primeiramente com o desejo de saber mais sobre AIDS e comunidade gay. Este é o primeiro passo para que uma ação pastoral construtiva, redentora e reconciliadora tenha futuro. A Pastoral nesse contexto é predominantemente um ministério de reconciliação.

Deve ser lembrado que, nesta etapa da história, todos os pacientes de AIDS são terminais. Centenas já morreram e milhares morrerão, segundo especialistas. Devemos ter em mente que existem dois

aspectos sensíveis nos aidéticos: a morte e a sexualidade. Estas duas realidades precisam ser abordadas.

Um perigo que se apresenta para o agente e/ou profissional não é a doença em si, mas o esgotamento mental, uma vez que os pacientes tendem a se tornar passivos, sentindo-se impotentes e dependentes. Um relacionamento de ajuda não deve ser de superproteção e estar alerta ao perigo de uma dependência contínua.

6. Pistas de ação pastoral

1. *Objetivo.* É importante estabelecer uma relação contínua de aceitação. Com muita freqüência é suficiente somente estar com o paciente, ouvindo-o e compreendendo o que ele está querendo dizer. A capacidade de ouvir é criticamente importante aqui. Nosso objetivo, como Paulo diz (1Tm 1,5), é viver o amor, a caridade.

2. *Estipular uma postura ativa.* Os pacientes de AIDS tendem a se tornarem passivos, pois o tratamento é determinado por outros. Eles devem ser encorajados a ter, no tratamento, um papel o quanto possível ativo. Podem participar no tratamento aprendendo e cooperando em questões tais como de alimentação, como lidar com o estresse, relaxamento, várias formas de meditação, leituras etc. Eles precisam trabalhar sua salvação com temor e tremor, como diria São Paulo (Fl 2,12). Isto não é um julgamento; eles devem ser ajudados a assumir a própria realidade existencial em que se encontram.

3. *Ser de ajuda, mas não superproteger.* Ajudar pacientes que podem fazer as coisas por si mesmos não é ajudar, mas atrapalhar. Superproteger pode levar os pacientes a desenvolverem passividade, dependência e alimentar mais o sentimento de impotência. Isso pode reforçar a idéia de um declínio iminente. Os pacientes devem ser encorajados a fazer tanto quanto eles podem. Algumas vezes dizer não expressa mais amor que permitir dependência.

4. *Ajudar os pacientes a construir um estilo de vida melhor.* Encorajá-los a participar em acontecimentos recreacionais, religiosos, ocupacionais, dentro dos limites de sua condição. Esse é um momento de mudança para o construtivo; buscam-se respostas de salvação. Passagens bíblicas apropriadas podem ser usadas como base no processo de aconselhamento.

5. *Encorajar o paciente a falar.* Estimulá-lo a falar sobre qualquer assunto, incluindo os difíceis, tais como mortalidade (a própria morte), mas deixar sempre a iniciativa ao paciente e guiá-lo na discussão. É muito importante promover um diálogo aberto.

6. *Permitir a negação.* Os mecanismos de defesa têm um objetivo. Contanto que os cuidados médicos não sejam comprometidos como resultados, permitir a negação. A negação reduz o estresse, mantém o paciente feliz, ajuda-o a manter uma qualidade positiva de vida. Existem muitas maneiras de

trazer à luz as coisas que estão escondidas (1Cor 4,5); não esquecer, no entanto, que isso deve ser dito com paciência (Tg 5,8; 2Pd 3,9).

7. *Encorajar a participação em grupos.* Os grupos podem tornar-se lugares seguros e de apoio. Dão a chance de ver entre os participantes exemplos de posturas construtivas perante a doença. Por causa do isolamento, por vezes, não acontece a interação grupal.

8. *Confiança, consistência e continuidade.* O apoio oferecido pelo agente de pastoral deve estar na linha de um relacionamento consistente, confiante e contínuo. Uma vez que a abordagem pastoral significa primeiramente estar presente, é importante que o agente de pastoral se comprometa consigo mesmo e seus pacientes a estar disponível e afastar-se quando necessário.

9. *Dar tempo para desenvolver a relação pastoral.* Leva tempo para se construir a confiança e cultivar verdadeiro relacionamento. Ser paciente consigo mesmo e com o paciente.

10. *Dar permissão a você mesmo de sentir desconforto.* Isto é essencial para quem lida com pessoas que estão enfrentando doença terminal. Lembre-se de que você é humano e de que, como ser humano, é natural sentir-se frágil, impotente, apreensivo ou usar afirmações teológicas antes que reconhecer seu próprio desconforto e lidar com ele. Aceite o paciente e você mesmo como são: seres humanos em busca da redenção e reconciliação que Deus oferece. É necessário estar vigilante no sentido de não personalizar a raiva; o ressentimento e a depressão do paciente, mas engajá-lo num diálogo construtivo.

Conclusão

É importante que lidemos com a doença no nível médico, mas, por outro lado, que não isolemos a pessoa. A pessoa necessita tanto de reconciliação, amor, atenção, esperança, quanto a doença necessita de cuidados médicos. O agente de Pastoral da Saúde tem um campo enorme de ação em ser instrumento de reconciliação da pessoa com ela mesma, da pessoa com os outros e com Deus. Deve estar vigilante em não ser manipulado pelo estigma ligado à AIDS e às pessoas portadoras deste mal ("castigo de Deus", "revolta da natureza", "peste gay" etc.).

Somos chamados a viver a caridade, misericórdia e compreensão, comungando solidariamente com o sofrimento dessas pessoas que são filhos de Deus e nossos irmãos.

Todos são chamados a colaborar em atitudes e subsídios para se descobrir meios na prevenção da doença, na eliminação dos preconceitos e no acolhimento das vítimas, cercando-as de compreensão e amor humano.

A Igreja, que quer ser "perita em humanidade", deveria ser a primeira a manifestar esse compromisso, tanto a nível de prevenção quanto a nível da compaixão para com os vitimados pela AIDS. Antes que moralizar, a missão desafiadora é humanizar. ■

Bibliografia

- FLYNN, Eillen P., *AIDS: a catholic call for compassion*, Sheed & Ward, Kansas City, 1985.
DUNPHY, Richard, "Helping persons with AIDS find meaning and hope", in *Health progress*, Maio de 1987, vol. 68, n.º 4, pp. 58-63.
WENDLER, Laus, "Ministry to patients with Acquired Immunodeficiency Syndrome: A spiritual challenge", in *The Journal of Pastoral Care*, Vol. XII, março de 1987, pp. 4-16.

QUADROS EM AZULEJOS 30 anos de arte em azulejos

R
I
Z
Z
I



Fone (011) 458-1495

R. Edgar Gerson Barbosa, 219
Vila Dayse — São Bernardo do Campo
CEP 09730 SÃO PAULO

COLEÇÕES ENCADERNADAS

- * VIDA PASTORAL 1987 — Cz\$ 580,00.
- * O DOMINGO 1987 — Cz\$ 500,00.
- * O DOMINGO DAS CRIANÇAS 1987 — Cz\$ 500,00.
- * O DOMINGO-CULTO DOMINICAL 1987 — Cz\$ 500,00.

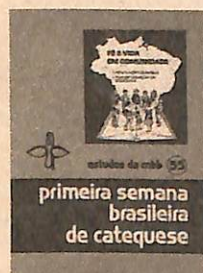
PEDIDOS:

ADMINISTRAÇÃO DE "O DOMINGO" — Via Raposo Tavares, km 18,555
Caixa Postal 8.107 — 05550 SÃO PAULO, SP
Fone (011)268-6141 (Horário comercial).



MANUAL DE PLANEJAMENTO PASTORAL — M. Cabello-E. Espinoza-J. Gómez — Estrutura-se em quatro partes: 1. O que é planejar; 2. Aspectos do planejamento pastoral, integrados num processo dinâmico de renovação; 3. Aspectos importantes da organização pastoral; 4. A avaliação da pastoral como aspecto-chave na execução ou aplicação de um plano de pastoral e a utilização da pedagogia ativa. — 160 pp., Cz\$ 280,00.

A CABANAGEM NA FALA DO POVO — Padre Tiago Thorlby — A intenção deste livro é contestar a versão dominante da história a respeito da Cabanagem, movimento popular que se deu no norte do Brasil, no século passado. Com este objetivo, o livro recolhe a “memória perigosa do povo”. Valoriza e devolve ao público as coisas que não são valorizadas pela história oficial. — 112 páginas, Cz\$ 250,00.



PRIMEIRA SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE — Estudos da CNBB, 55 — O livro gira em torno do evento celebrado em 1986: os objetivos da 1.ª SBC, sua preparação e realização. A seguir, traz os conteúdos dos temas abordados e debatidos durante a semana. Por fim, apresenta o encerramento e avaliação do encontro. Livro importante para todos os que estão comprometidos com a catequese. — 320 pp., Cz\$ 480,00.

MEDITAÇÃO CRISTÃ — John Main — O Autor descreve sua própria caminhada espiritual, e demonstra que o caminho da oração e meditação é via aberta a todos. Como iniciação à oração e à prática concreta da meditação na tradição cristã, este livro é insuperável em simplicidade e testemunho de vida. O desafio lançado às comunidades cristãs é descobrir o poder que possuem ao meditar e orar. — 64 páginas, Cz\$ 150,00.



JESUS ANTES DO CRISTIANISMO — A. Nolan — O Autor procura apresentar Jesus como era antes de se tornar o centro da fé cristã, antes de ser relido à luz das questões das comunidades onde nasceram os evangelhos. Ele é movido pela urgência de fazer algo diante do sofrimento diário de tantos milhões de pessoas como, por exemplo, o dos negros da África do Sul, em meio aos quais ele vive. — 208 pp., Cz\$ 520,00.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. José Bortolini

5.º DOM. DA PÁSCOA (1.º de maio)

RAÍZES E FRUTOS DA COMUNIDADE CRISTÃ

I. INTRODUÇÃO GERAL

A comunidade cristã se reúne para celebrar a fé e cimentar sua união com Cristo, a videira, cujos ramos são todos os batizados (Evangelho). A fé que celebramos tem sua expressão maior no amor entre os membros da comunidade. Seria vã a fé que não levasse ao amor (II leitura). Ela se traduz também no testemunho cristão, levando as pessoas a eliminar desconfiança, frieza e indiferença nas relações interpessoais. Celebrar a fé é solidariedade e compromisso com os perseguidos por causa do testemunho (I leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 9,26-31): O que é ser discípulo de Jesus?

A maior parte do cap. 9 de Atos reproduz acontecimentos referentes à vida de Saulo (Paulo): sua conversão (vv. 1-19a), estada em Damasco, anúncio e fuga (vv. 19b-25) e visita a Jerusalém (vv. 26-30). O texto escolhido para a liturgia deste domingo relata o episódio de Saulo em Jerusalém. Ele já era bem conhecido nessa cidade, pois foi aí que se formou rabino, nutrido de ódio contra os discípulos do Senhor a ponto de se tornar cúmplice do assassinio de Estêvão (cf. At 7,58).

Compreende-se, dessa maneira, por que os cristãos de Jerusalém mantivessem tanta distância e desconfiança em relação a ele, tratando-o com frieza (v. 26). A intervenção de Barnabé em favor do convertido é decisiva: ele o apresenta aos apóstolos. O testemunho de Barnabé em favor de Saulo mostra quais são as características de um discípulo de Jesus (v. 27): a. ter-se encontrado com o Senhor, mudando completamente o rumo da própria existência (tinha visto o Senhor no caminho); b. ter entrado em comunhão com Jesus, escutando-o (o Senhor lhe havia falado); c. ter-se comprometido decisivamente com Jesus (Saulo, na cidade de Damasco, havia pregado publicamente em nome de Jesus). Lucas salienta esse último aspecto, classificando a pregação do convertido de *ousada* (em grego, *parresia*). O mesmo termo é empregado a seguir, quando afirma que ele *discutia* com os judeus de língua grega, v. 29). Sua pregação é *ousada* porque provoca conflito, envolvendo em primeira pessoa o pregador. Es-

sas três características são suficientes para que ele seja considerado discípulo do Senhor, tendo plena liberdade e comunhão entre os irmãos (v. 28).

Como acontecera em Damasco, onde a pregação acarretara ameaças de morte (vv. 23-24), também em Jerusalém o anúncio corajoso de Jesus provocou conflitos, fazendo com que os judeus de língua grega procurassem matá-lo (v. 29). Como reage a comunidade cristã quando um de seus membros é “marcado para morrer”? A atitude básica é a da solidariedade que visa conservar a vida do evangelizador. Foi assim em Damasco (v. 25), como em Jerusalém (v. 30): os irmãos mandam Saulo para Tarso, sua terra natal.

O v. 31 — que fala da paz vivida pela Igreja na Judéia, Galiléia e Samaria, consolidando-se e crescendo no temor do Senhor e crescendo em número — é uma espécie de “retrato da comunidade”. Essa paz não é devida à ausência momentânea de Paulo no cenário da evangelização. Pensar assim seria desvirtuar os Atos dos Apóstolos e o próprio evangelho de Lucas. Ela também não é devida à pretensão paz do império romano. É, isso sim, a paz que vem do temor do Senhor: é a partir dele, com o auxílio do Espírito Santo, que a comunidade cristã se fortalece e cresce em número, pois o projeto de Deus encontra terreno propício para crescer.

2. Evangelho (Jo 15,1-8): Raízes e frutos da comunidade cristã

O trecho do evangelho de João proposto para este domingo faz parte dos acontecimentos que marcam a despedida de Jesus durante a Ceia (13,1-17,26). É sob a ótica de *testamento* que se poderá melhor entender o presente texto. O testemunho de Jesus a seus discípulos abraça temas diversos. No caso de Jo 15,1-8, Jesus fala sobre o *segredo* ou *condições* para a expansão da comunidade cristã.

a. As raízes da comunidade cristã (vv. 1-2)

Recuperando velha imagem do Antigo Testamento, Jesus se declara a verdadeira videira, cujo agricultor é o Pai (v. 1). No passado, Israel fora comparado à vinha (cf. Jr 2,21; Is 5,1) que não correspondera às expectativas de Iahweh, que a plantara na esperança de vê-la produzir *frutos de direito e justiça*. Contudo, os frutos dessa vinha foram a transgressão e a violência (cf. Is 5,7).

Jesus se denomina “a verdadeira videira”, ou seja, só ele é capaz de produzir os frutos que Deus espera, ou se quisermos, só nele é que poderemos realizar o que o Pai anseia. Dessa forma ele se apresenta como única alternativa para a realização do

direito e da justiça. Nesse sentido ele é *verdadeiro*, isto é, autêntico e fiel: a videira verdadeira.

O Pai, por sua vez, é o agricultor, ou seja, o que põe em ação seu projeto de instaurar na terra o direito e a justiça, a liberdade e a vida para todos. Portanto, as raízes da comunidade cristã, chamada a dar frutos em Cristo, são Jesus e o Pai. Este, como bom agricultor, cuida da videira, com o intuito de fazê-la frutificar. O cuidado do Pai transparece no texto sob a imagem da poda. No início da primavera o viticultor seleciona os melhores ramos, podando-os e eliminando os que não serão produtivos. É a poda seca. Algum tempo depois, quando os novos ramos já se desenvolveram o suficiente, a ponto de mostrar os cachos ainda pequenos, procede à poda verde, eliminando os ramos que não apresentam frutos. É importante lembrar que sem poda a videira, dentro de alguns anos, acaba morrendo. Podar, portanto, não é fazer a videira sofrer, e sim dar-lhe condições para produzir em abundância. Frequentemente pensa-se na poda enquanto sofrimento. Jamais passa pela cabeça do agricultor fazer sofrer a videira. A poda é o *reforço* indispensável: sem ela a videira morrerá. Em termos teológicos, a poda não se traduz em provação, e sim em *graça*.

Nos vv. 1-2 temos, portanto, um Deus extremamente zeloso que cuida da comunidade cristã, enraizada em Cristo, para que produza frutos. Importante notar, ainda, que sem a comunidade (ramos) o projeto do Pai arrisca ficar estéril. Jesus é a videira, mas os frutos de justiça e direito nascem dos ramos, da comunidade que a ele aderiu.

b. Credenciais para ser comunidade cristã (vv. 3-7)

Contrariando a mentalidade do tempo, segundo a qual as pessoas se tornavam puras às custas de ritos de purificação, Jesus garante que a verdadeira pureza da comunidade cristã consiste em acolher a Palavra que ele comunica. É ela quem purifica, liberta e capacita para a missão. Esta é a primeira credencial da comunidade: ter ouvido a Palavra de Jesus: "Vocês já estão limpos por causa da Palavra que eu lhes falei" (v. 3). É a Palavra que põe em contato com Jesus, estabelecendo comunhão e unidade, como a da videira com os ramos.

A segunda credencial é apresentada pelo verbo *permanecer*, que aparece sete vezes nos vv. 4-7 (cf. também 1,39). O cimento do *permanecer* se chama *amor*. O amor a Jesus, traduzido em união, comunhão e sintonia com seu projeto, caracteriza as pessoas como cristãs: formam uma só coisa com Cristo. O texto não fala de amor, mas sim em permanecer, pois estamos dentro da metáfora videira-ramos. Estes estão unidos à videira e de sua seiva se alimentam. Assim acontece com a comunidade cristã: une-se a seu fundador e raiz, pelo amor. De fato, o que mais desejamos quando amamos alguém? Creio que, basicamente, procuramos duas coisas: 1. estar sempre com a pessoa amada, sem separações; 2. que essa união não morra, mas dure para sempre, em crescimento constante.

Nos vv. 5-6 fala-se do risco de esterilidade de toda a comunidade ou de alguns membros. Não basta estar simplesmente unido a Jesus para sempre, sem que isso acarrete a práxis cristã. Mais ainda: quem não produz frutos de justiça e direito não poderá afirmar que está unido a Jesus, como o ramo à videira. Pelo contrário, quem permanece nele produz muito fruto (v. 5); quem não permanece nele (ou seja, é estéril), é jogado fora, seca e será queimado (v. 6). Em outras palavras, quem não luta pelo direito e justiça incorre no julgamento, como aconteceu com a videira de Is 5. Portanto, o critério para sabermos se a comunidade permanece ou não em Cristo são os frutos de justiça e direito que ela produz, os frutos do amor. São eles a identificá-la como comunidade cristã.

Jesus afirma que "se permanecerem em mim, e minhas palavras permanecerem em vocês, peçam o que quiserem, e isto lhes será concedido" (v. 7). Isso nos leva ao cerne do que é *rezar*: estar em perfeita sintonia com Jesus e seu projeto, fazendo-lhe a vontade, sentindo-o como energia motora na execução do projeto de Deus. Nesse clima, nenhum pedido ficará sem resposta, nenhum esforço será inútil.

c. A glória do Pai (v. 8)

A alegria do agricultor é ver a videira carregada de excelentes frutos. A glória do Pai é uma comu-

nidade comprometida com seu projeto, fortemente unida a Jesus, a videira, raiz de nova sociedade, cujos frutos são a justiça, direito, solidariedade, fraternidade e amor. Isso é parte (ou, talvez, a síntese) do testamento de Jesus à sua comunidade; essas são as condições para que a comunidade cresça e desenvolva sua missão.

3. II leitura (1Jo 3,18-24): Amar é algo de concreto e sério!

A primeira carta de João, "escrita provavelmente no fim do séc. I, era dirigida às comunidades cristãs da Ásia Menor, que passavam por séria crise, provocada por um grupo de dissidentes carismáticos... Eles negavam que Jesus era o Messias e se gloriam de conhecer a Deus, de amá-lo e de estar em íntima união com ele; afirmavam-se iluminados, livres do pecado e da baixeza do mundo; não davam importância ao amor ao próximo e talvez até odiassem e hostilizassem a comunidade... A carta mostra que é vazio e sem valor qualquer espiritualismo que não se traduz em comportamento prático. Não é possível amar a Deus sem amar ao próximo e sem formar comunidade: se Deus é Pai, os homens são filhos e família de Deus; e conseqüentemente todos devem amar-se como irmãos. Deus manifestou seu amor por meio de Jesus, que tornou possível o amor entre os homens" (*Novo Testamento — Edição Pastoral*, Ed. Paulinas, 1986, p. 399).

João insiste que o autêntico amor se traduz em obras e na verdade (v. 18). Em outras palavras, o amor entre os membros da comunidade, para ser verdadeiro, precisa reproduzir o de Jesus, fiel ao Pai e misericordioso em relação às pessoas, levado às extremas conseqüências. Essa é a prova cabal de pertencermos à verdade de Deus (v. 19).

O amor entre pessoas tende frequentemente a se desviar de sua real dimensão, mas o importante é conservar aquela sintonia que nos permita ter confiança em Deus (vv. 20-21), a ponto de sermos por ele ajudados na tarefa de amar.

Quando podemos ter certeza de sermos atendidos ao pedir qualquer coisa? O Autor da carta apresenta a condição fundamental: quando guardamos os mandamentos de Deus (v. 22), sintetizados aqui num só: a fé em Jesus, traduzida nas relações comunitárias fraternas. Isso demonstra que se não existe amor, também não há fé no nome de Jesus. O amor é, portanto, a expressão visível da fé em Deus. Sem ele não há cristianismo, nem religião, nem fé (vv. 23-24). Quem garante isso é o Espírito de Jesus, que impulsiona a comunidade a viver o mesmo amor de Jesus, que amou até o fim (v. 24).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• A I leitura ajuda a comunidade a superar a desconfiança e frieza entre seus membros. O que nos caracteriza, hoje, como discípulos do Senhor? O que fazemos por aqueles cristãos que hoje são perseguidos e "marcados para morrer"?

• Refletir com a comunidade sobre os frutos que ela produz: provam ou negam que estamos unidos a Jesus? É possível ser cristão sem lutar pelo direito e pela justiça? (Evangelho).

• Os cristãos se reúnem para celebrar a fé. Qual é a expressão dessa fé? "Sem amor não há cristianismo, nem religião, nem fé" (II leitura).

6º DOM. DA PÁSCOA (8 de maio)

O AMOR GERA COMUNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

O amor é a essência da vida de Deus e das pessoas. O Pai ama o Filho comunicando-lhe o Espírito Santo. Jesus nos ama infundindo-nos seu Espírito, tornando-nos seus amigos e companheiros de luta na implantação do projeto de vida. Assim formamos comunidade com a Trindade (Evangelho). O amor gera comunidade entre as pessoas, levando-as a superar barreiras, pois ele não discrimina por nenhum motivo (I leitura). Amar é compromisso sério com o povo que sofre, pois ninguém conhece Deus a não ser a partir da solidariedade com os desfavorecidos (II leitura). Amar ou não amar: eis a questão. Aí se joga a sorte do cristianismo e de qualquer religião, pois sem o amor nem o próprio Deus existe.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,25-26.34-35.44-48): O amor que não discrimina

No plano dos Atos dos Apóstolos o cap. 10 é de capital importância por ser considerado o Pen-

FUNDIÇÃO ARTÍSTICA PAULISTANA

Sinos para igrejas, capelas, fazendas, navios, etc. Especialidade em carrilhões, toque eletrônico e reformas de campanários



FERNANDO LUCAS ANGELI

Av. Irajá, 1787 — Indianópolis
04082 SÃO PAULO — Tel.: 61-7806

Forros para Igrejas

Forro de Alumínio Espacial Acústico, em Cores Diversas
Forros Isolante Termo-Acústico com Perfis Metálicos
Forro de Madeira (Lambril) em Madeira Nobre
Forro Decorativo
Iluminação Conjugada ao Modelo do Forro

Solicite ao nosso Depto. de Engenharia, estudo e orçamento (sem Compromisso) a:



AV. PEDRO II, 3.724 - TEL.: (031) 462-9330 - BELO HORIZONTE/MG

tecostas dos pagãos. Lucas registra esse fato conferindo-lhe importância igual ou até maior que a do Pentecostes (cap. 2) e da conversão de Paulo (cap. 9). Com isso ele pretende sublinhar alguns aspectos básicos: 1. o amor de Deus não discrimina; 2. o Espírito é o verdadeiro motor da missão, levando a Igreja para fora dos limites em que teimava permanecer; 3. a missão depende essencialmente da obediência ao Espírito; 4. ser Igreja é não discriminar, mas unir a todos em torno do essencial.

Cornélio, chefe de cem soldados (centurião), era pagão residente em Cesaréia. Apesar de ser "piadoso e temente a Deus" (10,2) era considerado inimigo nacional. Os judeus deviam abster-se de qualquer contato com os pagãos, sobretudo no que diz respeito às refeições em comum, em vista da pureza ritual. A visão de Pedro (vv. 12-16) caracteriza muito bem o conflito: sob a ótica judaica, os pagãos são "coisa profana e impura" (v. 14).

O amor de Deus, porém, não discrimina, aceitando quem o teme e pratica a justiça (v. 35). Cornélio, antes de ser batizado — e apesar de ser incircunciso — está em comunhão com o projeto de Deus. Lucas o comprova mostrando duas características desse pagão: é solidário com as pessoas (dá muitas esmolas ao povo) e vive em sintonia com Deus (ora a Deus constantemente). O temor de Deus se traduzia na oração, e a prática da justiça na solidariedade com o povo oprimido. Isso é suficiente para agradar a Deus!

Quem age assim já está dentro do projeto divino. Aí o Espírito já está agindo, superando aquela barreira, tida como intransponível, que dividia judeus e pagãos. O Espírito, portanto, caminha à frente dos missionários. A conversão de Cornélio não é mérito de Pedro; é fruto do Espírito que une pela prática da justiça. A missão, portanto, depende essencialmente da obediência ao Espírito. Com isso Lucas ilumina duas questões que inquietavam os pri-

meiros cristãos: 1. é legítima a missão junto aos pagãos? Quem a garante? 2. os pagãos, ao se tornarem cristãos, precisam ser circuncidados, ou a circuncisão é pura questão cultural? O texto de hoje esclarece essas dúvidas: quem legitima a missão junto aos pagãos é o Espírito de Jesus; a circuncisão — que privilegiava um povo, segregando os demais — foi abolida. Para ser povo de Deus é suficiente a docilidade do Espírito de Jesus, que leva à comunhão com Deus e à prática da justiça. É isso que Pedro constata ao chegar à casa de Cornélio (v. 25ss), quebrando as barreiras porque o Espírito o precedera na missão.

É importante, ainda, notar que Cornélio e sua família recebem o Espírito antes de serem batizados, ou seja, ao ouvirem o anúncio da Palavra (vv. 44-46), ao aderirem ao Evangelho que lhes é anunciado. O rito do batismo (vv. 47-48a) é consequência dessa adesão, selando o compromisso comum a todos em torno do projeto de Deus.

O amor de Deus, portanto, não discrimina. E a Igreja? Por ser semente do Reino, também não deve discriminar, mas unir em torno do que é essencial. Tarefa árdua para quem anda carregado de preconceitos, receios e bloqueios. Pensemos no "estágio" de Pedro na casa de Cornélio, onde se detém por alguns dias (v. 48b), tendo que superar os preconceitos de raça, religião e pureza ritual. Ele deve "engolir" o que considerava "profano e impuro", mas que Deus purificou (v. 15) pela prática da justiça. O pedido da família de Cornélio, a fim de que Pedro ficasse aí hospedado por alguns dias, foi motivado pelo desejo de continuar a catequese. E a catequese de Pedro devia estar isenta de preconceitos, pois o amor de Deus (e dos cristãos) não pode discriminar...

2. Evangelho (Jo 15,9-17): O amor gera comunidade

O texto de hoje dá sequência ao do domingo anterior. Aí a ênfase era colocada no *permanecer em Jesus*, como os ramos estão unidos à videira; aqui, a ênfase recai sobre o *resultado do permanecer, que é o amor*. De fato, nos versículos de hoje insiste-se fortemente nas palavras *amar, amor* (9 vezes), que são o fruto de quem permanece unido a Cristo. É preciso ter presente que o cap. 15 de João faz parte do *discurso de despedida de Jesus* (13,1-17,26), que revela à comunidade o *segredo do sucesso na missão*. Para dar frutos duradouros a comunidade precisa *ir* (v. 16), ou seja, sair para a missão.

Os vv. 9-10 falam do amor que circula entre o Pai, Jesus e a comunidade cristã, criando comunidade de amor. Jesus afirma: "Como o Pai me amou, assim também eu amei vocês" (v. 9). O amor do Pai para com o Filho se resume na comunicação do Espírito (cf. 1,32-33), e o amor de Jesus para os cristãos também se sintetiza na efusão do Espírito sobre a comunidade que crê (cf. 7,39). Cria-se, dessa forma, laço estreito e forte entre a Trindade e a comunidade cristã, na qual a própria vida trinitária circula, e se visualiza no relacionamento fraterno e solidário entre as pessoas. Esse clima é a síntese

dos mandamentos, de forma que cumpri-los é conservar-se no amor (v. 10). Conservar-se no amor, portanto, não é situação passiva, mas dinamismo que gera comunidade fraterna. De fato, Jesus não se dirige a pessoas individualmente; dirige-se à comunidade cristã como um todo. Por isso, permanecer nele e no Pai não significa isolar-se no verticalismo, mas expandir-se, criando laços entre as pessoas. O amor a Jesus e ao Pai leva a gerar comunidade de irmãos.

Jesus cumpriu os mandamentos do Pai (v. 10). Eles sintetizam o projeto de Deus e a atividade do Filho em favor da vida e liberdade. Portanto, obedecer aos mandamentos de Jesus é atuar seu projeto. Aqui enfatiza-se a dinâmica do amor: "Se obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor" (v. 10a). Por isso podemos afirmar que não permanece no amor de Jesus quem não luta para que todos tenham vida em abundância (cf. 10,10). O amor romântico e estático é engano; não provém de Deus e não constrói comunidade. Permanecer no amor de Jesus é, conseqüentemente, assumir sua prática libertadora. Deus está conosco quando nosso amor se traduz em obras que refletem o projeto de Deus.

Assim entendido e praticado, o amor produz a *alegria de Jesus*, que se torna *alegria plena da comunidade* (v. 11). No evangelho de João a alegria está sempre relacionada com algo de novo que nasce. É a satisfação de ver que o projeto de vida e liberdade cria raízes e dá frutos nas comunidades cristãs. O amor ativo e solidário é capaz de provocar essa alegria, nascida das conquistas de grupos que lutam por vida e liberdade.

O fundamento da missão é o amor: "Este é o meu mandamento: amem-se uns aos outros assim como eu os amei" (v. 12). É ele quem dá identidade às comunidades. É ele quem cria o mundo novo, oposto à sociedade que devora pessoas. A prova cabal de não compactuar com a sociedade que matou Jesus e continua ceifando vidas é o amor que conduz à doação: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos" (v. 13). O gesto de Jesus torna-se quadro de referência para o agir cristão: ele deu a vida por nós. Todo o que

arrisca, gasta ou perde a vida em favor do projeto de Deus, alcançou o grau máximo do amor.

A adesão a Jesus, a ponto de pôr em jogo a vida como oferta de amor, faz com que os cristãos vivam a mais profunda relação pessoal com o Senhor, tornando-se *amigos* dele (v. 15). Em 13,13s Jesus se auto-afirmara o Mestre e o Senhor que está a serviço. Agora ele chama seus discípulos de *amigos* e, mais tarde, de *irmãos* (20,17). Isso porque o clima que aí reina é o da confiança mútua: as pessoas acreditam em Deus, e Jesus lhes confia o projeto de vida. Estas são as duas características da amizade: confiança absoluta e disponibilidade em dar a vida.

Atingindo esse grau de intimidade com Jesus e as pessoas, a comunidade cristã encerra o tempo de seu aprendizado. Não se relaciona mais com ele a nível de mestre-discípulo, e sim a nível de amigo para amigo: aí a comunhão é plena. O único aprendizado que subsiste é o do amor.

Nesse sentido, supera-se a relação patrão-servo. De fato, os amigos de Jesus não são empregados dele na missão; são seus colaboradores: "Eu os escolhi e os destinei para ir e dar fruto, e fruto que permaneça" (v. 16a). Ir e produzir fruto duradouro é tarefa comum de Cristo e dos cristãos. A finalidade da escolha é a missão, que é parte essencial da amizade com Jesus. Fazendo as mesmas coisas que ele fez, ninguém ficará frustrado ao pedir — em nome dele — alguma coisa ao Pai (v. 16b).

3. II leitura (1Jo 4,7-10): Experimentar Deus no amor

A primeira Carta de João se divide em três partes: I. Caminhar na luz (1,5-2,28); II. Viver como filhos de Deus (2,29-4,6); III. O amor e a fé (4,7-5,21; para entender o contexto em que surgiu 1Jo, cf. II leitura do domingo anterior). O texto escolhido para a liturgia deste domingo é o início da terceira parte. Está bem sintonizado com o evangelho. De fato, em apenas 4 versículos, o Autor emprega 10 vezes a palavra *ágape* (amor solidário). Isso nos leva à seguinte afirmação: é da prática do amor que dependem o cristianismo, a religião e o mundo novo. Amar ou

Escola de Artes Plásticas CIRILLO DELL'ANTONIO



Imagens — crucifixos
vias-sacras
presépios — altares

Consulte-nos sem compromisso
Executamos qualquer desenho

TRABALHAMOS EXCLUSIVAMENTE
EM MADEIRA

Rua Dom Manoel, 176
63600 Senador Pompeu CE
Fone (085) 922-0069



SINO DE BRONZE

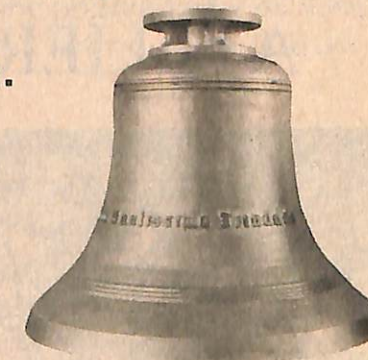
Avenida Santa Mônica, 467 — CEP 05171 — PIRITUBA — SP — Fones: 834-5530 — 834-4294

SINOS CRESPI Ltda.

TRADIÇÃO E QUALIDADE
DESDE 1498 — CREMA — ITÁLIA

FABRICANDO SINOS DE AÇO
E SINOS DE BRONZE
sempre com muita arte e dedicação

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO
OU SOLICITE CATÁLOGO!



SINO DE AÇO

não amar, eis a questão. Sem ele nada existe, nem o próprio Deus, que é amor (v. 8).

O Autor da Carta esclarece a opinião errônea de alguns grupos separatistas que se diziam conhecedores de Deus, mas não levavam a sério a prática do amor fraterno. Ele afirma que: 1. o amor vem de Deus; 2. só quem ama é que se pode considerar filho de Deus; 3. só quem ama é que conhece a Deus, isto é, só amando é que poderemos fazer a experiência de Deus. Era muito cômodo, para esses grupos dissidentes, sustentar o conhecimento teórico de Deus, pois isso os isentava de compromissos com as pessoas e comunidades. João garante que ninguém poderá amar a Deus sem amar o povo, sem solidarizar-se com seus problemas e angústias (cf. v. 8).

Para provar que amor é compromisso solidário, João apresenta a prova da encarnação: Deus envia seu Filho único ao mundo, para que, por meio dele, tenhamos vida (v. 9). A encarnação-redenção prova sem sombra de dúvida que amar é doar-se para que todos possuam a vida.

O v. 10 prova que amor não é teoria. O Autor está para definir o que é amor: "Nisto consiste o amor". Nós esperaríamos bela conceituação abstrata. Mas ele não diz o que é o amor, e sim o que ele fez; ou melhor: diz o que é o amor através daquilo que realizou em favor das pessoas: "Não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como vítima de reparação pelos nossos pecados". Na ótica divina, amor se traduz em fatos concretos, geradores de vida nova e plena. Se foi Deus quem começou a amar, nossa vida de amor nada mais é do que resposta à iniciativa dele. Amando, experimentaremos quem ele é.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• *O amor não discrimina.* A I leitura se presta muito bem para reflexão em torno do diálogo ecumênico. Ela afirma que são suficientes o temor de Deus e a prática da justiça para estar em sintonia com seu projeto.

• *O amor gera comunidade.* O evangelho oferece muitas pistas de reflexão. A mais importante, tal-

vez, seja esta: Amar é levar adiante, na comunidade, o projeto de vida e liberdade. Nesse sentido, os mártires da caminhada são a mais eloquente expressão. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos".

• *Experimentamos Deus no amor.* A II leitura serve para avaliar criticamente nossa realidade comunitária e nacional: quantos se dizem cristãos "de corpo inteiro", crêem em Deus, mas não gostam do povo, nem se interessam por seus sofrimentos; pelo contrário, exploram-no sempre mais.

ASCENSÃO (15 de maio)

A HISTÓRIA DE JESUS CONTINUA NA VIDA DA COMUNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

Celebrar a partida de Jesus para o Pai é senti-lo eternamente presente na vida das pessoas e da comunidade cristã. Ele não se afastou. Criou sua morada estável em nosso meio, como aquele que sustenta os passos e o testemunho dos que nele crêem (Evangelho). Cabe agora à comunidade cristã mostrá-lo presente mediante o testemunho (I leitura). Ele está sempre presente no meio de nós, em nossas comunidades, pois a glória de Deus é estar conosco; e nós o glorificaremos quando o manifestarmos e reconhecermos como Senhor Absoluto, Cabeça da Igreja, razão da nossa esperança (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 1,1-11): A comunidade cristã: sacramento das palavras e ações de Jesus

Atos dos Apóstolos é o segundo livro que Lucas escreveu. No seu plano, o evangelista pretende mostrar que os ensinamentos e ações de Jesus continuam nos ensinamentos e ações dos cristãos. Portanto, o livro dos Atos não é um manual de histó-

ATELIER ARTÍSTICO MORAL

FONE: (011) 571-4477



PIONEIRO EM PINTURA DE ARTE
EM AZULEJOS HÁ MAIS DE 40 ANOS

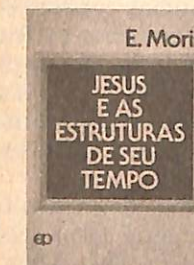
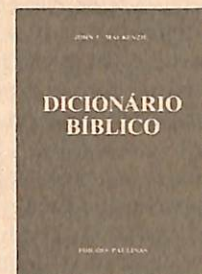
TRABALHOS EXECUTADOS EM IGREJAS
DE TODO O BRASIL E EXTERIOR.
PAINÉIS PARA FACHADAS, ALTARES,
VIAS-SACRAS ETC.

FAZEMOS ORÇAMENTO E VISITAS
AOS LOCAIS SEM COMPROMISSO.

RUA DIONÍSIO DA COSTA, 227 - VILA MARIANA
CEP 04117 - SÃO PAULO - SP.



DICIONÁRIO BÍBLICO — John L. McKenzie — Um simples olhar panorâmico ao Dicionário revela-nos sua riqueza de artigos de teologia bíblica e ao mesmo tempo de artigos relativos aos livros do AT e do NT, às personagens, à história (de Israel e dos povos vizinhos), aos usos e costumes, à geografia, aos problemas de ordem teológica, crítica e metodológica dos estudos bíblicos. — 2ª edição, 982 páginas, Cz\$ 2.700,00.



JESUS E AS ESTRUTURAS DE SEU TEMPO — Émile Morin — O livro analisa as estruturas econômicas, familiares, sociais do mundo judaico (questão de pureza de origem), as estruturas políticas, culturais e culturais do tempo de Jesus. Em base a isso podemos entender melhor o que Jesus disse e realizou. Sua mensagem lança luzes fortes sobre a realidade em que vivemos hoje. — 4ª edição, 160 páginas, Cz\$ 340,00.

O POVO E A BÍBLIA. História Sagrada — Paulo Tonucci — O livro é uma *História Sagrada* que narra os fatos e mensagens mais importantes do Antigo Testamento e seu significado para o homem de hoje. A linguagem é simples, podendo a obra ser utilizada para grupos de estudo e reflexão em torno da Palavra de Deus. Livro que nasceu das bases e a elas é destinado. — 3ª edição, 264 páginas, Cz\$ 460,00.



PAIS, FILHOS, DROGA — L. Ciotti-G. Vaccaro — Este livro é uma carta aberta aos pais, escrito, em grande parte, pelos próprios filhos. São testemunhos e confidências de jovens que, penosamente, superaram a experiência da droga, ou estão tentando fazê-lo. Os depoimentos são unânimes em reconhecer que só um sadio relacionamento humano poderá trazer de volta a confiança e a esperança. — 2ª ed., 184 pp., Cz\$ 350,00.

POR AMOR DE NOSSOS FILHOS. Educação sexual desde o início — Dietmar Rost — Baseado na responsabilidade cristã, o Autor fala aberta e claramente sobre as questões da vida e do corpo. Não coloca em primeiro plano a pura genitalidade, mas leva em consideração o vasto campo da família e do cotidiano. A cada capítulo, propõe atitudes sadias e pedagógicas de crescimento harmonioso. — 2ª ed., 184 pp., Cz\$ 340,00.



ria da Igreja, mas sim o prolongamento da prática do Senhor na vida da comunidade cristã. Se no evangelho de Lucas temos a *práxis de Jesus* — desde o começo até o dia em que foi levado para o céu — no livro dos Atos temos a *práxis apostólica, cristã*. E quem deseja ser *amigo de Deus*, "Teó-filo" (este nome certamente tem caráter simbólico, querendo identificar todos os cristãos), tem na práxis de Jesus e na práxis apostólica as linhas-mestras de inspiração e conduta. A passagem do primeiro momento para o segundo está nas *instruções* que Jesus dá aos apóstolos que tinha escolhido, movido pelo Espírito Santo (v. 2). O mesmo Espírito esteve presente em Jesus e está presente na práxis cristã da comunidade.

Esta tarefa está ancorada na experiência do Cristo ressuscitado: "Foi a eles que Jesus se mostrou vivo depois da sua paixão, com numerosas provas" (v. 3a); tem o aval do Pai, cuja promessa se realiza em Jesus e na comunidade (v. 4b) por meio da efusão do Espírito (v. 5), que levará a comunidade à identificação de sua práxis com a de Jesus. Lucas fala de "quarenta dias" (v. 3b), durante os quais Jesus apareceu e falou aos discípulos sobre o Reino de Deus. O fato não tem caráter cronológico, mas teológico-catequético: a prática cristã nasce da experiência plena do Cristo ressuscitado, experiência que Lucas visualiza num contexto de intimidade e comunhão: a refeição (v. 4a). É dessa intimidade com

ele que nasce o testemunho cristão, a missão, a evangelização, pondo em movimento a Boa Notícia trazida por Jesus. E a garantia do sucesso está no batismo com o Espírito Santo. Ele é a memória continuamente renovada e atualizada do que Jesus disse e fez (cf. Jo 14,26).

Os vv. 6-8 contêm a pergunta dos discípulos e a resposta de Jesus. A pergunta dos discípulos revela a ânsia da comunidade cristã, a fim de que o projeto de Deus se realize completamente. Estão curiosos por saber se existe um limite até o qual se possa resistir e lutar corajosamente, e depois "descansar", sem que haja mais nada por fazer (v. 6). A resposta de Jesus contém duas indicações. A primeira (v. 7) afirma que o projeto de Deus não depende de uma data histórica: "Não cabe a vocês saber os tempos e as datas". A segunda é consequência da primeira e manifesta qual deva ser a autêntica preocupação da comunidade cristã: sob a ação e força do Espírito, testemunhar (v. 8a) a práxis de Jesus. O projeto de Deus não depende de teorias, mas do testemunho que atualize o que Jesus fez e disse.

De fato, o evangelho de Lucas se encerrava falando desse testemunho (24,48). E aqui Jesus renova o compromisso dos discípulos (v. 8b). Após o Pentecostes, os discípulos não cessam de repetir que são testemunhas (At 2,32; 3,15; 4,33; 5,32; 13,3; 22,15). Em palavras e ações, prolongam a práxis de Je-

sus. O testemunho, segundo os Atos dos Apóstolos, vai se espalhando a partir de Jerusalém, onde Jesus deu o testemunho final com a morte e ressurreição, atinge a Judéia e a Samaria (At 8,1-8) e chega aos confins do mundo (as viagens de Paulo). O projeto de Deus está aberto e disponível a todos.

O v. 9 fala do arrebatamento de Jesus. A referência à nuvem — símbolo teofânico — afirma que Jesus pertence definitivamente à esfera de Deus. É a certeza da comunidade de que Jesus cumpriu perfeitamente a vontade do Pai. Contudo, não basta sabê-lo. Torna-se necessário descruzar os braços, deixar de olhar passivamente para o céu, encarar a realidade que nos cerca, perceber que somos todos "homens da Galiléia", comprometidos com o testemunho de Jesus (vv. 10-11). O texto de hoje termina fazendo referência à volta de Jesus, da mesma forma como foi visto partir para o céu. Lucas está falando de parusia ou de teofania? Quando voltará Jesus: no fim dos tempos, ou no Pentecostes que leva a comunidade cristã a ser epifania de Jesus, mediante o testemunho?

2. Evangelho (Mc 16,15-20): A história de Jesus continua na vida da comunidade

Os estudiosos da Bíblia concordam em afirmar que Mc 16,9-20 não é de Marcos. Esses versículos existiam à parte, como um dos relatos pós-pascuais. Mais tarde foram anexados ao final do evangelho de Marcos, talvez para atenuar a maneira incomum com que Marcos encerrava sua obra. Os versículos que interessam à liturgia de hoje (vv. 15-20) são parte desse acréscimo posterior. Desde o Concílio de Trento (1546) a Igreja considera esse apêndice como texto inspirado.

Apesar de não pertencer à obra original de Marcos, esse apêndice está em íntima sintonia com o evangelho. De fato, os versículos hoje propostos à nossa reflexão falam do mandato de Jesus aos discípulos: eles deverão anunciar o Evangelho a todos (vv. 15-18), exatamente como Jesus tinha feito; depois, Jesus é levado ao céu (v. 19); a seguir, os discípulos saem a pregar, ajudados pelo Senhor (v. 20). Em outras palavras, podemos afirmar que não há

ruptura entre a missão de Jesus e a dos discípulos. A história de Jesus continua no testemunho da comunidade. É importante, ainda, ter presente que, apesar de Jesus ter-se sentado à direita de Deus (v. 19), continua caminhando nas estradas da humanidade, nos passos e ensinamentos dos discípulos (v. 20). Isso nos leva à afirmação de que a ascensão de Jesus não nos priva de sua presença; pelo contrário, oferece-nos modos novos de senti-lo e de encontrá-lo.

O texto de hoje inicia com a ordem de Jesus: "Vão pelo mundo inteiro e *anunciem o Evangelho* a toda criatura!" (v. 15). Começa, definitivamente, o tempo da comunidade cristã. No evangelho de Marcos, Jesus se apresentara *anunciando o Evangelho* (cf. 1,14). Os discípulos irão, portanto, dar sequência ao que Jesus fez, ampliando o campo de ação (em 1,14, Jesus anuncia o Evangelho *na Galiléia*; em 16,15, os discípulos deverão fazê-lo *pelo mundo inteiro* e a toda criatura). O evangelho de hoje conclui afirmando que os discípulos *sairam*, segundo a ordem do Senhor, e *anunciaram* por toda parte (cf. v. 20a). Portanto, a grande tarefa da comunidade cristã é *anunciar* o que o Mestre anunciou: a boa notícia do mundo novo, inaugurado com Jesus.

Se os vv. 15-20a insistiam na palavra *anunciar*, o v. 16 enfatizará o resultado do anúncio: *a fé* por ele suscitada. O anúncio provoca decisão: crer ou não crer. Também nesse aspecto encontramos ressonância desse versículo nas primeiras palavras de Jesus (Mc 1,15: *creiam* no Evangelho). A pregação de Jesus levava as pessoas à resposta na fé; o anúncio dos discípulos tem como resultado provocar à fé que conduz à salvação: "Quem crer e for batizado será salvo. Quem não crer será condenado" (v. 16).

Os vv. 17-18 falam de sinais que acompanham os que acreditarão (isto é, *todos* os que forem aderindo a Jesus na fé). Os dois primeiros sinais (expulsar demônios em nome de Jesus e falar novas línguas, v. 17) mostram que também a ação dos discípulos é libertadora e comunicadora do mundo novo. De fato, o primeiro milagre que Jesus realiza em Mc é o da expulsão de um espírito mau (1,21-28; cf.



SONORIZAÇÃO PROFISSIONAL



A DI-SOM É UMA EMPRESA ESPECIALIZADA
EM SONORIZAÇÃO DE AMBIENTES.
CENTENAS DE CLIENTES EM TODO O BRASIL
COMPROVAM NOSSA EXPERIÊNCIA E QUALIDADE.

**INDÚSTRIAS, ESCRITÓRIOS, LOJAS COMERCIAIS,
SUPERMERCADOS, COLÉGIOS, HOSPITAIS, IGREJAS,
PRAÇAS DE ESPORTES, CLUBES, TEATROS, SHOPPINGS, ETC.**

POSSUIMOS UM EXCELENTE KNOW-HOW EM TODAS AS MODALIDADES
DE SONORIZAÇÃO DE AMBIENTES.
FABRICAMOS, PROJETAMOS E INSTALAMOS



di-som
PRODUTOS ELETRÔNICOS
IND. COMÉRCIO LTDA.
RUA CIPRIANO BARATA, 781
IPIRANGA - SÃO PAULO - SP -
FONE: (011) 914-0533 -
Cx. POSTAL: 5182 - CEP: 04205
FILIAIS E REPRESENTANTES
EM TODO O BRASIL

Pedimos preencher este formulário e nos enviar para receber
a visita de um técnico orçamentista.

NOME DO RESPONSÁVEL: _____

NOME DA ENTIDADE: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ TEL.: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

DATA: _____

ASSINATURA: _____

MIMEÓGRAFOS

GESTETNER — REX-ROTARY

(NOVOS E USADOS)

- * Fornecemos p/ todo o Brasil, com garantia de um ano
- * Tinta e estêncil
- * Assistência técnica garantida para todo o Estado de São Paulo



Consultas por carta — telegrama ou telefone
DUCMAQ — Novo Fone: (011) 562-4567
Rua Francisco Alvarenga, 103 — 04417 São Paulo — SP

1,32-34). Com esse gesto, e por força de sua palavra, Jesus vence e elimina tudo o que despersonaliza, oprime e marginaliza as pessoas, falando-lhes a *nova linguagem* da vida e liberdade. Assim deverão fazer os que tiverem fé em Jesus.

O terceiro e quarto sinais (pegar serpentes ou beber veneno mortal, v. 18a) falam dos confrontos e conflitos suscitados pela fé. Quem anuncia o projeto de Deus sofre oposições imprevistas e veladas (serpentes) ou evidentes e abertas (tentativa de matar os discípulos por envenenamento). Com Jesus foi assim: já em 3,6 do evangelho de Marcos, sua morte fora decretada. Os discípulos não terão sorte diferente. Contudo, o Pai não permitiu que a morte de Jesus tivesse a última palavra. Assim ele agirá em favor dos fiéis.

O quinto sinal (impor as mãos sobre os doentes, curando-os, v. 18b), à semelhança do primeiro e segundo sinais (v. 17), põe os discípulos em estreita comunhão com a prática de Jesus, que optou pelos sofrendores, curando-os (cf. 1,34.40-45 etc.).

O v. 19 marca o fim do caminho de Jesus: "Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi levado ao céu, e sentou-se à direita de Deus". Agora seu caminho e história continuam nos passos e ações da comunidade. Ele supera as barreiras de tempo e espaço: está sentado à direita de Deus, mas ao mesmo tempo ajuda os discípulos, provando, por meio dos sinais que os acompanham, que o ensinamento deles é verdadeiro (v. 20b). O tempo da salvação e do Reino de Deus (cf. 1,15) não se fechou; pelo contrário, abriu-se universalmente através da ação de quem crê em Jesus e se torna seu representante em meio aos conflitos.

3. II leitura (Ef 1,17-23): A glória de Deus é a comunidade cristã

A carta aos Efésios é um texto que Paulo escreveu para as diversas comunidades dos arredores de Éfeso. Paulo não conheceu essas comunidades. Ele só esteve em Éfeso (cf. At 19-20), onde deu início a uma comunidade cristã, que, por sua vez, fez surgir as comunidades dos arredores.

Paulo estava preso. Teve notícias do surgimento dessas comunidades, de sua firmeza na fé, do amor que unia a todos na esperança que animava suas lutas. Mas ficou sabendo também de alguns riscos trazidos pelas filosofias do tempo que pregavam Deus afastado e ausente da vida humana; só através de entidades intermediárias (soberanias, poderes, forças, dominações) é que se podia ter acesso a Deus. Jesus não passaria de uma dessas entidades intermediárias.

O texto de hoje faz parte da ação de graças e súplica que Paulo faz a Deus em vista dessas comunidades (1,15-23). Dá graças a Deus por causa da fé (adesão a Jesus) e caridade (resposta da fé, que se visualiza no amor solidário) encontradas nos fiéis. Ele suplica. O conteúdo da súplica é uma espécie de *credo cristão*. Pela fé e solidariedade os cristãos penetram sempre mais no ser de Deus que está próximo e presente na comunidade. Contudo, é preciso conhecê-lo (v. 17) e conhecer a esperança à qual a comunidade foi chamada (v. 18a).

Paulo fala da glória de Deus (v. 18b). E emprega outros termos, como *potência, eficácia, poder e força*, que ampliam a idéia da glória de Deus. O texto é muito denso, e aqui é possível apresentar só uma síntese do pensamento de Paulo. Longe de ser distante da humanidade, o dos cristãos é um Deus cuja glória depende do fato de existir enquanto o Deus da comunidade. A glória de Deus é sua ação concreta na história, na vida da comunidade cristã, que prolonga a morte e ressurreição de Jesus. Em Jesus, Deus fez conhecer sua glória, mostrando-se tão próximo à humanidade, a ponto de eleger a comunidade cristã como o Corpo de Cristo, a plenitude de Cristo, que preenche tudo em todo o universo (v. 23).

Paulo não polemiza contra as entidades intermediárias. Simplesmente mostra às comunidades que existe um único Senhor, que realizou o projeto do Pai, e que esse Senhor está presente na história e na vida dos fiéis. A comunidade cristã é o espaço no qual se revela o projeto de Deus, a realidade absoluta do Cristo ressuscitado.



Sideral Vitrais Artes

DE JOSÉ ISSA

VITRAIS e VIAS-SACRAS - Especialista em Restauração de Vitrais Antigos

EXECUTAMOS ESTILO CLÁSSICO E MODERNO

Projetos e Orçamentos: Rua Motu-Poranga, nº 43 - Fone: (011) 294-4559
217-8706 (Horário Comercial) - Penha, Cangaíba - 03716 S. Paulo, SP

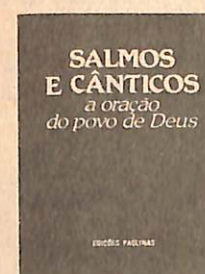
ep reedições
edições paulinas

A FÉ EXPLICADA AOS JOVENS E ADULTOS — Vol. I — A Fé — Rey-Mermet — Neste volume, o Autor transmite o essencial do conteúdo de nossa fé, seguindo o roteiro do Símbolo dos Apóstolos, o Creio. A transmissão do núcleo central da mensagem cristã aos jovens e adultos, através do Símbolo dos Apóstolos, garante a integridade intensiva do depósito da nossa fé. — 4.^a edição, 320 páginas, Cz\$ 750,00.



A MAIS BELA HISTÓRIA. A Bíblia em quadrinhos — A. Monge-J. Ziella — História do povo de Deus, em 900 quadros coloridos. O texto, sempre à margem dos quadros, completa o trabalho didático da imagem, com boa legibilidade. Todos os livros da Bíblia desfilam harmoniosamente ao longo do texto, combinando cores e imagens. A condensação não prejudica a mensagem essencial. — 16.^a ed., 300 pp., Cz\$ 1.200,00.

GRAMSCI E A QUESTÃO RELIGIOSA — Hugues Portelli — O livro contém quatro partes: 1. Especificidade do fenômeno religioso; 2. A Igreja, intelectual orgânico; 3. A Igreja, intelectual tradicional; 4. Perspectivas de evolução da Igreja. A reflexão gramsciana sobre o problema religioso é instrumento precioso para a análise marxista das ideologias. 2.^a edição, Coleção **Sociologia e religião**, 232 páginas, Cz\$ 590,00.



SALMOS E CÂNTICOS, A oração do povo de Deus — Luís A. Schökel-I. Storniolo — O livro contém os Salmos e Cânticos da Liturgia das Horas. Cada salmo traz breve introdução, notas e atualização cristã. Um apêndice trata dos gêneros literários dos Salmos; outro mostra a distribuição dos Salmos e Cânticos ao longo das semanas. O último apêndice traz salmos para as diversas ocasiões. — 3.^a ed., 584 pp., Cz\$ 1.200,00.

FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER — Capítulo Geral da Ordem dos Servos de Maria — O livro apresenta reflexões e propostas para a promoção da piedade mariana. **Cap. I:** Reflexão sobre uma crise recente; **Cap. II:** Maria e a vida consagrada: uma profunda consonância; **Cap. III:** Tarefas que incumbem às igrejas locais e aos institutos religiosos na promoção do culto a Maria. — 2.^a edição, 128 páginas, Cz\$ 240,00.



III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A ascensão não é o afastamento de Jesus, e sim sua presença no anúncio e testemunho da comunidade cristã. Perguntemo-nos se, enquanto cristãos, somos o sacramento das palavras e ações de Jesus; se nosso anúncio suscita a fé; se nossa prática revela as ações de Jesus em favor dos marginalizados; se expulsamos demônios; se nossa linguagem é a de Jesus que anuncia e defende a liberdade e a vida para todos; se nossa prática pastoral cura e reintegra os marginalizados e sofredores.

PENTECOSTES (22 de maio)

O NASCIMENTO DA IGREJA

I. INTRODUÇÃO GERAL

No Pentecostes, todos nascemos e renascemos continuamente. Nascemos para a vida no Espírito e renascemos para o projeto de Deus, procurando falar a linguagem do Espírito para o mundo de hoje. Bebendo o mesmo Espírito que foi a base da ação e palavra de Jesus, a comunidade cristã provoca o julgamento de Deus (Evangelho). Reunida pelo Espírito de Jesus, torna-se a epifania de Deus, proclamando suas maravilhas (I leitura), levando o projeto de Deus a todos os povos. Forma o corpo de Cristo e bebe do único Espírito. Por isso, na comunidade cristã, cada pessoa é um dom do Espírito para formar a comunhão (II leitura). Ninguém possui plenamente o Espírito, e ninguém está privado dele. Na união de todos é que se forma o corpo de Cristo, o templo do Espírito Santo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 20,19-23): A comunidade recebe o mesmo Espírito que animou Jesus

João e Lucas têm perspectivas diferentes, nos evangelhos, quanto a Pentecostes. Para João, ele

acontece no próprio dia da ressurreição de Jesus, ao passo que Lucas faz coincidir a vinda do Espírito Santo com a festa judaica de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. Embora as perspectivas sejam diferentes, a finalidade é a mesma, pois ambos mostram que o Espírito que sustentou a luta de Jesus para realizar o projeto de Deus é o mesmo Espírito que anima agora as lutas da comunidade cristã.

a. A criação da comunidade messiânica (vv. 19-21a)

O texto inicia situando a cena no tempo. É a tarde de Domingo da Páscoa. Para os judeus, já havia iniciado um novo dia. Para João, contudo, é ainda o dia da ressurreição, a nova era inaugurada pela vitória de Jesus sobre a morte. A referência à tarde de domingo reflete a prática cristã de celebrar a Eucaristia no Dia do Senhor, à tardinha. As portas fechadas denotam um aspecto negativo (o medo dos discípulos) e um aspecto positivo (o novo estado de Jesus ressuscitado, para quem não há barreiras).

Jesus apresenta-se no meio da comunidade (é uma referência ao contexto eucarístico) e saúda os discípulos com a saudação da plenitude dos bens messiânicos: "A paz esteja com vocês!" (*shalom*). É a mesma saudação de despedida (cf. 14,27). Por sua morte e ressurreição ele se tornou aquele que venceu o mundo e a morte. É a saudação do vencedor que ainda traz em si os sinais de vitória: as mãos e o lado (v. 20), a saudação do Cordeiro. Dele a comunidade se alimentará.

Os discípulos estão de portas fechadas. É medrosa toda comunidade que não possui o Espírito de Jesus. Seu medo é como um freio que bloqueia sua tarefa de testemunhar o Cristo ressuscitado. Jesus, presente nessa comunidade, transforma radicalmente essa situação, capacitando os cristãos a serem os anunciadores da vitória de Jesus sobre as estruturas de morte.

A reação da comunidade é a alegria (cf. 16,20) que ninguém, de agora em diante, poderá suprimir (cf. 16,22).

b. A comunidade continua a missão de Jesus (vv. 21b-23)

A comunidade, fortificada pela presença de Jesus, está pronta para a mesma missão que ele recebeu: "Como o Pai me enviou, assim também eu envio vocês" (v. 21b). Quem garante a missão da comunidade será o Espírito Santo. Para João, o Pentecostes acontece aqui, na tarde do dia da ressurreição: "Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: Recebam o Espírito Santo!" (v. 22). O sopro de Jesus é a nova criação (cf. Gn 2,7). Nasce a verdadeira comunidade messiânica.

De agora em diante, batizados no Espírito Santo (cf. 1,33), os cristãos têm o encargo de continuar o projeto de Deus. Esse projeto é sintetizado assim: "Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados; os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados" (v. 23). O que é pecado para João? Consiste essencialmente em submeter-se à ordem injusta que levou Jesus à morte. Os pecados são atos concretos decorrentes dessa opção. Fundamentalmente, a tarefa da comunidade é mostrar, em palavras e ações, que quem se fechou ao projeto de Deus permanece em seus pecados (cf. 9,41: "O vosso pecado permanece").

Portanto, a comunidade tem a mesma missão de Jesus: mostrar onde está a vida e onde se aninha a morte; promover a vida e quebrar os mecanismos que procuram destruí-la; mostrar às pessoas que é necessário decidir. Assim, os cristãos provocam o julgamento de Deus.

"Os discípulos continuam a ação de Jesus, pois ele lhes confere a mesma missão (20,21). Pelo Espírito que dele recebem, tornam-se suas testemunhas perante o mundo (15,26ss). Sua ação, como a de Jesus, é a manifestação, em atos concretos, do amor gratuito e generoso do Pai (9,4). Diante desse testemunho, acontecerá o mesmo que aconteceu com Je-

sus: haverá quem o aceite, e quem se endureça em sua atitude hostil ao homem, rejeitando o amor e se voltando contra ele, chegando inclusive a perseguir e matar os discípulos em nome de Deus (15,18-21; 16,1-4). Não é missão da comunidade, como não era a de Jesus, julgar os homens (3,17; 12,47). Seu julgamento, como o de Jesus, não é senão o de constatar e confirmar o juízo que o homem faz de si próprio" diante do projeto de Deus (J. Mateos-J. Barreto, *El Evangelio de Juan*, Cristiandad, Madrid, 1983, p. 869).

2. I leitura (At 2,1-11): O Espírito ensina a comunidade cristã a continuar o projeto de Deus

Páscoa e Pentecostes eram festas agrícolas muito antigas em Israel. Com o passar do tempo, transformaram-se em festas religiosas: Páscoa revivia a saída do Egito; Pentecostes recordava a Aliança do Sinai. Quando Lucas escreveu os Atos dos Apóstolos, a evangelização já havia penetrado em todas as nações até então conhecidas (os confins do mundo; cf. At 1,8). Isso quer dizer que os doze povos (doze é número simbólico: indica totalidade) presentes em Jerusalém já tinham recebido o anúncio de Jesus. Por que, então, Lucas recorda o evento de Pentecostes? Ele quer mostrar a universalidade do Povo de Deus e da evangelização. Isso tudo, segundo a ótica da fé, é obra do Espírito de Jesus.

Ao descrever o episódio de Pentecostes, Lucas se serve de esquemas já presentes no Antigo Testamento. Ele coloca a vinda do Espírito Santo cinquenta dias após a Páscoa para fazê-la coincidir com o Pentecostes judaico, no qual o povo judeu celebrava o dom da Aliança no Sinai, a entrega da Lei (Decálogo). De fato, segundo Ex 19, cinquenta dias depois que o povo saiu do Egito, Deus fez aliança com ele no monte Sinai, entregando-lhe, por meio

BANCOS E ALTARES

PARA IGREJAS DIVERSOS MODELOS

- Fabricados em imbuia maciça (não trabalhamos com compensados e aglomerados).
- Reservas florestais, extração e serraria própria.
- Secagem natural da madeira por período superior a dois anos.
- Maquinário e técnica modernos. Pessoal altamente especializado.
- Transporte próprio, portanto, custos mais reduzidos.
- Financiamento, aceitando também sem sinal.
- Fornecemos estudos, planejamento e orçamento gratuito.

PARA MELHORES INFORMAÇÕES,
SOLICITE CATÁLOGO, E VISITA DE
VENDEDORES, SEM COMPROMISSO



IRMÃOS FAERBER LTDA.

QUASE MEIO SÉCULO MOBILIANDO A CASA DE DEUS

Cx. Postal, 29 — Porto União — Santa Catarina

ESCRITÓRIOS DE VENDAS

EM CURITIBA: Rua Van Gogh, 120 — Cx. Postal 2.333

Fone: (041) 262-6135 — A qualquer hora

NO RIO DE JANEIRO: Rua Uruguai, 59 — Apto. 902

Cx. Postal 24.070 — Fone (021) 258-3593

20522 — RIO DE JANEIRO — RJ

NÃO TEMOS SOCIEDADE COM NENHUMA FIRMA

Vitrais
Realmente Artísticos

emphasis

Os Detalhes que fazem a Diferença!

- * Vitrais inquebráveis e totalmente seguros.
- * Equipe artística especializada desenvolvendo motivos segundo a arquitetura. * Gama infinita de cores.
- * Vitrais com riqueza em detalhes.
- * Várias texturas de vidro. * Serralheria opcional.
- * Réplicas idênticas de vitrais clássicos de vidro e chumbo.

* PREÇOS E ARTE SEM CONCORRÊNCIA!
CONHEÇA E COMPROVE!

Visitas, Orientação Artística e Orçamentos sem compromisso.
Show-Room e Departamento Artístico.

Av. Ibirapuera, 1865 — Indianópolis
PABX (011) 549-0614 — 04029 SÃO PAULO, SP.



de Moisés, sua Lei. O fato foi acompanhado de trovões, relâmpagos e trombeta tocando. Ora, esse episódio é uma das bases sobre as quais Lucas constrói a narrativa do Pentecostes: cinquenta dias após a Páscoa, estando os discípulos reunidos em Jerusalém, houve um barulho como o rebarbar de forte ventania (At 2,1-2). Com isso, Lucas afirma que, em Jerusalém, acontece a Nova Aliança; surge o Novo Povo de Deus; é dada a Nova Lei: o Espírito Santo!

Lucas se inspira em outro texto do AT: Nm 11, 10-30, onde Deus repartiu seu Espírito sobre Moisés e os setenta anciãos, para que pudessem organizar o povo. E Moisés exprimiu o desejo de que todo o povo recebesse o Espírito de Iahweh (Nm 11, 29). Esse substrato serviu de molde para Lucas, a fim de mostrar que, finalmente, o Espírito de Deus foi derramado sobre todos no dia de Pentecostes.

Finalmente, Lucas se serve de Gn 11, o episódio da torre de Babel, onde Deus confundiu a ambição dos homens, que não se entendiam mais. Para Lucas, o Pentecostes é o oposto de Babel: aqui, "todos nós os escutamos anunciarem, em nossa própria língua, as maravilhas de Deus" (2,11).

Com o episódio de Pentecostes assim formulado, Lucas faz ver que a comunidade cristã é o Novo Povo de Deus, o povo da Nova Aliança, cuja Lei é o Espírito Santo. Não há fronteiras para esse povo, e o objetivo comum é reviver o projeto de Deus. Esse povo é capaz de se entender e unir, porque fala a língua do Espírito de Jesus. De fato, o Espírito Santo é a memória sempre renovada e atualizada do que Jesus disse e fez (cf. Jo 14,26). Entregando seu Espírito, Deus realiza com a comunidade cristã a Nova e definitiva Aliança, na consecução do projeto divino, confiando agora aos homens (Nota: Os artigos do número 134 de Vida Pastoral — maio-junho de 1987 — notadamente o artigo "Pentecostes: nascimento do novo Povo de Deus", ajudam a desenvolver, aprofundar e aplicar pastoralmente a festa de Pentecostes).

3. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13): Ninguém possui plenamente o Espírito; ninguém é privado dele! A comunidade é o corpo de Cristo!

(Nota: Todos os artigos do número 134 de Vida Pastoral, particularmente o artigo "Dos ídolos mudos ao projeto de Deus: os carismas em 1Cor 12-14", ajudam a desenvolver, aprofundar e aplicar pastoralmente a festa de Pentecostes).

O texto de hoje inicia apresentando o critério básico de distinção entre o que procede e o que não procede do Espírito Santo. Esse critério básico é o reconhecimento de Jesus como sendo o único Senhor (v. 3b). Tudo o que não leva a isso não provém do Espírito. É provável que alguém, em Corinto, julgando-se movido pelo Espírito, tenha declarado blasfematoriamente: "Maldito Jesus!" (cf. 12,3a). Para Paulo, a ação do Espírito leva sempre à confissão de que Jesus é o Senhor.

Os coríntios achavam que ter carisma fosse possuir dons extraordinários, como o falar em línguas e profetizar. Sua visão dos carismas era muito re-

ductiva e personalística. Paulo começa abrindo brechas, afirmando que são distribuídos muitos dons (não alguns somente), mas o Espírito que os distribui é o mesmo: é o Espírito de Jesus (cf. 12,4). Toda ação tem sua origem no Pai; o que os cristãos fazem se baseia na ação de Jesus (cf. vv. 5-6). Note-se aí a formulação trinitária. Em Deus não há divisão, mas harmonia. Tudo colabora na execução do projeto de Deus. O mesmo acontece na comunidade cristã: "A cada um é dado algum sinal da presença do Espírito Santo, para o bem comum" (v. 7).

A seguir, Paulo usa a imagem do corpo. Ele está pensando no corpo humano, que tem muitos membros, mas ao mesmo tempo pensa no corpo social, a comunidade cristã, que forma um todo com Cristo (v. 12; cf. 6,15: "Vocês não sabem que seus corpos são membros de Cristo?"). Então, pensa Paulo, se em Jesus, com o Pai e o Espírito, não há divisões, como pode havê-las na comunidade, que é o corpo de Cristo? De fato, o anúncio do Evangelho em Corinto havia unido povos, categorias e classes sociais incompatíveis até então; judeus e gregos; escravos e livres (v. 13a; cf. Gl 3,28, que é o núcleo da pregação de Paulo).

O batismo havia elevado a todos num nível jamais atingido antes: todos receberam o mesmo Espírito, de forma a constituir um só corpo social, sem rupturas ou distinções: a comunidade cristã, corpo de Cristo. Assim, todos se alimentam e se inspiram na mesma fonte, que é o Espírito Santo (v. 13b). Têm sentido, portanto, as divisões clamorosas que as comunidades criam em torno de interesses pessoais, posições ou tarefas mais vistosas? Não é um atentado ao corpo de Cristo e ao Espírito de Jesus? Não é um atentado ao projeto de Deus?

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

- Analisar a coordenação pastoral: com que espírito agimos na comunidade cristã? Que sentido têm os encargos, os postos, os serviços? É o Espírito de Jesus quem anima toda a coordenação pastoral?
- A heterogeneidade da comunidade: é fator de crescimento mútuo? Manifesta o Novo Povo de Deus nascido da Lei do Espírito? Nossas comunidades são Pentecostes ou Babel?
- O projeto de Deus continua na comunidade: somos abertos à criação nova do Espírito, ou vivemos medrosos e de "portas fechadas"? Provocamos o "julgamento de Deus" numa sociedade que tende a rejeitar o projeto de Jesus?

SSMA. TRINDADE (29 de maio)

NOSSO DEUS É ÚNICO E DIFERENTE PORQUE É O LIBERTADOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

Facilmente fabricamos deuses para nós, e facilmente nos submetemos a seus caprichos e seduções.



Coleção "CADERNOS BÍBLICOS"

Há vários anos Edições Paulinas publica a Coleção "Cadernos Bíblicos". São mais de 40 volumes analisando e comentando livros da Bíblia ou parte deles ou, ainda, temas bíblicos importantes. Comentários breves, fáceis e de grande proveito.

1. Para uma primeira leitura da Bíblia, E. Charpentier
2. De acordo com as Escrituras, P. M. Beaudé
3. Uma leitura do Pentateuco, J. Briend
4. Homem, quem és?, P. Grelot
5. Para rezar com os Salmos, M. Mannati
6. Isaías 1-39, J. M. Asurmendi
7. O Deutero-Isaías, C. Wiéner
8. Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo (1.ª parte), VV. AA.
9. Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo (2.ª parte), VV. AA.
10. O que é o Intertestamento, A. Paul
11. Leitura do Evangelho segundo Marcos, J. Delorme
12. Leitura do Evangelho segundo Mateus, VV. AA.
13. Leitura do Evangelho segundo Lucas, A. George
14. As narrativas da infância de Jesus, C. Perrot
15. A mensagem das bem-aventuranças, VV. AA.
16. Os milagres do Evangelho, VV. AA.
17. Cristo ressuscitou!, E. Charpentier
18. Leitura do Evangelho segundo João, A. Jaubert
19. Uma leitura dos Atos dos Apóstolos, VV. AA.
20. As Epístolas aos Coríntios, M. Quesnel
21. A mensagem da Epístola aos Hebreus, A. Vanhoye
22. Uma leitura do Apocalipse, VV. AA.
23. Iniciação à análise estrutural, VV. AA.
24. Jesus diante de sua paixão e morte, M. Gourgues
25. Os Salmos e Jesus, Jesus e os Salmos, M. Gourgues
26. São Paulo e o seu tempo, E. Cothenet
27. A Palestina no tempo de Jesus, C. Saulnier — B. Rolland
28. As raízes da sabedoria, VV. AA.
29. Morte e vida na Bíblia, A. Marchadour
30. Epístola aos Filipenses e Epístola a Filêmon, S. Légasse
31. Jesus Cristo no Evangelho de João, J. Guillet
32. A Sabedoria e Jesus Cristo, M. Gilbert — J. N. Aletti
33. O profeta Ezequiel, J. M. Asurmendi
34. Epístola aos Gálatas, E. Cothenet
35. A Eucaristia na Bíblia, VV. AA.
36. Jonas, V. Mora
37. A primeira Epístola aos Tessalonicenses, M. Trimaille
38. As Epístolas de Pedro, E. Cothenet
39. Os profetas do Antigo Testamento, L. Monloubou
40. O livro de Jeremias, J. Briend
41. A revolta dos Macabeus, C. Saulnier
42. Jó — o livro e a mensagem, J. Leveque
43. A vida futura segundo o Novo Testamento, M. Gourgues
44. Os livros de Samuel e dos Reis, P. Gibert
45. O Espírito Santo na Bíblia, VV. AA.

Em preparação

46. O Judaísmo — do Exílio ao tempo de Jesus, C. Tassin
47. Abraão, M. Collin

Você encontrará a Coleção "Cadernos Bíblicos" em todas as livrarias da Editora e revendedores de Edições Paulinas. Por reembolso postal, faça seu pedido a EDIÇÕES PAULINAS — Cx. Postal 45.325 — 04092 São Paulo, SP.



Às vezes aceitamos pacificamente os ídolos que nos são impostos pela sociedade consumista e gananciosa, que favorece a vida a uns poucos, mas gera a morte de muitos. Por causa disso amargamos exploração, opressão e violência. O único Deus verdadeiro é Iahweh, o Deus que liberta para que todos tenham vida. Sua originalidade e unicidade consiste nisto: ser nosso parceiro fiel e libertador (I leitura), ser nosso Pai, que nos dá o Reino em herança, adotando-nos como filhos e eliminando, pelo Espírito de Jesus, o medo que nos escraviza e aprisiona (II leitura). Esse Deus se revela na prática da comunidade cristã que vai refazendo os gestos de Jesus, até que o mundo seja transformado e tudo se torne posse da Trindade (Evangelho).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 4,32-34.39-40): Iahweh é o único Deus porque é o libertador

O cap. 4 do Deuteronômio, apesar de conservar o estilo de todo o livro, é um acréscimo feito no tempo do exílio na Babilônia. A tônica desse capítulo, colocado no fim do primeiro discurso de Moisés (Dt 1,6-4,40), é o do monoteísmo, com o conseqüente desmascaramento dos ídolos. Só quem liberta da escravidão é que deve ser considerado Deus. Aliás, a unicidade e originalidade do Deus de Israel consiste justamente no fato de ser o Deus que age na história como aliado fiel. Portanto, Iahweh não é um Deus de conceitos, mas agente de fatos libertadores do seu povo. E a fé do povo não é abstrata, mas está ancorada na história, na experiência daquele que age libertando.

O texto de hoje começa *olhando para o passado* de Deus e das pessoas (vv. 32-34), visando *suscitar o reconhecimento* (tomada de consciência (v. 39), para *conduzir à práxis* geradora de felicidade, vida longa, descendência e posse da terra (v. 40).

Olhando para o passado (vv. 32-34) o povo descobre que o Senhor esteve ao lado dele. A criação foi grandiosa, porém mais eloqüente foi a Aliança do Sinai, onde Deus se mostrou próximo e parceiro na caminhada da libertação. O povo pôde conversar com ele, conservando a vida. A originalidade e exclusividade de Iahweh está em ter escolhido um povo no meio de outros, libertando-o do sofrimento e opressão em que se encontrava (escravidão no Egito). O v. 34 mostra como isso aconteceu, enumerando sete recursos usados por Iahweh na história de libertação: provas, sinais, prodígios, luta, mão forte, braço estendido e grande terror. O Deus de Israel luta com tudo o que pode para libertar seu parceiro. E nisso ele é único e original: os ídolos não podem e não devem escravizar o povo de Deus! Se isso acontecer, Iahweh está em guerra, pois ele quer seu povo livre para viver a comunhão com ele (Aliança).

Olhando para o presente (v. 39). A memória do parceiro fiel *suscita o reconhecimento* naqueles que agora sofrem novamente o exílio, desta vez na Ba-

bilônia. O passado serve de lição que ilumina o presente. O exílio não pode ser atribuído a Iahweh, mas sim à dureza de coração do povo que não se comportou como companheiro da Aliança. Aderindo aos ídolos, o povo acabou sendo por eles devorado. Daí surge a amarga constatação: de fato, nenhum ídolo pode libertar, pois o que ele faz não é dar vida às pessoas, mas tirá-la.

Planejando o futuro (v. 40). A tomada de consciência leva à adesão a Iahweh. Essa adesão consiste em reatar a Aliança rompida, e isso é feito através das leis e mandamentos. Em outras palavras, será necessário recuperar a fé no Deus que age na história libertando. Essa fé se traduz num projeto em que a vida e a liberdade sejam buscadas e preservadas com toda energia. Delas dependem a felicidade, descendência, vida longa e posse da terra.

2. Evangelho (Mt 28,16-20): O Deus-conosco se revela na práxis da comunidade cristã

O texto é a conclusão do evangelho de Mateus. Pode ser dividido em três momentos: a) um relato de aparição (vv. 16-17); b) instruções de Jesus aos discípulos (vv. 18-20a); c) promessa (v. 20b).

a. A experiência do Ressuscitado (vv. 16-17)

Inicia-se falando dos Onze discípulos que se dirigem à Galiléia, ao monte que Jesus havia indicado (v. 16). A comunidade dos discípulos tomou o rumo certo: a Galiléia. É bom lembrar o que significa para o evangelista essa localização. Para entendê-lo, devemos recordar o início da atividade de Jesus. Ele inicia sua missão na Galiléia das nações (ler Mateus 4,12-17), no meio daquela gente pisada e marginalizada, a fim de levar-lhe a Boa Notícia da libertação e da vida do Reino. É para lá que os discípulos se dirigem. É o lugar do testemunho e ação da comunidade cristã. Os discípulos, em Jesus e a partir dele, dão início à práxis cristã.

Mateus fala também de um monte, como ponto de encontro de Jesus com sua comunidade. Não se trata de localizar geograficamente esse ponto de encontro. É um monte que recorda a atividade de Jesus. Nesse sentido, o monte é o das tentações (4,8-10), o da transfiguração (17,1-6), mas sobretudo o monte sobre o qual Jesus anunciou seu programa missionário: o monte das bem-aventuras (5,1-7,29). Agindo assim, a comunidade se torna autêntica discípula. Identifica-se com Jesus e seu projeto (os discípulos se prostram diante dele).

Contudo, há sempre o risco de não acolher plenamente o significado da prática de Jesus na vida da comunidade: "Ainda assim alguns duvidaram" (v. 17b). O verbo *duvidar* (*edistesan* em grego), ao longo do evangelho de Mateus, se encontra somente aqui e em 14,31, onde Pedro *duvida* e afunda na água. Duvidar, portanto, comporta a falta de fé, mas também a falta de percepção maior da prática de Jesus que vence todas as formas de morte e alienação. Dúvida é ter medo do risco e do compromisso. É um alerta que acompanha constantemente a co-

munidade cristã, colocando-a numa atitude de conversão permanente ao projeto de Deus.

b. O poder de Jesus é passado à comunidade (vv. 18-20a)

Durante sua vida terrena, Jesus agia como aquele homem ao qual Deus dera seu poder (cf. 9,6-8), fazendo com que as pessoas glorificassem a Deus. Agora, ressuscitado, possui "toda autoridade no céu e sobre a terra" (v. 18b). Essa autoridade plena foi-lhe dada pelo Pai (o passivo "me foi dada" refere-se a Deus) e é muito próxima aos homens (Jesus "se aproximou dos discípulos", v. 18a). Não só está próxima, como é entregue, por Jesus, à comunidade cristã: "Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos" (v. 19a). A Galiléia é o ponto de partida, e a meta é fazer com que o projeto de Deus alcance a todos, tornando-os Povo de Deus, realizando assim a promessa feita a Abraão (Gn 17,4s; 22,18).

Os meios para fazer com que todos os povos se tornem discípulos de Jesus são dois: o batismo em nome da Trindade (v. 19b) e a catequese que visa à observância de tudo o que Jesus ensinou (v. 20a).

• *O batismo* é feito em nome da Trindade. Batiza-se em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O texto grego de Mateus emprega a preposição *eis*, para não confundi-la com a preposição *en*. Com isso, afirma que o batismo *em* nome da Trindade é a *vinculação* pela qual o ser humano está plenamente comprometido com o projeto de Deus revelado no Filho e atualizado na práxis cristã, iluminada pelo Espírito. Ser batizado *em nome da Trindade* significa dedicação total, consagração, posse da Trindade (cf. Vida Pastoral, n. 132, pp. 29-30).

• O segundo meio é a *catequese* que leva a observar tudo o que Jesus ensinou. O que foi que Jesus ensinou? A síntese dos mandamentos de Jesus está no sermão da montanha (5,1-7,29). É a esse código de práxis cristã que se referirá toda a catequese da comunidade primitiva e das comunidades cristãs de hoje. Essa catequese não é outra coisa senão a recordação da prática de Jesus, visando à prática cristã.

c. Jesus é aquele que caminha conosco (v. 20b)

O evangelho de Mateus termina com uma promessa: "Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo" (v. 20b). Mateus havia iniciado o evangelho apresentando Jesus como o Emanuel (Deus-conosco; cf. 1,23), e o conclui mostrando-o continuamente vivo e presente na vida da comunidade. Jesus não se afasta do mundo; pelo contrário, firma sua indestrutível presença na história, que é ao mesmo tempo história de Deus e dos homens.

3. II leitura (Rm 8,14-17): A comunidade cristã, família de Deus

A carta aos Romanos é um texto que Paulo escreveu a uma comunidade que não fundou. Mas ele conhecia pessoalmente muitos membros dessa comunidade (cf. 16,1-15), bem como os problemas que os inquietavam. Os membros dessa comunidade provinham de raças e culturas diferentes, e viviam em ambiente hostil e pesado. Um dos motivos pelos quais Paulo escreveu aos romanos é justamente o de animar e fortalecer o espírito cristão dentro desse contexto difícil, marcado pelo fatalismo e exploração das pessoas, por deuses gananciosos e opressores, que dominavam o mundo pelo medo e violência, segregando e dividindo as pessoas entre dominadores e dominados.

O cap. 8 da carta aos Romanos pode ser resumido nesta frase: a vida no Espírito. Neste capítulo, Paulo apresenta os dois princípios básicos que orientam a vida do cristão: o Espírito que comunica vida (vv. 1-13) e a filiação divina do cristão (vv. 14-30). Os versículos restantes do mesmo capítulo (vv. 31-39) são um hino a Deus que realiza seu projeto na história.

Os versículos da liturgia de hoje, portanto, falam da filiação divina do cristão. Numa cidade cheia de contrastes como Roma, os cristãos são convidados à novidade de formarem a família de Deus, não em base ao parentesco no sangue, mas na adesão ao Espírito de Deus (v. 14). É ele o princípio da vida nova, capaz de unir a todos na igualdade e fraternidade. Paulo, para salientar a proximidade e o

MÊS DA BÍBLIA '88

Desde 1971 celebra-se em setembro o Mês da Bíblia. Muitas Dioceses, Paróquias e Comunidades já se organizaram e, a cada ano, promovem o Mês da Bíblia com criatividade e grande participação do povo. Neste ano, o livro bíblico a ser melhor conhecido, estudado e celebrado é o livro dos Salmos, em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade. No final de abril já estarão circulando os diversos subsídios para o Mês da Bíblia deste ano. Para maiores informações, vejam o jornalzinho "Bíblia '88" anexo a esta Revista. Aí encontrarão pistas de como fazer e quais subsídios usar.

amor da Trindade para com as pessoas, não encontrou definição mais forte do que esta: somos a família de Deus. Ele é nosso Pai comum, fazendo com que a fraternidade alcance a todos, superando desigualdades sociais e medo. Nossa relação com ele exprime o que há de mais íntimo e confiante. Podemos, pelo Espírito, chamá-lo "Abbá, meu Pai" (v. 15), exatamente como Jesus o chamou (cf. Mc 14,36).

Na condição de filhos, os cristãos recebem a herança do Pai, que nada reserva para si. Senhor e dono absoluto de todas as coisas, tudo dá a seus filhos. A síntese da herança é o Reino que Deus confia aos cristãos. Contudo, essa herança é conquistada pela força do testemunho, à semelhança de Jesus (v. 17).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

- Descobrir, na caminhada da comunidade, o Deus único que suscita liberdade e vida para seu povo; apontar os ídolos que oprimem. Onde podemos experimentar, hoje, o único Deus libertador? (I leitura).

- O Deus-conosco se revela na práxis da comunidade cristã (Evangelho). Qual é o *monte* e qual a *Galiléia* onde nossa comunidade se encontra com Deus? O que significa *batizar em nome da Trindade* um povo pobre e oprimido?

- A comunidade cristã é a família de Deus (II leitura). Quais as consequências pastorais dessa afirmação? Poderão subsistir discriminações e desigualdades, se não fazem parte da herança dos filhos de Deus?

10º DOM. COMUM (5 de junho)

DEUS NÃO COMPACTUA COM O MAL

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nossos tempos são de ganância, violência, corrupção, impunidade... um rosário deplorável que faz

nosso povo sofrer. Uns poucos lutam contra a corrente. Mas eles próprios são vítimas de calúnias, ameaças, perseguições e, às vezes, até são mortos violentamente. O que a Palavra de Deus poderá nos inspirar para melhorarmos este pobre mundo nosso? Ela nos ajudará a descobrir quem são os responsáveis por esta sociedade corrupta. Deus não quer o mal, nem compactua com ele, pois Jesus é o que veio amarrar Satanás, arrancando-lhe de seu poder o povo explorado e sofrido. Jesus forma nova família com os que fazem a vontade de Deus, sustentando-lhes a luta, sobretudo nos momentos mais difíceis.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 3,9-15): Quem são os responsáveis pela sociedade corrupta?

Os caps. 2-4 do Gênesis pertencem à *tradição javista* e foram escritos no tempo de Salomão (971-931 a.C.). Esses capítulos não querem mostrar o que aconteceu no início, ou *como* tudo aconteceu; querem, isso sim, levar a refletir sobre o caos social criado pela política injusta e gananciosa de Salomão, que levou o povo à escravidão. E querem mostrar, também, como Deus se posiciona diante de tudo isso, amaldiçoando tudo o que escraviza pessoas (serpente) e acenando com a esperança de que, no conflito com o mal, o bem irá triunfar.

Os versículos propostos pela liturgia de hoje se situam após a sedução da serpente e apropriação, por parte do homem e da mulher, do fruto proibido. O homem e a mulher "comeram" o fruto, isto é, deram livre curso à ganância, tornando-se eles próprios o critério para decidir o que é bem e o que é mal (exatamente como fez Salomão). As consequências disso são muito graves: quando as pessoas (sobretudo as que detêm poder) acham que podem fazer o que bem entendem, salve-se quem puder! Logo estarão devorando vidas humanas (como Caim fez com Abel).

Os vv. 9-15 são uma espécie de tribunal, com interrogatório (vv. 9-13) e sentença (vv. 14-15). No in-

PSICOLOGIA APLICADA

Coleção "AMOR E PSIQUE"

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida o homem descobre novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de engendrar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas das nossas feridas e dos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma", como Jung desejava.

Volumes já publicados:

- UMA BUSCA INTERIOR EM PSICOLOGIA E RELIGIÃO
James Hillman
- A SOMBRA E O MAL NOS CONTOS DE FADA
Marie-Louise von Franz
- A INDIVIDUAÇÃO NOS CONTOS DE FADA
Marie-Louise von Franz
- A PSIQUE COMO SACRAMENTO
(C. G. Jung e P. Tillich)
John P. Dourley
- DO INCONSCIENTE A DEUS
Erna Van de Winckel
- CONTOS DE FADA VIVIDOS
Hans Dieckmann
- CAMINHO PARA A INICIAÇÃO FEMININA
Sylvia Brinton Perera
- OS MISTÉRIOS DA MULHER
M. Esther Harding
- OS PARCEIROS INVISÍVEIS
John A. Sanford
- MENOPAUSA, TEMPO DE RENASCIMENTO
Ann Mankowitz
- A DOENÇA QUE SOMOS NÓS
John P. Dourley
- MAL, O LADO SOMBRIO DA REALIDADE
John A. Sanford



Volumes em preparação:

- MEDITAÇÕES SOBRE OS 22 ARCANOS MAIORES DO TARÔ
Anônimo
- OS SONHOS E A CURA DA ALMA
John A. Sanford
- BÍBLIA E PSIQUE
Simbolismo da individuação no AT
Edward F. Edinger

Você encontrará a Coleção "AMOR E PSIQUE"

em todas as livrarias da Editora e revendedores de EDIÇÕES PAULINAS.

Por reembolso postal, faça seu pedido a Edições Paulinas — Cx. P. 45.325 — 04092 São Paulo, SP.

UMA BUSCA INTERIOR
em psicologia e religião



OS MISTÉRIOS DA MULHER

M. Esther Harding

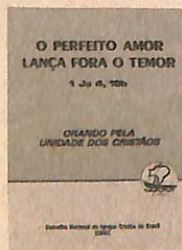


A DOENÇA QUE SOMOS NÓS
a crítica de Jung ao cristianismo

John P. Dourley



ep novidade
edições paulinas



O PERFEITO AMOR LANÇA FORA O TEMOR (1Jo 4,18b).
Orando pela unidade dos cristãos — Opúsculo preparado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), servindo de subsídio para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (neste ano, de 15 a 22 de maio). Traz sugestões para cada dia da semana, celebração ecumênica da Palavra de Deus, sugestões para atividades ecumênicas, orações, testemunhos, hinos e publicações de interesse. — 64 pp., Cz\$ 80,00.

terrogatório, Iahweh só faz perguntas ao homem e à mulher ("Onde está você? Quem lhe disse que você estava nu? Por acaso comeu da fruta da árvore, da qual proibi comer? Por que fez isso?"). As perguntas vão ao cerne da questão, fazendo as pessoas perceberem as consequências de seu desejo insaciável: a partir do momento em que elas dão livre curso ao "comer", a sociedade se torna um campo de batalha, onde reina o medo de ser devorado pelo outro ("fiquei com medo, porque estava nu, e me escondi", v. 10). Medo, nudez e fuga: eis o clima que marca as relações interpessoais quando as pessoas são lobo para seu semelhante! A essas alturas, ninguém quer ser responsável por seus atos: o homem culpa a mulher e esta, a serpente. Medo e acusação passam a regular as relações humanas e a religião: as pessoas vêem no semelhante um inimigo, e fogem de Deus, vivendo uma relação de medo. E, exatamente porque fogem, Deus as procura. As perguntas que ele faz "desnadam" tudo: a humanidade se perverte a partir da opção das pessoas de não controlar seu insaciável apetite de assimilar tudo, de ser o critério decisório do que é bom ou mau. Mais ainda: a partir da decisão de considerar tudo "assimilável".

A sentença de Iahweh é a *maldição da serpente*, isto é, da auto-suficiência arrogante e gananciosa (vv. 14-15). A maldição é consequência direta da culpa. Esta é uma espécie de recusa ou destruição da verdadeira liberdade: em vez de escolher, de pôr um limite ao desejo de "comer", o homem deixou-se possuir pelo desejo. Permitiu que a "serpente" decidisse em seu lugar. A maldição é, pois, a descrição do mundo e sociedade onde vale tudo. É a situação do tempo de Salomão e de hoje (corrupção, injustiça, violência, mentira, morte).

Mas Deus aponta o caminho da esperança: a certeza da vitória está na luta de uma descendência justa, que fere mortalmente a cabeça da serpente (v. 15). O caos criado por Salomão e pelas lideranças de nossos dias não sintoniza com a harmonia desejada por Deus. O que ele quer é uma geração nova (no evangelho de hoje será a *nova família de Jesus*) que lute contra tudo o que divide e escraviza as pessoas. Deus não compactua com o mal.

2. Evangelho (Mc 3,20-35): Deus não compactua com o mal

O evangelho de Marcos tem como preocupação fundamental responder à pergunta: *Quem é Jesus?* Porém não se trata de teorizar sobre ele. O evangelista quer levar as pessoas à plena adesão àquele que é o Messias, o Filho de Deus. Por isso, da pergunta: *Quem é Jesus?* decorre outra: *Quem sou eu? Como me posiciono diante dele?* O trecho de hoje ilumina essas questões. Mostra quem é Jesus através dos exorcismos que faz, e mostra também como as pessoas vão tomando partido, a favor ou contra Jesus.

Podemos dividir Mc 3,20-35 em três cenas: vv. 21-22; vv. 23-30; vv. 31-35.

a. Libertar os oprimidos é loucura para "as pessoas de bem" (vv. 20-21)

Marcos gosta de mostrar Jesus cercado de gente oprimida (cf. 1,32-34; 2,1-2.15-17; 3,10-11). É no meio dessa gente que ele se sente "em casa"; é aí que revela quem ele é. A casa de Jesus é onde se reúnem os sofrendores de toda espécie, a ponto de Jesus e os cristãos não terem tempo sequer para tomar refeição (v. 20). Mas o sucesso de Jesus libertador encontra obstáculos até no seio de sua família, cujos parentes saem para agarrá-lo, acusando-o de louco (v. 21). Para "as pessoas de bem", libertar os que sofrem é perigoso, pois mexe com muita gente. A tática, então, é desmoralizar quem age dessa forma, tachando-o de louco e, se possível, imobilizá-lo ("saíram para agarrá-lo"). Jesus transtorna o "bom senso" da "sociedade estabelecida", chegando a criar rupturas profundas ao interno da própria família. Marcos é o único evangelista a registrar esse episódio. Com isso está preparando terreno para a *nova família de Jesus* (cf. abaixo) e instruindo os cristãos: a verdadeira família de Jesus se constitui a partir do cumprimento da vontade de Deus.

b. Jesus não compactua com o mal (vv. 23-30)

A segunda tentativa de desmoralizar a prática de Jesus parte dos doutores da lei. Marcos salienta que eles "tinham vindo de Jerusalém" (v. 22a), ou seja, eram emissários do Sinédrio, o supremo tribunal. Anteriormente, parte desse tribunal (cf. 3,6: fariseus e herodianos) havia decretado a eliminação de Jesus. A situação, portanto, é grave.

Os doutores da Lei, ideólogos do Sinédrio e interessados na conservação das coisas tais como se encontravam, tentam desmoralizar a ação de Jesus, acusando-o de endemoninhado (possuído por Beelzebu) e parceiro de Satanás, príncipe dos demônios, de cujo poder se serve para expulsar demônios (v. 22b). A acusação é grave. Jesus a qualificará de "pecado sem perdão", por ser pecado contra o Espírito Santo (vv. 29-30).

Jesus desmonta o argumento com duas imagens, provando que Satanás não pode expulsar Satanás (v. 23). A primeira imagem é a de um reino que, para se manter, não pode ter divisões internas (v. 24); a segunda, semelhante à primeira quanto ao argumento, refere-se ao clã familiar: as lutas internas não permitem que se mantenha unido (v. 25). O v. 26 sintetiza a conclusão das duas imagens: "Assim, se Satanás se levanta e se divide em grupos que lutam entre si, não poderá sobreviver, mas será destruído". Esta afirmação prepara a terceira imagem, a do assalto à casa, mostrando *quem é Jesus*: é o que veio amarrar o homem forte (Satanás, chefe supremo dos demônios), roubando-lhe os bens (v. 27), isto é, as pessoas das quais se apossara indevidamente. Jesus é mais forte que ele. De fato, já no primeiro milagre de Jesus no evangelho de Marcos, o espírito impuro percebe que chegou sua ruína (cf. 1,24). Portanto, Jesus não compactua com o mal. Pelo contrário, sua missão é libertar todos os sujeitos a qual-

quer tipo de opressão que os despersonaliza e aliena da sociedade.

Os vv. 28-30 falam de um pecado que não tem perdão: a blasfêmia contra o Espírito Santo, cuja culpa dura para sempre. Os versículos continuam o tema desenvolvido até aqui. Se não é pelo poder de Satanás que Jesus expulsa demônios, e se não está possuído pelo espírito de Beelzebu, pergunta-se: pelo poder de quem ele faz isso? Por quem é possuído? Em 1,10, ao ser batizado, Jesus recebe o Espírito que, a partir desse momento, o impele (1,12). É por ele que Jesus liberta as pessoas. Portanto, tentar desmoralizar ou impedir a atividade libertadora (que hoje se prolonga nos cristãos) é blasfemar contra o Espírito Santo. E esse pecado não tem perdão, a não ser que se volte atrás, reconhecendo que a prática libertadora de ontem e de hoje é genuína vontade de Deus e ação do Espírito de Jesus! O pecado dos doutores da Lei, do Sinédrio (... e de quem mais?) é coisa muito séria. Fecham-se em si próprios, em sua ganância, a ponto de o próprio Deus nada poder fazer!

c. A nova família de Jesus (vv. 31-35)

Os familiares de Jesus (inclusive a mãe) chegam e, de fora, mandam chamá-lo. A cena faz contraste entre os que *estão dentro* e os que *estão fora*. Não se trata de tirar Jesus *para fora*, mas de *entrar com ele* (cf. 4,11: "aos de fora..."). A verdadeira família de Jesus, a partir de agora, é formada pelos que estão ao redor dele (v. 34), em atitude de discípulos e companheiros na ação libertadora, e que fazem a vontade de Deus (v. 35). A relação mais íntima com Jesus não se faz através do parentesco de sangue, mas na sintonia com sua prática libertadora. Só quem passa do *estar fora* para o *estar dentro*, com Jesus e os sofrendores, é que será considerado irmão, irmã e mãe de Jesus, pois ele se sente "em casa" somente quando cercado de pobres, pecadores e oprimidos.

3. II leitura (2Cor 4,13-5,1): Conforto e desafios do cristão perseguido

Hoje retomamos a leitura contínua de 2Cor. É uma coleção de vários bilhetes, escritos aos coríntios em ocasiões diferentes e com temas diversos. O texto proposto pela hodierna liturgia fala do conforto e desafios da esperança cristã. O anúncio do Evangelho provoca toda espécie de sofrimentos, pois a Palavra de Deus suscita conflitos na sociedade, e os missionários sofrem as consequências da perseguição (cf. 4,7-12).

O que é capaz de sustentar as lutas de pessoas ou comunidades perseguidas por causa do testemunho? Paulo apresenta dois motivos de esperança: 1. a vida de Jesus se manifesta no corpo dos missionários em benefício da comunidade cristã (vv. 11-12); 2. Deus, que ressuscitou a Jesus, ressuscitará também os evangelizadores (v. 14).

É em base a esses dois motivos que Paulo, apesar de perseguido, se enche de coragem para enfrentar os desafios futuros. Ele cita a Bíblia, colocando-

se na situação do salmista que, apesar do sofrimento, reage energicamente: "Acreditei, por isso falei" (citação do Sl 116,10, segundo a Setenta). A fé é a razão de toda atividade apostólica. É dela que nascem coragem e força para enfrentar as perseguições. E mesmo que os perseguidores matem os missionários, a palavra final pertence a Deus, que ressuscitou a Jesus e ressuscitará também os que lhe forem fiéis.

A fé não desgasta as pessoas; pelo contrário, rejuvenesce-as constantemente, agindo em sentido oposto ao ciclo biológico da vida: "Embora o nosso físico vá se desfazendo, o nosso homem interior vai se renovando a cada dia" (v. 16). A fé dá ao cristão a verdadeira dimensão das realidades visíveis, incomparavelmente menos significativas que as invisíveis (vv. 17-18).

Continuando a idéia da diferença entre as coisas visíveis passageiras e as invisíveis que são eternas, Paulo utiliza a imagem da tenda para dizer que a morte é a passagem para a vida definitiva. Os beduínos, ao levantarem acampamento, desfazem suas tendas para plantá-las em outro lugar, visto que o deserto não é lugar de vida estável. Assim, afirma Paulo, acontece conosco: nossa verdadeira e definitiva estabilidade reside em Deus, que nos preparou uma morada eterna, não construída por mãos humanas (5,1; cf. Jo 14,2-3).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• *Quem são os responsáveis pela sociedade corrupta?* A I leitura nos ajuda a descobrir os grandes males que atingem o povo, ver suas causas e perceber que Deus amaldiçoa essas "serpentes". Quando e onde surgirá a nova geração para "esmagar-lhe a cabeça"?

• *Deus não compactua com o mal.* O evangelho mostra que Jesus é o libertador e que sua nova família luta com ele. Quais são as forças que tentam desmoralizar a ação da Igreja e dos cristãos comprometidos com a causa dos pobres sofrendores?

• *Conforto e desafios do cristão perseguido* (II leitura). Quais são as razões ou certezas que sustentam as lutas das comunidades e dos movimentos populares reivindicatórios?

11.º DOM. COMUM (12 de junho)

A FORÇA DO REINO DE DEUS

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Reino de Deus possui força extraordinária, porém diferente das forças e mecanismos de pressão atuantes em nossa sociedade. A parábola da semente que cresce por si só e a do grão de mostarda o demonstram (Evangelho). A vida vai abrindo caminho, mudando a sorte dos que penam sob qualquer forma de opressão, pois Deus é reconhecido como tal por seus atos libertadores (I leitura). O apelo de

Jesus é para que as pessoas de boa vontade se unam a ele, confiantes, para sentirem a força que o Reino possui. A união com Jesus — passando de *fora* para *dentro* do Reino — traz consequências que marcam para sempre a conduta cristã (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 17,22-24): Deus é reconhecido como tal por seus atos de libertação

O profeta Ezequiel foi levado para o exílio na Babilônia durante a primeira deportação (597 a.C.). É no exílio, vivendo com seu povo o peso da opressão babilônica, que exerce sua atividade profética. Sendo ao mesmo tempo sacerdote, procura animar seu povo projetando a futura reconstrução de Jerusalém e do Templo, símbolos da identidade nacional perdida. E Deus se serviu dele para transmitir esperança ao povo exilado.

Os versículos de hoje têm sabor messiânico. Empregando imagem agrícola, o profeta apresenta Deus como o que tira um galho da copa do cedro (o povo eleito), transplantando-o sobre o alto monte de Israel (isto é, em Jerusalém, vv. 22-23a). O exílio não é razão suficiente para que Deus deixe de cumprir a promessa feita a Davi (cf. 2Sm 7,11-16), dando-lhe sempre um descendente no trono de Judá.

Continuando a imagem do cedro transplantado, o profeta apresenta-o majestoso e cheio de frutos; debaixo de sua sombra todos os pássaros do céu farão seus ninhos (v. 23b). É a descrição da sociedade ideal, que serve de abrigo e proteção internacional (os pássaros do céu representam as nações). O v. 23 motivou a escolha desse texto para relacioná-lo, na liturgia de hoje, com o evangelho (cf. Mc 4,32).

O fim do exílio é visto como mudança de sortes porque Deus opta pelos fracos. A imagem agrícola continua, agora expressa em termos de poda e crescimento: ela abaixa a árvore alta (o império babilônico opressor) e eleva a árvore baixa (isto é, liberta o povo oprimido; cf. Lc 1,52). O simbolismo se torna ainda mais eloquente: agora se trata de secar a árvore verde (e isso está ao alcance de qualquer um) e de fazer brotar a árvore seca (o que ninguém poderá fazê-lo, a não ser o que tem o poder sobre a vida).

O fato de Deus conceder vida ao que estava morto, suscita reconhecimento internacional (as árvores do campo representam as nações): ele é Iahweh, aquele que outrora libertou seu povo do Egito, e agora o livra do poder dos babilônios, concedendo-lhe novamente a vida. Iahweh é reconhecido como tal por seus atos de libertação, por sua capacidade de transformar em vida situações de morte, pois é o único que fala e realiza o que prometeu.

2. Evangelho (Mc 4,26-34): A força do Reino de Deus

Para entendermos as parábolas de Mc 4 é oportuno nos perguntarmos a qual etapa da atividade

de Jesus elas correspondem; em outras palavras, por que Marcos as inseriu nesse lugar?

No evangelho de Marcos, Jesus inicia sua atividade com estrondoso sucesso. Rapidamente, porém, o sucesso é substituído pela hostilidade da família e dos adversários de Jesus (cf. 3,6 e o evangelho do domingo anterior), a ponto de ele formar, com os que lhe são fiéis, a nova família. As parábolas de Mc 4, portanto, estão no centro do conflito entre Jesus e seus adversários. São parábolas que visam *superar a crise*.

Mas não se trata só da crise de Jesus. O evangelho de Marcos foi, talvez, o primeiro catecismo para os catecúmenos. Com eles também acontecia algo de semelhante à atividade de Jesus: no início, estavam bem dispostos, prontos para tudo, assíduos. Aos poucos, porém, o esmorecimento, dúvidas, crises e abandonos se avolumavam. As parábolas, portanto, visam superar as *crises da caminhada* (dos catecúmenos e dos cristãos de todos os tempos). Marcos afirma que é preciso *começar de novo* (cf. 4,1, onde Jesus *começa de novo*). O evangelho de Marcos tem diversos começos: cf. 1,1; 4,1; 8,31. É preciso recomeçar sempre!). Os catecúmenos e os cristãos de todos os tempos tendem ao desânimo ao verem o projeto de Deus sofrendo rejeições fortes como as que Jesus enfrentou. E se perguntam: se Jesus é de fato o Messias, o Filho de Deus (cf. 1,1), por que não é aceito? Por que ele não reage de forma mais convincente? Que atitude tomar diante da indiferença ou hostilidade em relação ao projeto de Deus?

a. O Reino de Deus tem força irresistível (vv. 26-29)

A parábola da semente que cresce por si só é uma das respostas à crise na atividade de Jesus e na caminhada das comunidades cristãs. Em meio aos conflitos, crises e resistências, o importante é ir semeando. É o que fez Jesus e o que devem fazer os cristãos. A parábola faz ver como trabalhavam os agricultores no tempo de Jesus: depois de semear, só voltavam a se ocupar com a lavoura na hora da colheita (o que não acontece mais hoje em dia, onde se faz necessário cuidar continuamente da plantação). O centro da parábola está no fato que a semente, *por si mesma* (em grego: *automate* = automaticamente), cresce e produz fruto. Isso porque possui dentro de si força irresistível. Basta semear, e vocês verão! Seu processo é lento, mas progressivo: folhas, espiga e, por fim, grãos que enchem a espiga (v. 28). É um alerta para os que querem tudo pronto; e também um aviso às comunidades sufocadas pela burocracia, estruturas e organismos. Cuidado: a semente do Reino cresce por si só. O importante é semear.

b. Pequenez e grandeza do Reino (vv. 30-32)

A parábola do grão de mostarda — tido popularmente como a menor de todas as sementes — ilustra o contraste entre o início e o resultado da ação de Jesus e dos cristãos. O centro da parábola está no contraste entre *a menor de todas as sementes da terra* e *a maior de todas as hortalças*. De fa-

SAB — O QUE É?

O SAB (Serviço de Animação Bíblica) é uma organização criada em 1985 para dar continuidade ao Mês da Bíblia e dar apoio a outras atividades de animação bíblica. É uma organização a serviço da pastoral, sem fins lucrativos.

O SAB foi criado por um convênio entre quatro entidades:

- * Centro de Estudos Bíblicos (CEBI)
- * Congregação das Irmãs Paulinas
- * Congregação dos Padres Paulinos
- * Grupo de redação de "Bíblia-Gente"

O SAB mantém uma ligação orgânica com a CNBB, através do bispo que, na Comissão Episcopal de Pastoral (CEP), é responsável pela *dimensão catequética* (Linha 3), e de seus assessores.

O SAB conta com

- Uma diretoria que se reúne periodicamente e orienta as atividades. É composta por representantes de cada uma das entidades acima.
- Uma assessoria que elabora os subsídios para a reflexão.

O SAB dispõe de uma secretaria que se encarrega da coordenação e supervisão dos trabalhos, divulgação do material bíblico, animação das atividades assumidas pelo SAB, da correspondência e informação.

O SAB está aberto a todos os que desejam colaborar com suas atividades, inclusive prestando-lhe apoio financeiro.

Objetivo

O SAB tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento das diversas formas de presença da Bíblia na pastoral, em sintonia com as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, traçadas pela Conferência Nacional dos Bispos (CNBB).

Atividades

Anualmente, o SAB planeja, executa

e divulga subsídios para o Mês da Bíblia, tais como:

- Texto-base e cursinho
- Roteiros de Círculos Bíblicos
- Jornalzinho anual sobre o Mês da Bíblia (gratuito)
- Discos com cantos e músicas
- Programas radiofônicos (gratuitos)
- Audiovisuais e videocassete
- Folhetos e cartazes

O SAB *publica e divulga* também material permanente para formação bíblica, como livretes e audiovisuais de iniciação à leitura e ao estudo da Bíblia;

colabora com entidades locais (dioceses, paróquias) na promoção de cursos para a formação de animadores da pastoral bíblica e na criação de Círculos Bíblicos;

participa das atividades promovidas pelos Departamentos Regionais de Catequese da CNBB e pela Federação Bíblica Católica Mundial (FEBICAM), no campo da pastoral bíblica.

"A Bíblia na Pastoral abrange todos os setores da vida e da missão da Igreja. Mas cuidemos para não setorizar a pastoral bíblica. Procuremos promover a dimensão bíblica em todas as áreas da pastoral. Além disso, a pastoral bíblica deve ser ecumênica: este é o caminho. Daí pode surgir um grande acontecimento evangelizador. É preciso que nós saibamos articular e superar a tentação de monopolizar. É bom que haja atividades de coloridos diferentes. Quero deixar expressa minha preocupação: Façamos com que a Bíblia anime e unifique toda a vida e missão da Igreja". (D. Walter Bini. Palavras dirigidas aos membros e colaboradores do SAB, quando era Bispo Responsável pela Catequese na CNBB).

SAB — Serviço de Animação Bíblica — Av. Afonso Pena, 2142 — 30130 BELO HORIZONTE, MG — Tel.: (031) 222-7623.

to, nas colinas do mar da Galiléia a mostardeira atingia três metros de altura, ou mais. E as aves do céu construíam ninhos em seus ramos. Assim é a proposta do Reino: pequena em seu início, insignificante por causa dos conflitos e resistências, mas grandiosa em seu resultado, tornando-se proposta universal: as aves do céu representam nações e povos que vão aderindo ao projeto de Deus, semeado por Jesus, beneficiando-se dele. O Reino de Deus será o ponto de encontro de todos os povos!

c. Entrar na lógica do Reino para sentir-lhe a força (vv. 33-34)

A lógica do Reino é diferente da dos adversários de Jesus. Mesmo que o matem, ele é a semente jogada na terra, destinada a produzir fruto (cf. Jo 12,24: "Se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto"). Para sentir a força do Reino é preciso ter a lógica de Jesus: "Quem tem ouvidos, ouça!" (4,9). Em outras palavras, é preciso *entrar* a fazer parte do Reino, porque estando *fora* (cf. 4,11) não será possível superar crises, hostilidades e escândalos.

3. II leitura (2Cor 5,6-10): Consequências da fé

Alguns coríntios, levados pelas filosofias do tempo, achavam que os sofrimentos e perseguições enfrentados por Paulo não tinham sentido nem valor. Melhor seria deixar a morada do corpo (morrer) para ir habitar junto do Senhor (v. 8). Paulo concorda, em parte, com eles. Ele também achava preferível morrer e estar com o Senhor (cf. Fl 1,23), mas o continuar vivendo acarretava, tanto para ele como para os cristãos de Corinto, sérias responsabilidades das quais não podiam subtrair-se. Essas responsabilidades se referiam ao uso do corpo: o de Paulo estava marcado pelas torturas (cf. 4,10: "Sem cessar e por toda parte levamos em nosso corpo a agonia de Jesus"), ao passo que alguns cristãos de Corinto achavam tudo isso exagerado; mais ainda, achando que só o espírito é que tem valor, supunham que o corpo fosse naturalmente destinado ao prazer (cf. 1Cor 6,12-14).

No trecho de hoje, Paulo é movido pela confiança (vv. 6,8) e pela fé. De fato, o centro do texto é o v. 7: "Caminhamos pela fé, e não pela visão". Ora, a fé tem consequências concretas. Para Paulo, crer é comprometer-se, em comunidade, com o projeto de Deus, vivendo o amor, enfrentando e superando todos os obstáculos que aparecem, sobretudo sofrimentos e perseguições, esforçando-se por agradar a Deus (v. 9).

Paulo conclui sua argumentação falando das contas que cada um terá de prestar a Cristo "segundo o que tiver feito de bom ou mau, enquanto estava no corpo" (v. 10). Portanto, não se trata de fugir do corpo ("prisão do espírito", para os gregos) para ir ao encontro de Cristo; pelo contrário, é através dele que poderemos estar definitivamente com Deus. Tudo depende do uso que dele fazemos. Para Paulo, o corpo do cristão é templo do Espírito (1Cor 6,19), membro de Cristo (1Cor 6,15), destinado a formar comunhão com as pessoas e com Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• *Deus é reconhecido como tal por seus atos de libertação.* O texto de Ezequiel pode ajudar-nos a perceber Deus libertando para a vida mediante a organização da comunidade em torno de lutas específicas: terra, moradia, salários justos, saneamento, transporte etc. Quais são os sinais de esperança?

• *A força do Reino de Deus.* O evangelho de hoje pode ser atualizado tomando-se uma conquista da comunidade: as dificuldades do início, resistências, conflitos e alegria da vitória obtida.

• *Consequências da fé* (II leitura). A fé tem consequências diretas *na carne* das pessoas. Paulo ajuda a superar a divisão corpo-espírito. Pode-se ler Puebla nn. 31-44, e perguntar: Por que acontece isso?

12º DOM. COMUM (19 de junho)

DEUS ESTÁ PRESENTE NAS TEMPESTADES DA COMUNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

As comunidades cristãs e as pessoas que ainda sonham com um país justo, igualitário e fraterno, sentem-se perplexas diante do panorama social que se lhes apresenta: miséria, doença, fome, corrupção, injustiça, impunidade, mortes no campo e na cidade, crise moral e social, descompromisso dos políticos, poderosos e falsos cristãos. Tudo isso é *mar tempestuoso* que ameaça engolir os anseios de vida e liberdade. E Deus, como entra nesses dramas? Será que está dormindo? Teria abandonado as comunidades à mercê dos caprichos dos grandes? Estaria sendo omisso? Tudo isso é um grande teste para as pessoas de boa vontade: acreditar em Deus e praticar a fé que transforma em vida situações de morte, porque a força que anima as comunidades cristãs é o amor de Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jó 38,18-11): Deus é soberano sobre as forças que geram o mal

Este trecho foi escolhido para servir de suporte veterotestamentário ao evangelho deste domingo. Antes de entrar no texto convém fazer breve síntese do livro. Jó — erroneamente tido como tipo de pessoa paciente — foi envolvido, sem saber, numa aposta entre Deus e Satanás (1,6-2,10). Deus reconhece que Jó é íntegro e reto (1,8). Satanás afirma que a integridade e retidão desse homem são interesseiras: se Deus lhe tirar os bens (animais, terras, filhos e saúde), Jó amaldiçoará Deus. Os sofrimentos desse homem são fruto dessa aposta.

Ao longo de todo o livro, Jó reivindica sua inocência. Seus amigos (Elifaz, Baldad e Sofar), defensores da teologia da retribuição, querem levá-lo a reconhecer no sofrimento um castigo pelo mal cometido: ele pecou e está pagando por isso. O livro

de Jó arrasa essa "teologia de alcova" e levanta a questão: se Jó é inocente, por que sofre? Se Deus é justo, por que faz sofrer ou permite que sofram pessoas inocentes? Esse livro é proposta para experimentarmos Deus a partir das tragédias humanas.

Jó incrimina Deus. Basta lermos alguns versículos para percebermos que ele convoca o Senhor para um pleito onde um será declarado inocente (no caso, Jó) e culpado o outro (na ótica de Jó, Deus): "Faz-me apenas duas concessões, e não me esconderei de tua presença: afasta de mim a tua mão e não me amedrontes com teu terror. Depois me acusarás e te responderei, ou falarei eu e tu me replicarás: quantos são os meus pecados e minhas culpas? Prova meus delitos e pecados. Por que me ocultas tua face e me trata como teu inimigo?" (13,20-24). "Oxalá soubesse eu como encontrá-lo, como chegar à sua morada. Exporia diante dele a minha causa... Gostaria de saber com que palavras iria responder-me e ouvir o que tem para me dizer. Usaria de violência ao pleitear comigo? Não, bastaria que me desse atenção" (23,3-6).

Podemos afirmar que a grande vitória de Jó em seu drama é ter recebido resposta de Deus. De fato, nos caps. 38-41 Deus responde a Jó, sem violência e sem acusá-lo de pecados ou delitos. Através de longo discurso sobre as maravilhas da criação, Deus mostra que Jó sofre de "arrogância atrevida"; contudo, sua contestação no sofrimento tem razão de ser.

Assim chegamos ao texto de hoje, onde Deus responde a Jó na tempestade (38,1). O trecho (vv. 8-11) mostra que *Deus é soberano sobre as forças que geram o mal*, aqui simbolizadas pelo *mar*. O Autor do livro crê que o mar nasceu do seio da terra (portanto, é criatura que obedece a alguém). Ao nascer, Deus lhe deu as nuvens como roupas e a neblina como fraldas (v. 9). Apesar de impetuoso e assustador, sua força é quebrada pela areia das praias (v. 10-11). Deus, portanto, não permite que o mal avassale o mundo e as pessoas.

Depois de apresentados outros argumentos, Jó reconhece sua arrogância atrevida: "Falei levianamente: que poderei responder-te? Porei minha mão

sobre a boca" (40,4); "conhecia-te só de ouvido, mas agora viram-te meus olhos" (42,5). Deus é maior e mais forte que todas as tragédias humanas!

2. Evangelho (Mc 4,35-41): Quem é Jesus?

No domingo anterior refletíamos sobre a força do Reino de Deus, expressa nas parábolas (4,1-34). Com elas os cristãos aprenderam que o projeto de Deus tem dinamismo irresistível. Isso deveria animar os catecúmenos (o evangelho de Mc servia-lhes de manual de catequese) e as comunidades cristãs de todos os tempos.

Depois do discurso em parábolas, Marcos apresenta quatro milagres (4,35-5,43) que procuram desenvolver a pergunta fundamental desse evangelho: *Quem é Jesus?* O episódio de hoje (4,35-41) é o primeiro dessa série e serve de *teste* para as comunidades cristãs. Se o Reino, como a semente, possui força irresistível, como repercute na prática dos cristãos? O evangelho de hoje, pois, é o teste dessa energia nos conflitos enfrentados pelos que seguem a Jesus. É bom salientar que não se trata de um teste individual, mas comunitário. É toda a comunidade que se encontra em alto mar, batida pelo furacão.

Marcos inicia notando que o dia está para terminar (v. 35a), mas a jornada é ainda longa, pois Jesus manda os discípulos passar à outra margem (v. 35b). "Passar à outra margem" do lago de Genesaré significa *ir a outros povos* (os pagãos) para levar-lhes a força da semente. Com isso fica evidente que ser comunidade cristã é estar a caminho, muitas vezes penoso e assustador.

Jesus participa da travessia cheia de perigos e conflitos: "levaram Jesus naquela barca" (v. 36a). Mais ainda: tem-se a impressão de que Jesus, ao dar a ordem de passar à outra margem, toma a iniciativa e precede os discípulos no embarque (cf. v. 36b: "onde ele já se encontrava"). Marcos recorda que "havia ainda outras barcas com ele" (v. 36c), sinal de que não só a comunidade dos primeiros discípulos, mas as de todos os tempos e lugares, são convocadas à travessia.

ep novidade
edições paulinas

CLASSES SOCIAIS E PASTORAL DA JUVENTUDE: Elementos para uma Pastoral da Juventude dos meios específicos — Luciano Mendes F. Filho — O Autor abre discussão sobre duas propostas da PJ: a primeira que defende a Pastoral da Juventude organizada por Classes Sociais, e a segunda que defende a organização da Pastoral da Juventude por Meios Específicos. O Autor critica ambas e mostra qual a que tem mais viabilidade prática para ajudar a desenvolver a Pastoral da Juventude no Brasil. — 96 páginas, Cz\$ 220,00.



A travessia é difícil e perigosa. Denota-o o furacão que se levanta no mar da Galiléia (v. 37). O mar sintetiza as forças geradoras do mal e hostis ao projeto de Deus. Não se pode ler o episódio da tempestade no lago de Genesaré como simples fenômeno natural freqüente nesse lago. A cena toda possui caráter simbólico e catequético, ajudando a buscar, descobrir e superar todos os conflitos que emperram ou tentam sufocar o projeto de vida e liberdade, herança deixada por Jesus aos cristãos.

Em meio aos conflitos as comunidades têm a sensação de que Jesus esteja alheio aos dramas e tempestades que as ameaçam: ele *está na parte de trás* da barca e *dorme* sobre um travesseiro (v. 38a). Aos discípulos cabe a tarefa de remar, enfrentando o furacão. Daí a pergunta um tanto irônica dos discípulos: “Mestre, não te importas se vamos perecer?” (v. 38b). É um pouco a sensação dos que não acreditam fortemente na força que levam consigo no barco. De fato, as ordens de Jesus ao vento e ao mar: “Silêncio! Cale-se!” e a conseqüente bonança obtida (v. 39) revelam *quem é Jesus*. Aplacar o mar e amansar-lhe as ondas é, segundo o Antigo Testamento, prerrogativa exclusiva de Deus (cf. I leitura e Salmo responsorial). Em Jesus age Deus. As ordens dadas ao vento e ao mar fazem parte das narrativas de exorcismo. Jesus tem o mesmo poder de Deus, o poder de reduzir ao silêncio e ao nada o que impede às comunidades cristãs a realização do projeto divino. Mais que um Jesus taumaturgo, o evangelho nos fala de alguém ao qual os cristãos precisam aderir plenamente, como condição única para realizar com sucesso a travessia: “Por que são tão medrosos? Ainda não têm fé?” (v. 40).

O evangelho de hoje termina com a referência ao medo dos discípulos (v. 41a) que perguntam: “Quem é este homem, a quem até o vento e o mar obedecem?” (v. 41b). O medo denota que eles não foram aprovados no teste pelo fato de não terem ainda descoberto *quem é Jesus*, tema que permeia todo o evangelho de Marcos. Os discípulos, ao contrário dos espíritos impuros aos quais Jesus impõe silêncio (cf. 1,25.34), com dificuldade conseguirão eliminar o medo e ver em Jesus o Messias (cf. 8,29-33). Só os que de fato aderem plenamente é que poderão reconhecê-lo como Filho de Deus (cf. 15,39).

3. II leitura (2Cor 5,14-17): Qual a força da comunidade cristã?

O trecho que a liturgia nos apresenta pertence a uma seção maior (5,11-6,2), cujo tema central é o do ministério da reconciliação confiado por Deus a Paulo. Nos versículos que antecedem nosso texto, Paulo corrige a posição de alguns carismáticos coríntios, segundo os quais ele não é apóstolo por não ter visto Jesus de Nazaré (vv. 11-13). Os missionários itinerantes que passavam por Corinto gostavam de se exibir mediante cenas de êxtase. Paulo já afirmara em 1Cor 14,19: “Numa assembléia, prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, a dizer dez mil palavras em

línguas”. Para ele, os que põem em dúvida o ministério que ele recebeu de Deus não são movidos pelo amor de Deus. Julgam pelas aparências e pertencem ao velho mundo, sem estar em Cristo (2Cor 5,16-17).

A força de Paulo e da comunidade cristã é o amor de Cristo (v. 14a). Esse amor é definido em termos de morte por nós. Na morte de Cristo todos nós morremos a fim de vivermos para ele (cf. Rm 5,8; 1Ts 5,10). Tal é o objetivo da morte de Cristo: resgatar a humanidade da desobediência e da vida, conduzindo-a novamente à vida em Deus (v. 15).

As conseqüências disso são bem claras: os adversários de Paulo afirmavam que ele não era apóstolo por não ter estado com Jesus de Nazaré. Paulo responde que pensar assim é agir segundo critérios humanos. O importante não é ter caminhado com Jesus pelas estradas da Galiléia, mas estar comprometido no anúncio e vivência de sua morte e ressurreição. Estas são ponto de partida da novidade de Deus: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passou o que era velho, e já se fez uma nova realidade” (v. 17). O mundo novo já foi inaugurado no evento pascal. E estar em Cristo significa participar, como Paulo, dessa nova realidade, superando rivalidades e divisões, pois a força que impele a comunidade à vida é o amor de Cristo levado às extremas conseqüências.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tema do *mar*, enquanto símbolo das forças hostis que oprimem as pessoas, domina a I leitura e o evangelho. Estes mesmos textos mostram que Deus é soberano sobre essas forças, conduzindo as comunidades cristãs “para a outra margem”. O “mar” é, hoje, o latifúndio, o desemprego, a violência, a falta de moradia, os salários de miséria, a corrupção, a impunidade, os desmandos do governo e dos poderosos, a falta de justiça, as discriminações, as mentiras que sustentam a estrutura social corrupta em que vivemos. Quem é Jesus dentro dessa realidade de morte? Onde e como senti-lo presente nas tempestades e na difícil travessia? Qual a força que anima nossas comunidades? (II leitura).

13.º DOM. COMUM (26 de junho)

A GLÓRIA DO NOSSO DEUS É O SER HUMANO VIVO E LIVRE

I. INTRODUÇÃO GERAL

O ser humano se defronta não só com a morte física, mas também com uma série de causas que mantêm pessoas submissas, escravizando-as e levando-as à morte prematura: corrupção, impunidade, especulação imobiliária, latifúndios, salários de fome, discriminação, marginalização, enfim, o caos social que marca o final deste século. Tudo isso não está de acordo com a vontade de Deus, pois a gló-

ria dele é o ser humano vivo e livre. A prática de Jesus o demonstrou (Evangelho). Cabe ao cristão e às pessoas de boa vontade lutar pela prática da justiça que vence o mal e a morte (I leitura), agindo solidariamente para que haja igualdade (II leitura). Aquele ideal de igualdade do êxodo é apelo urgente para acabar com o caos social implantado em nossa sociedade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 1,13-15; 2,23-24): A prática da justiça vence o mal e a morte

O livro da Sabedoria foi escrito na segunda metade do século I a.C. É o mais recente dos livros do Antigo Testamento. Seu Autor é um judeu piedoso de Alexandria (Egito), capital cultural do helenismo e lugar de grande concentração de judeus dispersos. A comunidade judaica de Alexandria sente o desejo de inculturar a fé judaica, assimilando os valores positivos da cultura grega, sem abandonar o núcleo central da fé judaica. O livro da Sabedoria é fruto desse desejo.

Os judeus de Alexandria sentiam que sua fidelidade ao Deus da Aliança era fortemente ameaçada pelo prestígio da civilização alexandrina: o poder de persuasão das escolas filosóficas, o progresso das ciências, o fascínio das religiões de mistérios, o interesse pela astrologia etc. Por isso, o Autor do livro da Sabedoria, usando a tática de atribuir a Salomão — o sábio por excelência — as sentenças do livro, pretende ajudar seus compatriotas a permanecerem firmes na fé sem perder a própria identidade.

Os primeiros cinco capítulos do livro — aos quais pertence o texto de hoje — mostram o papel da Sabedoria no destino das pessoas; comparam a sorte dos justos e dos ímpios durante a vida e depois da morte. Dentro desse contexto mais amplo é que a liturgia foi pescar os cinco versículos que compõem a I leitura deste domingo.

Esses versículos ampliam a idéia que lemos em Gn 1,31a: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”. De acordo com a Bíblia, caos, desordem, sofrimentos, morte, enfim, tudo o que despersonaliza e oprime pessoas não pode ser atribuído à vontade ou iniciativa de Deus, como pretendiam certas correntes de pensamento da época. O Deus da Bíblia é o Deus da vida, amante, promotor e sustentáculo da vida. Ele não criou a morte e nem sente nela prazer (1,13). Iahweh não se conforma com a morte de seus fiéis (cf. Sl 116,15), pois as coisas que ele fez são saudáveis e a morte não tem a última palavra em relação à existência das pessoas (1,14).

O v. 15, clímax e razão de todo o raciocínio do Autor, é uma afirmação breve, categórica e solene: “A justiça é imortal”. As pessoas daquele tempo desejavam e procuravam a imortalidade nas filosofias e religiões existentes; o Autor do livro da Sabedoria garante que a imortalidade existe; contudo, somente através da *prática da justiça* é que as pessoas possuirão a vida em plenitude.

O projeto de Deus na criação era integralmente bom e perfeito. O Autor chega a afirmar que “Deus criou o homem incorruptível” (2,23a). A morte, enquanto símbolo e síntese do antiprojeto, entrou no mundo por inveja do diabo, e os que pertencem ao diabo são vencidos pela morte (2,24). Com isso se quer, mais uma vez, afirmar que o plano de Deus é genuinamente bom e perfeito. Contudo, o ser humano se depara com a presença do mal e da morte, fatos não contemplados no projeto divino. Como superá-los? Através da prática da justiça. É por ela que os fiéis possuem a imortalidade, vencendo o mal e a morte.

2. Evangelho (Mc 5,21-43): Jesus quer as pessoas livres e vivas

Em 4,35-5,43 Marcos relata quatro milagres enquanto catequese progressiva que procura aprofundar a pergunta *quem é Jesus?* O evangelista quer levar os catecúmenos (e os cristãos a caminho) à descoberta de quem é Jesus, mediante as ações por ele realizadas (cf. evangelho do domingo anterior).

Os dois milagres escolhidos para este domingo (leitura longa: ressurreição da filha de Jairo e cura da mulher que tinha hemorragia) nos mostram quem é Jesus: é o Senhor da vida que quer as pessoas vivas e livres de tudo o que as oprime e marginaliza. De fato, no evangelho de hoje ele se ocupa com marginalizados: uma mulher doente em contínuo estado de impureza, e uma adolescente cuja vida foi prematuramente ceifada.

a. Jesus quer as pessoas livres (vv. 25-34)

Marcos coloriu o relato com tintas trágicas. De um lado, uma mulher que vai morrendo aos poucos em sua marginalidade; de outro, uma adolescente às portas da morte, que acaba morrendo porque Jesus demora em ir curá-la. O evangelista inseriu o episódio da hemorragia dentro do drama de Jairo e sua filha, aumentando assim a expectativa dos leitores e ressaltando que Jesus se interessa diretamente por todos os marginalizados.

Como em outras passagens, Marcos gosta de apresentar Jesus no meio da multidão, onde quer que esteja. O lugar de Jesus é no meio do povo, partilhando suas angústias, como a de Jairo, chefe da sinagoga, cuja filha está morrendo. O pai suplica-lhe que vá impor-lhe as mãos e curá-la (vv. 22-23).

É aqui que Marcos insere a cura de uma pessoa duplamente marginalizada: por ser mulher e portadora de longa doença. De fato, Lv 15,19.25-27 declarava impura toda mulher menstruada. Ora, essa mulher sofria de fluxo menstrual patológico (metrorragia crônica) há doze anos! Tudo o que tocasse tornava-se impuro! Sua situação era particularmente grave, obrigando-a ao estado de constante impureza religiosa, impedindo-a de entrar no templo e de participar das festas religiosas. Como a lepra, sua doença a excluía completamente do convívio social!

Além de marginalizada, fora explorada à exaustão em seus recursos econômicos: os médicos devoraram-lhe os bens sem devolver-lhe a saúde (v. 26).

No judaísmo daquele tempo os médicos não gozavam de boa fama (eram "cura-bolsos"). Isso nos faz pensar na indústria da doença, hoje.

A mulher é extremamente corajosa e cheia de fé. Sabe que, tocando algo ou alguém, torna-o impuro. Ela quebra as regras do jogo, movida pela fé: "Se ao menos tocar na roupa dele, ficarei curada" (v. 28). De fato, assim acontece (v. 29). Apesar de ter agido furtivamente (v. 27), o fato não passou despercebido a Jesus (v. 30). Os discípulos, sim, ignoram o fato (v. 31), pois ainda não entendem *por que* Jesus está no meio da multidão. Pedro, mais tarde, entenderá o que significa estar no meio do povo (cf. At 5,15).

A fé da mulher marginalizada, que transgrediu as regras impostas pelo tabu, recebe aprovação e encorajamento de Jesus. Ele é *pai* dos marginalizados: "Filha, sua fé a curou. Vá em paz, e fique curada dessa doença" (v. 34). O episódio mostra quem é Jesus: é o que reintegra os marginalizados no convívio social, libertando-os de suas opressões e discriminações. Ele quer as pessoas livres!

b. Jesus quer as pessoas vivas (vv. 35-43)

O texto retoma o drama de Jairo e sua filha. A situação se agravou com a demora de Jesus em atender o pedido do pai. Ele recebe a notícia: "Sua filha morreu. Por que ainda incomodar o mestre?" (v. 35b). A demora de Jesus tem, para Marcos, escope catequético: Jesus cura doentes; mas o que poderá fazer diante da morte? A resposta de Jesus a Jairo mostra o caminho catequético a ser percorrido: "Não tenha medo; basta ter fé" (v. 36b). Quem crê que Jesus pode curar os doentes deverá dar um passo de qualidade: ele não só tem poder sobre o mal, mas também sobre a morte. O desespero dos parentes da menina e a caçoadas ante as palavras de Jesus: "A menina está dormindo" (v. 39), demonstram que estamos diante de um fato consumado: ela morreu! Mas Jesus é mais forte que a morte: "Menina, levante-se!" (v. 41b). O fato é testemunhado pelos pais da adolescente e por alguns discípulos (v. 40b). Jesus vence a morte. É Senhor da vida. Ele ressuscita os mortos com sua palavra e com o poder de Deus que age nele. Assim manifesta que Deus não criou a morte (cf. I leitura), nem se agrada com a morte de suas criaturas (cf. Sl 116,15).

Quem é Jesus? É o Senhor da vida! Mas isso não é tudo. Ele recomenda segredo (v. 43) porque o cristão não pode se acomodar a uma definição. O caminho de Jesus prossegue até vencer a própria morte, ressuscitando. E aí começa o caminho do cristão: repetir a prática de Jesus, reintegrando os marginalizados, privados de vida e liberdade.

3. II leitura (2Cor 8,7.9.13-15): A solidariedade é vida para os pobres

Há anos a comunidade de Jerusalém enfrenta graves dificuldades para sobreviver. Desde o Concílio de Jerusalém (ano 49) Paulo fizera a "opção preferencial pelos pobres" (cf. Gl 2,10), dedicando-

se com solicitude no auxílio das comunidades empobrecidas, promovendo campanhas de solidariedade para com os irmãos de Jerusalém.

Em 2Cor 8-9 ele trata desse tema, mostrando a *raiz* e o *objetivo* da solidariedade cristã. A *raiz* é a solidariedade de nosso Senhor Jesus Cristo: sendo rico, por vocês se fez pobre, a fim de que, pela sua pobreza, vocês se tornassem ricos (8,9). A solidariedade cristã nasce de Jesus, de sua humanidade, de sua entrega total e gratuita para que todos tenham vida. O *objetivo* da solidariedade cristã é a igualdade: que haja igualdade!

Nossa sociedade é marcada pela ganância e acúmulo selvagem de bens, em detrimento de muitos: ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres. O objetivo da solidariedade cristã é que haja sempre menos pobres à custa de ricos cada vez menos ricos. E assim haja igualdade!

Paulo mexe com os brios da comunidade de Corinto. Apela para o exemplo dos macedônios (Tessalônica e arredores) que, na sua extrema pobreza, transbordaram em tesouros de liberalidade (8,2). É que os pobres normalmente são mais sensíveis à miséria de alguém mais pobre! Paulo apela também para as *riquezas* que os coríntios julgavam ter: fé, palavra, conhecimento, toda espécie de solicitude e amor recebido dos apóstolos (8,7). E pede para que se distingam também na obra da caridade, ou seja, ajudar materialmente os pobres de Jerusalém.

O ideal de igualdade é justificado na carta, citando o Antigo Testamento: "Quem muito recolheu não teve de sobra; quem pouco recolheu não sentiu falta" (8,15; cf. Ex 16,18). É o ideal do deserto, onde os bens da criação eram partilhados fraternalmente, sem falta ou excesso. Se há desigualdade é porque a ganância tomou o lugar da solidariedade; se há pobres é porque há ricos gananciosos; se há injustiça é porque existe corrupção e impunidade. E tudo isso contrasta fortemente com a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo!

Paulo garante que não é possível acabar com a miséria sem mexer nos bens dos ricos. A vida dos pobres depende da solidariedade que, em nossos dias se traduz em justiça, reforma agrária, salários dignos, saúde e educação acessíveis a todos, política habitacional justa, preços dos produtos agrícolas compatíveis com o trabalho do agricultor, incentivo ao pequeno produtor etc.

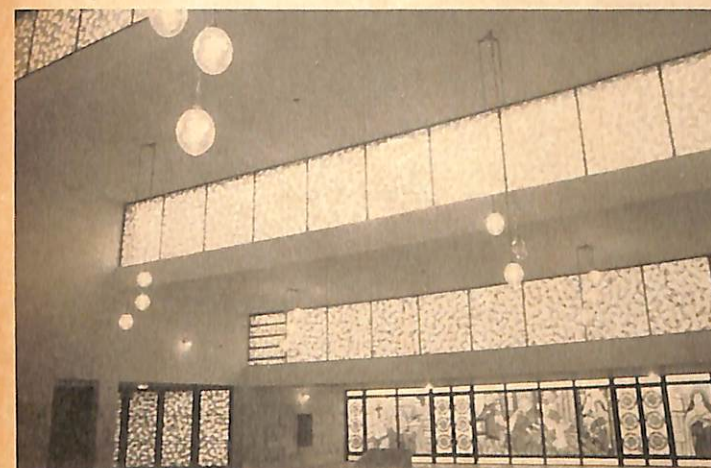
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

- *A prática da justiça vence o mal e a morte* (I leitura). Incentivar as lutas pela justiça na comunidade e nos movimentos populares reivindicatórios.
- *Jesus quer as pessoas livres e vivas* (Evangelho). Confrontar a prática de Jesus contra a marginalização, opressão e morte, com a prática da comunidade cristã.

- *A solidariedade é vida para os pobres* (II leitura). Ser solidário é dar esmolas? É possível acabar com a miséria sem mexer profundamente nas estruturas da sociedade que privilegiam uns (latifundiários, banqueiros etc.) em prejuízo dos outros?

VITRART VITRAIS

Carmelo Sta. Terezinha do M. Jesus — 175m² — Campinas, SP



Detalhe do Vitral principal do Carmelo Sta. Terezinha do M. Jesus, Campinas

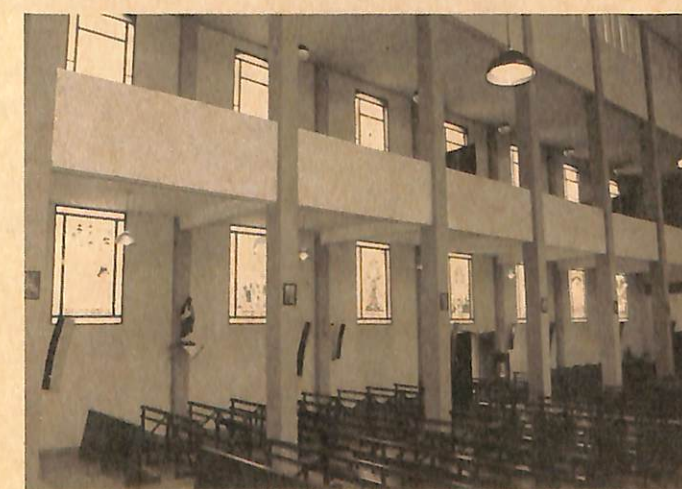
Fundindo os seus vitrais **exclusivamente** com as texturas de vidro, a Vitrart consegue um produto acabado de extrema beleza e total segurança e, por serem inquebráveis, dispensam qualquer tipo de proteção. Fornecemos: — total assistência na parte artística, criando ou reproduzindo qualquer estilo de desenho ou Arte Sacra; — uso ilimitado de cores; — assistência técnica quanto à colocação, vedação e iluminação dos vitrais.

Venha fazer-nos uma visita e comprove a qualidade dos nossos vitrais, ou então, solicite-nos um orçamento sem compromisso.

Estaremos sempre prontos a atendê-lo.



Detalhe da 3ª janela - Igreja N.S. do Montenegro — Jundiaí, SP



Igreja N.S. do Montenegro — 230m² — Jundiaí, SP

VITRART VITRAIS — Artesanato em Vitrais Ltda.

Em São Paulo — Show-Room e Central de Vendas para atendimento em todo o Brasil:
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1.756 — CEP 01403 — Fones: (011) 885-5291 / 885-2436

É DE NOVO TEMPO DE ROMANCE

ROMANCES DE TODOS OS TEMPOS PARA JOVENS DE TODAS AS IDADES



MATTEO BANDELLO
ROMEU E JULIETA

80 pp., Cz\$ 210,00.



HONORÉ DE BALZAC
UMA PAIXÃO NO DESERTO

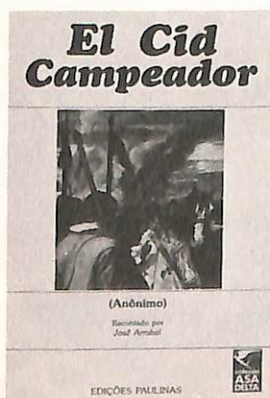
104 pp., Cz\$ 240,00



MIKHAÍL M. ZÓCHTCHENKO
"CAUSOS" RUSSOS

(Contos de humor)

112 pp., Cz\$ 250,00



ANÔNIMO
EL CID
CAMPEADOR

Recontado por
José Arrabal
136 pp.,
Cz\$ 270,00



TOLSTÓI,
GORKI,
PÚCHKIN,
TCHÊKHOV,
LIÊRMONTOV,
TURGUÊNIEV,
GÁRCHIN,
GRIN
SALADA RUSSA
160 pp., Cz\$ 290,00

Para adquirir qualquer um destes livros, preencha e devolva o Cartão-Resposta Comercial da sobrecapa desta Revista, ou procure-os na livraria de EDIÇÕES PAULINAS mais próxima.